

pão com
manteiga
quentinho
e café

Ana Paula da Silva Pena

Som
da crosta
do pão

Alguém fica
com fome
na escola?



Boa,
Vamo
comer
o pão que
o diabo
amassou!

O Pão que a gente compartilha:

Experiências significativas e encantadas no território escolar

fazer
cuidado
pra não
queimar!

Que outras
fomes existem
na escola?

Minha
vó disse
que
precisa
esfiar

Belo Horizonte

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG

2023

Ana Paula da Silva Pena

O PÃO QUE A GENTE COMPARTILHA:
experiências significativas e encantadas no território escolar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos do Lazer.

Área de concentração: Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional / UFMG
2023

P397 Pena, Ana Paula da Silva
2023 O Pão que a gente compartilha: experiências significativas e encantadas no território escolar. [manuscrito] / Ana Paula da Silva Pena - 2023.
142 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 129-131

1. Pesquisa educacional - Teses. 2. Comunidade e escola - Teses. 3. Pão - Teses.
I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Antônio Afonso Pereira Júnior, CRB6: n° 2637 da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 194ª DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**ANA PAULA DA SILVA PENA**

Às 09h00min do dia 27 de outubro de 2023, reuniu-se no MiniAuditório da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "*O Pão que a gente compartilha: Experiências significativas e encantadas no território escolar*", requisito final para a obtenção do Grau de Mestra em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Profa. Dra. Juliana Gouthier Macedo (UFMG)	X	
Profa. Dra. Sônia Cristina de Assis (UEMG)	X	
Prof. Dr. Eugenio Tadeu Pereira (UFMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O resultado final foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 27 de outubro de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)

Prof. Dr. Eugenio Tadeu Pereira (UFMG)
Profa. Dra. Juliana Gouthier Macedo (UFMG)
Profa. Dra. Sônia Cristina de Assis (UEMG)



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Cristina de Assis, Usuário Externo**, em 09/11/2023, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Gouthier Macedo, Professora do Magistério Superior**, em 13/11/2023, às 10:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 16/11/2023, às 08:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eugenio Tadeu Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 19/11/2023, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2716750** e o código CRC **5727FD36**.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é soberanamente e acima de tudo ao acaso.

O acaso, suas surpresas e seus mistérios, me colocaram como professora de Artes da EJA no Centro Pedagógico em 2020, onde o professor Luiz Nicácio era coordenador, e foi ele, numa conversa desprentensiosa que me falou desse programa de pós graduação, tão imenso, que me acolheu tão afetuosamente. Entre tantos outros processos, obrigada, Luiz!

O acaso, também traçou as pontes, que fomos construindo no NaPratica, com colegas tão queridos e que me colocou ao lado do meu orientador, Zé Alfredo. Todos os dias eu agradeço pela presença do Zé em minha vida e trajetória acadêmica, a forma como ele acolheu essa pesquisa e essa pesquisadora, foi de um afeto imenso, de um carinho e de um respeito sem dimensões. Esse trabalho é nosso, tenho muito orgulho dele e muito orgulho de ter sido orientada por você, Zé Brinquedo.

Agradeço aos que seguiram na caminhada comigo lá da Graduação em Teatro, ouvindo minhas questões de madrugada e contribuindo com uma leitura, com uma ida ao teatro e com uma boa prosa, com amor e amizade. Léo Azevedo, Luiz Phelipe, Madu, Renan, Patrícia, Matheus e Tainan.

Aos queridos amigos Wan Douglas, Débora Máximo, Géssica Emanuelle, Iberto Keven, Keke Gomes, Rafa Martins, Paulinho do Boi, Erick Pinguim, Alisson Oliveira, Mileide Moura, obrigada por tudo!

Agradeço ao meu irmão Gabriel, que foi um parceiro gigante durante esse período, que esteve do meu lado em momentos delicados e divertidos, que me reapresentou Ouro Preto, e tornou essa experiência imensa. Te amo muito, caçulinha!

Agradeço a infinita generosidade do meu companheiro João, que além da parceria e do amor de sempre, se dispôs muitas noites a revisar meus textos, a ouvir todas as novidades e a me provocar teoricamente e sensivelmente, a partir do seu fantástico olhar de professor, te amo muito!

Agradeço às pessoas queridas que Ouro Preto me presenteou, Ítalo, pelo reencontro, Jenny, Pedro, Jazz, Marcos, Lívia e Lucinha. A presença de vocês foi um presente enorme na minha vida e que sem dúvidas contribui para essa escrita.

Agradeço aos meus colegas de turma que atravessaram esse momento junto. Obrigada pelo respeito e incentivo de sempre!

Agradeço por fim ao território escolar que me acolheu, sem o qual, nada disso seria possível ou teria sentido.

Ao Fabrício Bicalho e a Glauciane que responderam o e-mail de convite e toparam esse trabalho. À Patrícia Ramos, professora e colaboradora, que acolheu a pesquisa e foi uma parceira maravilhosa! Agradeço pelos almoços que passamos juntas e por ter acreditado nesse trampo, que nossos caminhos se cruzem sempre!

Agradeço à turma do 9º ano Integral que mergulhou junto nessa pesquisa e me recebeu com muito amor. A vocês desejo tudo que o mundo tem de melhor!

Agradeço aos demais membros da comunidade escolar que deram uma espiada nessa pesquisa, provaram um pãozinho e contribuíram de alguma forma para que esse trabalho fosse real.

Agradeço às experiências sensíveis da cultura popular, do boi, do samba de rua, dos tambores do congado, da poesia de biroscas, o teatro popular, o carnaval de rua e as festas juninas, que me preenchem e me dão sentido de vida e que foram refúgio em dias e noites de produção desse trabalho.

E agradeço, sem dúvidas, aos governos populares, de 2002, 2006, 2010 e 2014 que instituíram diversas políticas públicas de acesso a educação, a assistência social, a alimentação, a cultura que possibilitaram que uma moradora da periferia de Sete Lagoas pudesse chegar até aqui, do PNAE ao PNAES! Obrigada!

Agradeço a minha mãe e a minha vó pela força e pela leveza e por tantos ensinamentos. Finalizo essa dissertação com o coração cheio de esperanças e afeto, apesar do tempo sombrio que vivemos, das desigualdades imensas, dos perrengues, noites sem dormir... Eu, sou a mulher mais feliz do mundo todo, que esse trabalho seja uma pedrinha miudinha nesse mundão, ele é sobre nós!

Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos que me proporcionou realizar essa pesquisa.

PEQUENAS EPÍGRAFES QUE CARACTERIZAM ESSE TRABALHO

O importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos.

Conceição Evaristo | Citação feita durante o programa "Roda Viva".

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: — Me ajuda a olhar!

Eduardo Galeano | O Livro dos Abraços

Os olhos brasileiros são os únicos que tenho para mirar os dias. É com eles que eu busco conhecer e, mais do que isso, me reconhecer, na aldeia dos meus pais e do meu filho - terra das alegrias na fresta, das canções de gentilezas e dos fuzuês onde, amiúde, não se imaginaria, de tão escassa a vida. O resto são as coisas e as pessoas poderosas, inimigas dos rios e das ruas, e suas irrelevâncias.

Luiz Antônio Simas | Pedrinhas Miudinhas

Dedico esse trabalho a todas professoras e professores não atuantes, estes e estas que ainda não conseguiram um cargo na docência. Estes e estas que, pela sobrevivência, trabalham como motoristas de aplicativos, garçonetes, faxineiras, entregadores, vendedores, secretários(as) enquanto sonham e lutam por uma vaga para poderem exercer sua profissão, que aceitam um mísero cargo de 6h concedido via título precário (designação) para poderem manter a docência viva . Vocês também constroem a educação, vocês também são a educação. E desejo que até essa vaga chegar, os nossos sonhos permaneçam acesos e latentes.

Coragem!

RESUMO

Com o intuito de compreender o território escolar como campo de experiências significativas de lazer, este trabalho apresenta uma investigação do impacto de oficinas de pão no território escolar e suas potências transformadoras. Além disso, refletiu-se sobre o engajamento de jovens estudantes e de professores de uma escola pública de Antônio Pereira, distrito da cidade de Ouro Preto, do interior de Minas Gerais, em relação às atividades propostas no contexto da pesquisa-ação colaborativa. Buscou-se investigar as possíveis transformações no ambiente escolar a partir de experiências estéticas, culinárias e artísticas, juntamente com um grupo formado por professoras(es) e estudantes. Para alcançar os objetivos propostos, os processos metodológicos estão pautados na noção de pesquisa colaborativa da professora Maria Inês Goulart e na noção de saber encantado dos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino. Por fim, os processos metodológicos convidaram a comunidade escolar às atividades outras dentro de seu território, tais como: partilhar a experiência de produzir e comer um pão; partilhas de memórias individuais e coletivas relacionadas aos sentidos (sabores, aromas e texturas) e a discutir seus anseios e desejos para aquele território.

Ao final, refletiu-se sobre a relação lazer e escola, e as possibilidades de alcançar inéditos viáveis por meio de atividades de lazer no território escolar temperadas e embebidas das potências da comunidade de estudantes e professores.

Palavras-chave: Atividades Significativas; Saberes Encantados; Pão; Comunidade Escolar; Pesquisa Colaborativa.

RESUMEN

Con el objetivo de comprender el territorio escolar como un campo de experiencias significativas de ocio, este trabajo presenta una investigación sobre el impacto de los talleres de pan en el territorio escolar y sus poderes transformadores. Además, reflexionó sobre el compromiso de jóvenes estudiantes y profesores de una escuela pública de Antônio Pereira, distrito de la ciudad de Ouro Preto, en el interior de Minas Gerais, en relación con las actividades propuestas en el contexto de la investigación-acción colaborativa. Buscamos investigar las posibles transformaciones en el ambiente escolar a partir de experiencias estéticas, culinarias y artísticas, junto a un grupo formado por docentes y estudiantes. Para alcanzar los objetivos propuestos, los procesos metodológicos se basan en la noción de investigación colaborativa de la profesora Maria Inês Goulart y la noción de conocimiento encantado de los profesores Luiz Antônio Simas y Luiz Rufino. Finalmente, los procesos metodológicos invitaron a la comunidad escolar a otras actividades dentro de su territorio, como: compartir la experiencia de producir y comer pan; compartir memorias individuales y colectivas relacionadas con los sentidos (sabores, aromas y texturas) y discutir sus anhelos y deseos por ese territorio.

Al final, se reflexionó sobre la relación entre ocio y escuela, y las posibilidades de alcanzar posibilidades inéditas a través de actividades de ocio en el territorio escolar atemperadas y empapadas de las competencias de la comunidad de estudiantes y profesores.

Palabras clave: Actividades Significativas; Conocimiento encantado; Pan; Comunidad escolar; Investigación Colaborativa.

SUMÁRIO

Pequena nota da autora	13
OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI: Um pequeno relicário pessoal	14
CAPÍTULO 1 UMA PROSA E UMA PROVA INICIAL SOBRE PÃO, ESCOLA E JUVENTUDES	21
1.1. Uma conversa sobre experiências significativas no território escoLAR: Pão e temporalidade	23
1.2 JUVENTUDE(S): Diálogos, saberes e sabores.....	28
1.3 SÃO NECESSÁRIAS LÓGICAS OUTRAS PARA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS OUTROS: Metodologias em cruzo	35
CAPÍTULO 2 A ESCOLA E O PÃO: SERÁ QUE ESSA MASSA CRESCE?.....	39
2.1 AS ESCOLAS E A LAMA: Quando o leite derrama.....	39
2.2 Escola Estadual Professora Daura de Carvalho	41
CAPÍTULO 3	45
O PÃO FEITO A MUITAS MÃOS	45
3.1 RELATOS DOS ENCONTROS REALIZADOS NA ESCOLA ESTADUAL DAURA DE CARVALHO NETO	45
CAPÍTULO 4	108
4.1 LAZER E ESCOLA: INÉDITOS VIÁVEIS E PEQUENAS RECEITAS	113
INCERTEZAS FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	127
ANEXOS.....	130

Pequena nota da autora

Busquei nesta dissertação dizer o indizível, o que as palavras não conseguem traduzir ou manifestar, uma tentativa falha, mas um exercício interessante. Por um pequeno momento, gostaria de convidar você leitora ou leitor a fechar as janelas do seu computador e abrir a janela da sua casa, se houver alguma planta, que você possa estar perto dela, e que tenha feito um lanche, e caso não tenha feito, desejo que essa leitura possa te deixar com água na boca e com fome, em todos os sentidos cabíveis. Na tentativa de fuga do simulacro da vida, essa existência artificial (SARLO, 1997) que estamos aderindo há anos, sem perceber, é preciso massa. Massa. Massa de qualquer coisa.

Massa muscular, massa de trigo, massa de cimento, massa de modelar, massa de amassar, massa de amasso, amasso que é sinônimo de aperto, aperto que é o avesso de afrouxar e o que nos leva a Guimarães Rosa, que diz que a vida é apertar e afrouxar, esquentar e esfriar e que no fim das contas, o que ela quer da gente é coragem. Para fugir do simulacro da vida é preciso coragem e massa. Antes de dizer isso para você que lê essa dissertação, digo para mim mesma. Coragem, porque não existem, ainda, estudos antropológicos suficientes para descrever a amargura e “cinzentidão” que paira sobre os nossos territórios, nossas casas, ruas e cidades, o que o filósofo Ailton Krenak nomeou de Humanidade - Zumbi. E ter coragem não significa apenas ir a manifestações, respirar gás lacrimogêneo ou fazer parte das organizações que lutam bravamente pelos direitos de todas e todos.

Ter coragem também é se posicionar nas pequenezas do cotidiano. Ter coragem é ouvir uma criança, admirar e aprender com ela, as belezas que a gente esqueceu de reparar.

Ter coragem é no meio do tumulto, ouvir os passarinhos, sorrir e lembrar que sim, estamos vivas e vivos. Ter coragem é pisar no chão da escola, respeitando aqueles que vieram antes e abrindo caminhos para aqueles que virão depois. Ter coragem é não sucumbir. E para não sucumbir a gente precisa de massa, de textura, de força, de sova, de liga, de ligarmos quando a coisa apertar. Nem sempre tudo dá certo, mas é preciso coragem, e não digo isso em tom de cobrança, mas em tom de ânimo e com as forças dos braços de minha vó, que sovaram tanta massa de pão, e dos meus braços que limpavam casas de gente rica, prepararam comidas em restaurantes, que sovaram pão, que planejaram aulas, que levantaram um copo para brindar e que escrevem hoje essa dissertação de mestrado. Almejo aqui algumas esperanças: Desinstrumentalizar a educação, desprodutivizar a educação, desmilitarizar a educação. Para talvez assim, desinstrumentalizar e desprodutivizar o sentido da vida, que tem tantas outras significâncias para além do trabalho. Imagino que possa parecer sonho de juventude, mas reitero, é preciso coragem e massa. Não tenho a pretensão de criar nenhuma frase de efeito, apenas de reiterar o que já disseram por aí: A VIDA NÃO É ÚTIL. Aproveite para tomar um café e ver o céu antes de prosseguir.

OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI: Um pequeno relicário pessoal

Depois que fiz 18 anos e me mudei para Belo Horizonte aproveitei muito o fervor de uma capital que tem a pluralidade de eventos culturais, de locais, sujeitos e comunidades. Fui a muitas festas, conheci pessoas de outras regiões do Brasil e outras nacionalidades, tive contato bem a fundo com diversos movimentos sociais e militâncias de diversas pautas. Fui amando a ideia de que podia fazer tudo a todo tempo: ir a um espetáculo, a uma festa, fazer um freelancer, depois estudar para faculdade, me preparar para um seminário, ler um livro, fazer uma oficina de teatro, participar dos movimentos, das cadeiras estudantis da UFMG e fui tornando isso um ciclo vicioso, não havia nunca um respiro, queria engolir tudo, tudo que não tive acesso outrora. Até o momento que fui tomada por algo que não sei nomear, uma sensação imensa de que algo faltava, algo que eu não sabia o que era, tentei trocar minhas atividades, mas nada, nada resolvia essa sensação incômoda de falta.

Refletindo a fundo, recordei-me do meu ensino médio, e rememorei diversas vivências. Estudei em uma escola pública periférica, no bairro onde eu residia, na cidade de Sete Lagoas - MG, fui jovem aprendiz e fazia teatro, uma rotina que começa às 5h30 da manhã e terminava às 22h da noite. Naquele momento eu entendia que o teatro e as vivências artísticas propiciadas por projetos sociais eram a melhor coisa que me aconteceu na vida, aquelas experiências me preenchiam de sentido.

Minha turma de teatro do CAIC¹, se tornou a Ovorini Carpintaria Cênica que com muita luta participou de vários festivais de teatro na região sudeste e me proporcionou uma ida à Pernambuco para viver o 6º Festival Internacional de Teatro de Igarassu, viajei de avião pela primeira vez. E eu precisava estudar para cumprir com os acordos familiares (Só pode fazer teatro se tiver boas notas), precisava trabalhar para ajudar no orçamento de casa para compensar uma figura paterna que nunca pagou o valor correto de pensão e queria fazer teatro, que não me dava retorno financeiro, mas me proporcionava afeto, prazer, reflexão, o que a escola e outros ambientes não me proporcionaram, e isso sempre foi muito difícil de explicar para minha família e para os meus professores.

Eu não queria fazer graduação, não achava que fazia o perfil de estudante de universidade, mas por meio de muitos acordos concordei que sim, prestaria o ENEM se pudesse

¹ Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC). O CAIC - Profº Galvão em Sete Lagoas é uma escola municipal que oferece Educação Infantil ao Ensino Fundamental - Anos Finais. Além da educação regular, os CAICs contam com o Tempo Integral, em que, no contraturno escolar, oferta oficinas artísticas e esportivas para os e as estudantes. Oficinas como Teatro, Jazz, Ballet, Judô, Violão, Teclado, Coral, Pintura, entre outras.

fazer Teatro ou Artes Cênicas, mesmo achando que jamais entraria na UFMG, foi aqui, nesta casa, que cursei Licenciatura em Teatro.

Precisei contar essa parte da minha vida, de forma meio atravessada e não linear, para dizer que inconscientemente eu flertei desde a adolescência com aquilo que o capitalismo mais gosta de usar como propaganda do seu projeto de mortandade: RESILIÊNCIA. Ser capaz de dar conta de tudo para que pudesse então, fazer aquilo que me dava sentido. É claro que a inconsciência vem da desigualdade social, para que então eu pudesse ter acesso eu precisei correr um pouco mais, e fazer um pouco mais, meu corpo foi treinado para isso, e a gente vai se acostumando com um ritmo, com uma sociedade que celebra a exaustão, que incentiva o produtivismo.

Todas as vezes que era tomada por esse sentimento de falta que mencionei no início, algumas imagens da minha infância passavam como filmes na minha cabeça, a mais forte de todas, já usei para exemplificar a noção de experiência (2002) de Larrosa e o que chamo de *devagar-se*.

Meus avós viviam na roça, no interior de Sete Lagoas, quando podíamos, passávamos alguns dias por lá, minha vó tinha hábito de fazer muito pão, queijo, broa, bolacha de nata, biscoito de polvilho. No pé do forno a lenha, que ela e meu avô fizeram, eu me lembro de acordar de manhã com um cheiro doce que povoava a casa. Era a fatia de canela, ou rosca de canela, como alguns chamam, e me lembro do contraste do pão quentinho, do café forte e do vento frio, do som dos passarinhos ao fundo que transitavam pela varanda, dos cachorros correndo, do meu irmão e dos meus primos combinando de ir pegar ovos no galinheiro, da minha avó sentada na mureta descascando uma laranja dizendo que a fruta é boa para espantar a gripe.

Imagem 1: Dona Ducarmo Luiz Pena, sentada na varanda de sua casa, na zona rural da cidade Sete Lagoas.



Fonte: Arquivo Pessoal. Jan.2017.

Uma outra memória relíquia que tenho é que o tempo todo meu irmão, eu e minhas primas, ficávamos andando atrás da minha vó pelo mato... todo canto que ela ia, nós íamos atrás. Começava de manhã, o galo cacarejava, todo mundo ia levantando, a vó fazia o café... depois de todo mundo comer, ela e o vô iam pro curral tirar leite, e uma fileira de criança ia andando atrás. A gente sentava e se escorava nas madeiras do curral, ela e o vô iam tirar o leite. Era um balde para nós, uma tigela para o gato e o outro peito era do bezerro. Depois, era hora de separar o leite de beber e o leite de fazer queijo. Quando a vó dizia que ia fazer queijo, começava uma espécie de saga épica. A vó começava o processo, esquentava o leite, botava um tiquinho de sal e depois botava o coalho. Deixava num cantinho e mandava a gente ir brincar com qualquer coisa, que ia demorar até ficar pronto.

No dia seguinte, de manhã, todo mundo tomava café e ia atrás da vó. Depois do coalho, era hora de separar o soro e colocar na forma. A gente ficava procurando coisa para fazer, enquanto esperava pela vó, que às vezes aparecia e dizia: *“Ó, eu vou lá virar o queijo, quer ir ver?”* E todo mundo parava o que quer que estava fazendo pra ir ver a vó virar o queijo e botar sal. E depois a gente passava horas indo até a vó para perguntar: *“Vó, o queijo tá pronto?”*

Após muita espera, no dia seguinte, era a hora de tomar café. Mesa de madeira, meio gasta de cupim, aquele forro de plástico com uns detalhezinhos bonitinhos, café no bule, pãozinho na forma de alumínio feito pela vó também. Todo mundo meio sonolento ainda, e eis que a vó surge com um prato marrom de vidro com o queijo. O tão esperado queijo. A gente olhava e já tava ela com a faca e perguntando: *“Vai pôr no pão ou vai comer puro?”* Para mim era sempre no pão, queijo no pão, café com leite no copo.

Perguntava-me como podia minha vó não ir ao supermercado com tanta frequência, como podíamos ter a condição social que tínhamos e mesmo assim, comer de forma tão satisfatória quando estávamos lá. Lembro-me de que sempre levávamos pão para casa, que minha mãe cortava para que pudesse render pelo menos até o fim da semana. Por um tempo, até achei que estava sentindo falta de minha família, que a vida na capital não me encantava mais, mas fato é que nunca tive muito desejo de retornar a Sete Lagoas, por uma série de outras questões, então não podia ser isso. Convivi com esse sentimento durante muito tempo, buscando por sentido, por um caminho na docência que me levasse a um lugar diferente ao que tive acesso na escola que estudei, buscando nas artes, alguma resposta, tentando compreender porque chorava tanto quando via o congado, porque gostava tanto de estar na presença de crianças e de pessoas mais velhas.

E por incrível que pareça, a graduação que eu não queria fazer, me deu uma pista. Foi lendo despreziosamente “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” de Jorge

Larrosa que entrei em crise e entendi o que se passava. Entendi naquele momento, que me faltava experiência. Foi quando comecei a repensar muitas coisas. Por isso que quando era tomada por essa sensação de esvaziamento de sentido, as minhas lembranças de roça vinham à minha memória, o pão de minha vó ocupava minha cabeça. Parece que o tempo todo eu estava buscando por isso, mas indo na direção contrária, eu não precisava fazer mais coisas, na verdade, precisava parar de fazer coisas.

Recentemente, entendi que não era a experiência que me faltava. Por diversos momentos vivi sim de forma significativa, principalmente momentos ligados à arte, à comida, às minhas relações de afeto, aos meus momentos de sensibilidade.

Mas me faltava tempo.

Faltava-me o tempo que eu tinha quando ia à roça para descobrir que as folhas secas tem mais sonoridade que as folhas verdes, para descobrir que a picada de uma formiga pequena doía mais que a de uma formiga grande, que amora mancha a roupa, o tempo que eu tinha para inventar brinquedos com galhos. Faltava-me o tempo do pão, misturar, sovar, crescer, assar, povoar a casa com seu cheiro e a boca com seu sabor.

Então, o que eu achei que tinha descoberto lendo Larrosa, o meu corpo já me dava sinais que eu não conseguia perceber, quando ia ao teatro e parecia estar tão confortável, quando fazia pão com os amigos na moradia universitária, quando fazia oficinas de jogos teatrais pela simples delícia da diversão de rir, quando me deparava com um grupo de Boi Bumbá e começava a chorar com as toadas, quando eu queria que todos os dias fossem domingos. Mas, viciada no padrão, precisei que um texto acadêmico me fizesse enxergar aquilo que meu corpo já me dizia há anos. E tomar consciência disso é muito doloroso. E digo tomar consciência não é ouvir uma palestra marxista e achar que entendeu que o mundo é capitalista e que a partir desse momento, você está fora dele, como pensei que estava, a gente entende que está no sistema sempre da forma mais cruel possível, quando descobrimos aquilo que nos foi roubado. E nesse caso, a partir das minhas experiências de vida, ainda que seja jovem, percebo que o tempo nos é roubado.

Eu sabia que queria fazer diferente, que queria ser uma professora que ouve, que proporciona experiência, que respeita os saberes, que queria contribuir junto a pares a construção de escolas que façam sentido na vida dos estudantes, sentido que não encontramos nas nossas passagens pelos territórios escolares. Sabia que queria fazer teatro de forma diferente, de forma politizada, que contribuísse com a desmecanização do corpo, como nos diz Boal, mas para isso, eu precisava tomar consciência, de uma vez por todas, que fazia parte desse

sistema, que vez ou outra até podia me desviar, mas que estava (como estamos) inserida nele, e só podemos quebrá-lo por dentro. Não me culpo por isso, nem culpo ninguém que esteja nos processos *workaholic*, ninguém faz isso porque quer, o medo de não ter comida na geladeira e a constante necessidade de aprovação, ainda faz com que eu flerte com o pensamento:

“Será que estou perdendo tempo cuidando de planta?”

A minha condição não é só minha, é de tantas e tantos.

No Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (PPGIEL-UFMG), encontrei sujeitos e referências que pudessem me ajudar a refletir sobre o tempo, sobre as experiências, e sobre a noção de vida. Junto a esses sujeitos e referência trago outras pedrinhas miudinhas dos meus caminhos na arte da cena, na fotografia, de Sete Lagoas, de Belo Horizonte, do Vale do Mucuri, de Ouro Preto.

E o pão, eu trago de casa mesmo. E junto dele, trago toda sua imensidão de significados que me são tão preciosos, pão que mata a fome, pão de que povoa a casa com cheiro doce, pão que é saber, pão que é cuidado e afeto, pão que é feito por várias mãos, pão que é celebração e festa. O pão é o sopro de vida que pode povoar a escola de algo que ela precisa tanto: encantamento.

Assim, essa pesquisa teve o objetivo de problematizar o território escolar como um campo de experiências significativas de lazer, a partir das experiências propostas pela pesquisadora. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual, no distrito de Antônio Pereira (Ouro Preto - MG) com estudantes do 9º ano e professores da educação básica.

A partir da pesquisa colaborativa, realizamos sete encontros, entre eles, as oficinas de pães e rodas de conversas que nos possibilitaram refletir, sonhar e materializar a escola que desejamos construir. Estes encontros aconteceram entre novembro de 2022 e abril de 2023.

No capítulo 1, apresentamos os ingredientes essenciais que compõem essa pesquisa: as escolas, a juventude, o pão e o tempo. A escola é o território da pesquisa, a juventude é o público, o tempo é aquilo que desejamos refletir e viver de outra forma, e o pão é o nosso meio, concreto e metafórico. Ao final, apresentamos a metodologia que dá vida a esses ingredientes, o nosso fermento. O entendimento de cruzo (SIMAS, RUFINO, 2018) foi primordial para que pudéssemos realizar essa pesquisa. Esse entendimento nos permitiu compreender que para a construção de realidades outras, que não essa imposta pelo sistema capitalista, precisamos de *modus operandi* outros. Se o capitalismo cria hierarquização entre saberes e distingue o que é útil do que não é, o cruzo compreende que todas as formas de conhecimento são válidas, elas não se sobrepõem uma à outra, mas cruzam-se.

No capítulo 2, apresentamos o caminho trilhado pela pesquisadora para encontrar uma escola que apresentasse desejo e tempo disponível para participar da pesquisa. Neste capítulo, decidimos não omitir os contatos que não deram certo, os evidenciamos, por entender que a recusa em participar, por diversos motivos, faz parte do problema de pesquisa. As escolas estão tão sufocadas em suas demandas, em seus *checklists*, que não têm tempo para aquilo que é sua função: ser escola.

Além disso, também descrevemos a Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto, que aceitou participar da pesquisa. Esta escola está localizada no distrito de Antônio Pereira, como já mencionado, onde existe uma barragem de rejeitos da mineradora Vale a 5km da escola.

No capítulo 3, descrevemos os sete encontros realizados na E.E. Prof^a Daura, entre as rodas de conversa e as oficinas de pães. Nestes encontros tivemos a oportunidade, enquanto grupo pesquisador, de vivenciar a escola de outra forma, a partir de outra relação entre professores e estudantes. Diversos tensionamentos emergiram nas falas dos participantes, questões e angústias que sempre estiveram ali e que precisavam de espaço qualitativo para serem colocadas. Ao final dos encontros, refletimos sobre as possibilidades de continuidade desses momentos na escola, a partir de uma organização coletiva entre estudantes e professores.

No capítulo 4, refletimos como a realização desta pesquisa se configurou como um inédito-viável. Os inéditos-viáveis (Freire, 1991) são propostas sonhadas, gestadas e utópicas que possuem o objetivo de romper com uma situação-limite, aquilo que nos impede de alcançar a autonomia e a liberdade. O inédito-viável é algo que ainda não existe, mas que pode se materializar a partir do comprometimento com a mudança. Entendemos que a realização dessa pesquisa só foi possível graças ao engajamento dos participantes em todas as atividades. Esse engajamento nos proporcionou caracterizar a pesquisa colaborativa como o ato de atçar, aquilo que eu lanço ao outro e recebo dele de volta.

Ao final do capítulo, discutimos sobre a relação Lazer e Escola. É possível existir lazer, aquilo que só pode ser vivido a partir do desejo e do tempo disponível, na escola? A partir dessa discussão, propusemos também algumas receitas para inspirar os leitores deste trabalho. Essas receitas fogem da tipologia textual, e não se classificam como textos injuntivos, mas como possibilidades que sempre aceitam o toque pessoal de quem quiser realizá-la.

CAPÍTULO 1

UMA PROSA E UMA PROVA INICIAL SOBRE PÃO, ESCOLA E JUVENTUDES

Todos os seres terão direito à terra e à vida, e assim será o pão de amanhã, o pão de cada boca, sagrado, consagrado, porque será o produto da mais longa e dura luta humana. Não tem asas a vitória terrestre: Tem pão sobre os seus ombros, e voa corajosa. Libertando a terra como uma padeira levada pelo vento. (Neruda, 1978, p.74)

Uma pequena introdução sobre o pão

Tão antigo na história da humanidade, a mistura de água e farinha já matou a fome de muitas pessoas pelo mundo. Tão comum e presente em nossas mesas, em diversos formatos e sabores que muitas vezes não percebemos que o pão é história e que sua presença ajudou a formar a cultura alimentar do povo brasileiro e de outros povos pelo mundo. De acordo com Maria Ramos (2021), pesquisadora da InVivo – FioCruz, a história do pão é tão antiga que é até difícil dizer, com precisão, quando e como ele apareceu. Historiadores, no entanto, estimam que o pão tenha surgido há cerca de 12 mil anos, juntamente com o cultivo do trigo, na região da Mesopotâmia, onde atualmente está o Iraque.

De início, provavelmente, o trigo era apenas mastigado. Só depois, ele passou a ser triturado com pedras e transformado em farinha. O primeiro pão assado em forno de barro foi há 7000 a.C. no Egito, onde, mais tarde, descobriram o fermento. O pão chegou à Europa em 250 a.C., sendo preparado em padarias, mas, com o declínio do Império Romano Ocidental, esses estabelecimentos fecharam e o pão teve de ser feito em casa.

O professor de arqueologia e história antiga da UNICAMP, Pedro Paulo Funari, afirma em seu artigo publicado na revista Aventuras da História, na edição de 2019, que os cereais foram domesticados pelo homem no Egito e na Mesopotâmia na mesma época. De acordo com seus estudos, o processo de levedura da massa, a fermentação, tardou algum tempo para ser dominado. Os egípcios perceberam que, se deixassem a massa "descansar" antes de assá-la, isso a fazia crescer e, se parte dela fosse acrescentada a outra massa, ela a faria crescer mais. De acordo com o professor, tão logo isso aconteceu, os egípcios passaram a comer o pão assado com frutas como figos e tâmaras e, mais tarde, com azeite ou azeitonas, quando estabeleceram contatos com outros povos do Mediterrâneo, como os gregos. (Funari, 2019).

À medida que os impérios prosseguiram com a invasão de terras, o pão foi chegando em mais territórios e conseqüentemente ganhando a identidade desses territórios. Atualmente,

são incontáveis as variedades de pães que existem no mundo, cada um com sua especificidade e com a identidade de quem o produziu.

No Brasil, o mais popular é o pão feito de farinha, sal, água, açúcar, gordura e fermento, conhecido em cada região por um nome diferente: Na capital do estado de São Paulo, este pãozinho é conhecido como pão francês. No Ceará, pão carioquinha, no Rio Grande do Sul, cacetinho, em Sergipe, pão jacó. Em Minas Gerais é conhecido como pão de sal, em Manaus e no Piauí chamam de massa grossa. Por fim, no Pará dá-se o nome de pão careca. E curiosamente, o denominado pão francês aqui no Brasil, o que muitas vezes por dedução pode nos fazer pensar que a origem da receita desse pão advém da França, é chamado de pão brasileiro em Portugal.

A presença do pão na mesa da(o) brasileira(o) no café da manhã ou como acompanhamento em refeições ou em lanches esporádicos é frequente e até diária. Nossa memória afetiva pode ser acionada quando sentimos o cheiro de pão que acabou de sair do forno na padaria, quando sentimos sua temperatura ao manuseá-lo e quando enfim o degustamos. Podemos estar sozinhos ou na presença de outras pessoas, esta mistura de farinha e água além de já ter matado a fome de muita gente também proporciona prazer, possibilita a reunião de pessoas em prol da degustação e de uma boa companhia. Assim como a nomenclatura do pão nos auxilia em descobrir em qual região ele é consumido, os acompanhamentos consumidos junto ao pão também dizem muito sobre uma determinada comunidade ou região, demarcando assim um território. O pão com manteiga na chapa servido com café em diversas padarias em Minas Gerais ou o famoso lanche de pão com mortadela do Mercado Municipal de São Paulo.

Uma simples mistura de água e farinha que já matou a fome de muita gente pode ser uma excelente forma de exercer a criatividade, potencializar as identidades de cada sujeito, exercitar a sociabilidade e uma forma de retomar as práticas dos nossos antepassados, mantendo viva as identidades culinárias de cada região e fortalecendo hábitos alimentares regionais. Esta simples mistura de água e farinha nos possibilita o *PANIFICAR*.

Panificar significa converter algo ou alguma coisa em pão. O ato de alquimia que mistura o seco e o úmido, a partícula com o inteiro. Elementos estes que juntos crescem ganham forma e vão para o calor, tornassem um só, tornassem alimento. Convertem-se em pão. Panificar, com esse sentido é o ato da mistura, o ato de encontrar o ponto após uma série de movimentos repetitivos e é o ato de esperar o descanso da massa.

Panificar é espera: Converter o pão em *cum panis*, para então compartilhar do ato mais sagrado, necessário e humano: o ato de comer. Comer em companhia, dividir o pão e partilhar histórias, risos, alegrias e memórias.

Pensando em toda força que o pão traz e de todas as fomes que ele mata, será possível converter em pão, em sova e em espera as experiências? Experienciar pão nos possibilita problematizar os espaços escolares marcados pelo produtivismo?

1.1. Uma conversa sobre experiências significativas no território escoLAR²: Pão e temporalidade

Nesta pesquisa e reflexão foi necessário compreender que a alimentação não é somente a ingestão de calorias. A ideia de comida é resultado e representação de processos culturais que preveem a domesticação, a transformação, a reinterpretação da natureza por diferentes povos. Comer é algo trivial, primitivo e vital, comum a todas e todos. Mas o ser humano desenvolveu uma forma de socialização que permite a superação do simples naturalismo deste ato: a reunião de indivíduos para compartilhar a alimentação. Assim, a comida, banal por sua presença cotidiana, converteu-se em ato sociológico: a refeição (SIMMEL, 2004).

De acordo com a fala da nutricionista Marle Alvarenga no Seminário Internacional Conexão Comida: Saberes e Práticas na Alimentação (2018), produzido pelo SESC, o consumo de alimentos ultraprocessados associado às questões de desigualdade sociais tem nos distanciado dos rituais alimentares que consistem por exemplo em cozinhar a própria comida, compartilhá-la com outras pessoas, comer sozinho com a atenção voltada para aquele momento, experienciando o momento. Cada vez mais, na atualidade, a nossa relação com a alimentação está relacionada com a simples ingestão de calorias e nutrientes e também no que a nutricionista define como Desvalorização do Comer que é basicamente o que se ouve cotidianamente nas convivências: “eu como o que der, quando der e se der”. O alto consumo de alimentos ultraprocessados pelas classes mais baixas da nossa população está amplamente ligado ao *marketing* da indústria alimentícia, no momento que esta indústria oferece à população um produto similar a um processo in natura por um preço muito menor. Um exemplo disso, seria a substituição de carnes in natura pelos chamados *steaks*, que são misturas de restos de carnes,

² É TEMPO DE ESCO-LAR | Por trás dos tijolinhos que tem várias camadas descascadas de tinta, tem uma escola. Por trás das grades, dos cadeados, dos portões, tem uma escola. Por trás das portas, dos janelões, dos ventiladores barulhentos, tem uma escola. Atrás do pó de giz, da quadra que nunca fica pronta... tem uma escola. Tem uma escola no pé do menino, que chuta a bola no recreio. Tem uma escola na concha que serve a sopa da merenda. Tem uma escola no rojão que estoura no banheiro. No encontro de corredor entre professor e aluno, tem uma escola. Na dúvida, tem uma escola. Na questão, na certeza, no desespero e no amparo... Na fome, tem uma escola. Nos gritos, cochichos, olhares e beijos escondidos, tem uma, duas, três, mil escolas. É tempo de esco-LAR.

gorduras, conservantes, aromatizantes, entre outros ingredientes, em formato de bife.

Dentro dessa lógica, uma trabalhadora brasileira de regime CLT, que precisa cumprir uma jornada de trabalho de oito horas diárias para receber um salário mínimo sem benefícios, além de cumprir uma jornada de trabalho doméstico (jornada dupla de trabalho), que consiste em cuidar da casa, dos filhos e de sua alimentação, consegue gastar um longo tempo preparando a comida e consegue dispor de um valor consideravelmente alto para comprar a proteína in natura?

Direcionando essa problematização para o ambiente escolar, conseguimos observar situações semelhantes: Crianças e jovens que possuem estruturas familiares e socioeconômicas levam lanches e se alimentam de forma diferente de crianças e jovens que não possuem essas estruturas. Estamos falando de estudantes que, muitas vezes, dependem exclusivamente da merenda escolar. Entre pacotes de biscoito recheado de todas as cores, um prato de sopa de legumes, uma banana, chocolates, salgadinhos de milho transgênico, existem alguns constrangimentos e vergonhas. As estruturas arquitetônicas escolares construídas para facilitar o “vigiar” não corroboram para aqueles que querem se isolar para comer, com medo de passar por alguma situação vexatória.

Segundo o economista Valter Palmieri Jr (2017), nesses últimos anos o aumento da renda das famílias brasileiras possibilitou o aumento do consumo de alimentos industrializados, e por mais que haja conhecimento que o consumo de alguns desses alimentos seja prejudicial à saúde, eles continuam ganhando as mesas das pessoas. O capitalismo gera massificação, mas também visa lucrar por meio da diferenciação. E se utiliza de uma lógica social que é a seguinte: Nossa sociedade é muito desigual, e o consumo serve muitas vezes para nos diferenciar, diferenciar uns dos outros, o consumo cria identidade. Então, se nas fotos de almoço de domingo do meu chefe, há uma Coca-Cola, o meu desejo, segundo essa lógica é de que no meu almoço de domingo também haja Coca-Cola, desta forma de alguma maneira, mesmo que muito singela, eu estou me equiparando a ele. O consumo cria identidade sociais, ao passo de que ao ver um sujeito sentado em uma lanchonete tomando café com açúcar demerara orgânico, isso já traz inúmeras informações sobre a pessoa. O nosso sistema cultural é marcado pela hierarquização social, a desigualdade não é apenas em nível de renda, ela também está no nível do consumo.

Essa discussão sobre consumo, ultraprocessados e diferenciação social alimenta outra discussão que queremos instaurar aqui: a discussão sobre a temporalidade e as experiências possíveis dentro dessas temporalidades.

Seria o pão uma possibilidade de refletir sobre as temporalidades impostas que, de certa forma, nos insere nessa dinâmica de consumo?

Para temperar intensamente essa discussão, a professora Maria Manuel Baptista reflete:

As atuais sociedades industriais, nas quais os cidadãos vendem, não apenas a sua força de trabalho, mas com ele o seu tempo, dedicaram-se precisamente a medi-lo e quantificá-lo. Tornado objetivo e transacionável, ele entra no mercado com uma mercadoria com a aparência de infinita reprodutibilidade e inesgotabilidade. O tempo vazio e não valorizado pelo mercado, que os desempregados representam pela sua própria existência, servem de contraprova a esta falsificação grosseira da experiência da temporalidade que cada um de nós vive. (Baptista, P. 2, 2013)

A temporalidade com a qual cada pessoa vive possui uma dimensão subjetiva e íntima, entretanto, a partir do momento, que essa temporalidade passa a ser encarada como mercadoria, ela perde o caráter subjetivo e singular. E nesse sentido é importante demarcar que a instituição escola reproduz essa lógica mercadológica do tempo, estando a serviço do trabalho, quase sempre. Atrrelada a essa noção de temporalidade, é importante também destacar a noção de experiência.

O século XXI, marcado pelas modernizações, pelo avanço das tecnologias, pelo consumo das tecnologias, pela rapidez da informação, pela rapidez de acontecimentos e principalmente marcado majoritariamente por uma sensação de um tempo que passa rápido demais e que vivemos cada vez menos, na qual a temporalidade é quase inexistente. A causa dessa sensação de angústia pode estar relacionada com o que o professor Jorge Larrosa define como experiência:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (Larrosa, 2002, p.21)

Portanto, na tentativa de problematizar a lógica produtivista e mercadológica, almejando a possibilidade, mesmo que em um pequeno recorte social, como é o caso de uma escola, é necessário proporcionar experiências outras, que não a de abrir o pacote de biscoito recheado, não a do simulacro da vida (Sarlo, 1997). Mas de descobrir, por meio de experiências de panificação, outras possibilidades de tempo na escola. Provocando as/os participantes a buscar em sua família receitas antigas, criando receitas próprias, tornando a própria produção e seus saberes não um fator de diferenciação social, mas um fator de singularização, um momento no

qual quem participa se reconhece enquanto sujeito que possui saberes, que possui história, que tudo isso tem valor, que o tempo não tem preço, mas tem valor.

Sabendo da dificuldade de romper com essa lógica é necessário que antes de propor um momento de criação, como uma oficina de pães, é necessário contextualizar todo esse processo, propor rodas de conversa e cafés comunitários, para que se possa inclusive entender quais são as particularidades do grupo, como é que o consumo acontece, e se há o desejo de viver essa experiência do panificar. Experienciar é colocar-se em outro tempo, é devagar-se na vivência. Saborear tudo com muita calma, sem julgamentos e opiniões demasiadas. É como acordar no domingo de manhã, no campo, e comer um bolo de fubá sentindo a brisa fresca batendo no rosto e causando um contraste de temperaturas junto ao café quente e ao bolo que saiu do forno há pouco tempo. A experiência pode ser o café da manhã, junto à companhia (que compartilha o pão), da qual nos lembraremos por muitos anos.

Ao falar de sabores, pão, comida e a felicidade relacionada a esse ritual que é alimentar o corpo e alma³ não podemos deixar de citar a fome. E já adianto aqui, fome não é aquilo que sentimos entre uma refeição e outra (Tavares, 1997). A fome, que dá no corpo e na alma, é a fome que Carolina Maria de Jesus descreve em Quarto de Despejo: “A tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a tontura da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estômago”. (Jesus, 1960).

Em Quarto de Despejo, Carolina narra incessantemente a dor e a desgraça da fome do corpo. A farinha, feijão e pão duro são alimentos que aparecem no diário como aliviantes dessa fome. Sentir fome é ter diversos direitos violados, é ter negado o direito à vida, é ter que se submeter ao que aparece para que de alguma forma possa continuar vivo(a) contando que o dia de amanhã será melhor.

Nessa mesma obra, percebemos que Carolina cita com frequência a fome do corpo, mas que, apesar de não usar a palavra *fome* para caracterizar seu sentimento, por que haveria de ser outra coisa, senão, fome de alma? A autora abre latas de lixo em busca de revistas e livros para que pudesse, minimamente, ter uma delícia, ainda que pequena, em seu dia.

Quem não tem amigo, mas tem um livro tem uma estrada.

³ A alma aqui neste trecho diz respeito à sensibilidade e aos sentidos. Quando ouvimos uma música que gostamos ou quando visitamos um amigo que nos traz felicidade. Não estamos ingerindo calorias necessárias para que o organismo funcione. Mas, de alguma forma, estamos nos alimentando de amor, alegria, estética, prazer. Esses alimentos são imprescindíveis para a vitalidade.

A fome e o desejo por uma vida digna, por poesia, alegria e felicidade embebedam a obra de Carolina Maria de Jesus, fome essa tão legítima quanto a fome do estômago, a fome de comida.

*Adeus! Adeus, eu vou morrer!
E deixo esses versos ao meu país
Se é que temos o direito de renascer
Quero um lugar, onde o preto é feliz.*

Quando sentimos fome de cultura, de lazer, de arte, de socialização, de educação libertadora estamos tendo diversos direitos violados, o nosso direito à vida é violado. Não por acaso, podemos ver cotidianamente, *os corres*⁴ que a juventude de classe baixa, majoritariamente preta e periférica, precisa fazer para alcançar, minimamente, um pouco de felicidade. É como se o mundo fosse um pão de canela assando no forno, e essa juventude, precisasse lutar muito para apenas sentir o cheiro dele, sonhando com o dia que poderão prová-lo.

Atualmente, no sistema neoliberal⁵ que vivemos, as estratégias de enganar a fome, estão sofisticadas e passam despercebidas. Se Carolina revirava os lixos em busca de revistas e livros para que pudesse minimamente enganar sua fome de cultura e poesia. O que seriam hoje os aplicativos de vídeos curtos, que senão, uma enganação para a fome de alegria, cultura e felicidade que sentimos? E em que medida, as escolas de educação básica têm sido enganadoras de fome de educação?

Sabemos que a merenda escolar é a responsável por garantir alimentação nutritiva e deliciosa para as nossas crianças e jovens, impedindo que estes e estas estejam na faixa de insegurança alimentar, a merenda não engana a fome, ela sacia. Mas, para além dessa fome do corpo, a escola tem sido capaz de saciar as outras fomes da juventude?

⁴ Corre é uma expressão muito utilizada pela juventude brasileira, *bora pro corre* significa *vamos à luta*.

⁵ A professora Rosana Soares Campos (2022), afirma que em uma sociedade neoliberal a educação está a serviço do mercado e para ela, o neoliberalismo, enquanto projeto político, constitui uma sociedade mercadológica. É preciso ter um tipo de indivíduo para atender essa sociedade, não podendo ser um indivíduo que viva em um ambiente socializado demais, democrático demais e participativo demais, porque esse ambiente de sociedade e de mercado exige um indivíduo com características de competitividade e performance em que o indivíduo é responsável pela sua vida e ignore a importância da vida em comunhão com o outro. Esse sistema ou seu projeto de instauração não comporta as nuances da subjetividade, da inventividade, da crítica ou da ludicidade. Nele todos nós estamos inseridos na dinâmica do consumo, ou seja, existimos para consumir.

1.2 JUVENTUDE(S): Diálogos, saberes e sabores

Provocada pela leitura de Carrano e Dayrell (2003), estudiosos das juventudes, decidi falar sobre este lugar e escolher este público para meu processo de pesquisa.

A antropóloga Beatriz Sarlo, em *Cenas da vida pós-moderna* (1997), afirma que a juventude é mais prestigiosa que nunca (Sarlo, p.39). Mas antes dessa afirmação, a autora nos apresenta uma série de exemplos que podem nos mostrar que a juventude é, antes de qualquer característica, um reconhecimento pela sociedade:

Em 1900, a mulher imigrante que já tinha dois filhos não se considerava tão jovem aos dezessete anos, e seu marido, dez anos mais velho, era um homem maduro. Antes, os pobres só eram jovens excepcionalmente; em seu mundo, passava-se diretamente da infância à cultura do trabalho, e os que não seguissem por esse itinerário entravam na qualificação de excepcionalidade perigosa: delinquentes juvenis (Sarlo, P.39, 1997.)

Quando esse fenômeno não é reconhecido, ele pode ser reivindicado, como fizeram os líderes das revoluções latino-americanas, que se identificavam como jovens. Entretanto, há aquelas e aqueles que nunca se proclamaram dessa forma, como os líderes da revolução russa ou artistas como Orson Welles, pensadoras como Simone de Beauvoir. Assim, podemos considerar que JUVENTUDE é um fenômeno que pode ser reconhecido ou não pela sociedade e por seus governos, pode ser reivindicado ou não.

Mas, adiante, Sarlo nos provoca a refletir como o mercado se apropriou da “juventude” transformando-a em um estilo, algo que ultrapassa a faixa etária, usando como exemplo, o movimento do Rock, nos anos 60. Assim, a partir do consumo podemos reconhecer alguém como jovem ou não. Assim como nos diz Palmieri (2017), o consumo cria diferenciação social, nesse sentido, se torna mais jovem quem mais consome o estilo da juventude⁶.

Além disso, a autora apresenta uma outra noção para problematizar a juventude "pós-moderna", a noção de crise das instituições autoritárias tradicionais:

A cultura juvenil, como cultura universal e tribal ao mesmo tempo, constrói-se no marco de uma instituição tradicionalmente consagrada aos jovens, que está em crise: a escola, cujo o prestígio se debilitou tanto pela queda das autoridades tradicionais quanto pela conversão dos meios de massa no espaço de uma abundância simbólica que a escola não oferece. (Sarlo, p.41, 1997)

⁶ Venha comprar Vou te vender O que você Sempre quis ter O mundo na palma da mão Seja o que sempre quis ser Faça tudo para que eles enxerguem você
TRECHO DA CANÇÃO: Quebra - queixo do RAPadura (2020).

Nesse trecho é necessário um certo cuidado, é importante refletir a noção de juventude(S), e junto às juventude(S) vêm seus mais diversos corpos, etnias e gêneros. Compreendo que o olhar da autora está direcionado à Argentina e a um tempo próprio dela, mas ao visitarmos essa leitura potente e certamente provocadora, é preciso um cuidado.

Se por um lado, a autora afirma que as estratégias que definem o que é permitido e o que proibido estão em crise, por outro lado podemos refletir que talvez o que está em crise ou caminha na penumbra não são as estratégias, mas as instituições. Se a instituição Estado, hoje, não proíbe uma série de comportamentos que são, antes de qualquer coisa, corporais, outras instituições (como as escolas, por exemplo) reforçam essa proibição e continuam atuando na manutenção de normas conservadoras e elitistas. Essas normas, por exemplo, ditam qual é o padrão de vestimenta adequado (se não se vestir assim dessa forma pode ser rotulado como bandido ou no caso das mulheres como vulgar), normas que continuam reforçando os padrões de gênero e se recusam a aceitar outras identificações como pessoas *queer* ou agênero.

Um exemplo cotidiano, aproveitando as referências da própria autora, seria um casal jovem de homens andando de mãos dadas em um domingo de folga, um casal homoafetivo, aproveitando um dia de descanso como qualquer outro casal, entretanto sua presença incomoda, sua presença causa julgamento, olhares cortantes e muitas vezes reações violentas. Mas, por que? Se o estado brasileiro reconhece como legítima a união homoafetiva?

Ou mesmo um jovem negro que decide ir a uma praça, um jovem que performa as características de sua quebrada e utiliza os símbolos (risquinho na sobancelha ou o boné com o nome do seu pedaço) que lhe dão significado e orgulho. Símbolos esses que para uma certa sociedade o caracteriza como bandido.

A força repressiva da polícia só funciona porque existe uma sociedade que a ampara e legitima suas atitudes violentas, antes mesmo que haja polícia, há pessoas que atuam para a manutenção de seus privilégios, que cultivam a norma, em prol do que entendem como normalidade: uma supremacia branca, na qual as pessoas negras cumprem papéis submissos. Essa mesma norma que define que só existem dois gêneros (homem e mulher) que são designados a partir do sexo biológico. A mesma norma que só aceita o amor entre casais heterossexuais, e tudo que foge à essa lógica precisa ser combatido.

Mesmo que não haja proibição em lei, a norma ainda proíbe, os olhares e a violência ainda proíbem a existência de certos corpos, não podemos afirmar se vem das bancadas religiosas no Congresso Nacional ou se vem das classes elitistas brancas ou se, ainda, esses dois grupos se retroalimentam. Mas, é fato que essas normas estão em vigor e podem ser reproduzidas até mesmo pelos corpos violentados.

Então, pode ser que para uma classe social específica as autoridades realmente perderam seus aspectos terríveis e intimidatórios, como comenta a autora, mas para corpos que baixam o olhar quando alguém pergunta: "Você sabe com quem está falando?"

Fica notável que para alguns o que é permitido e o que é proibido segue em manutenção. Se há dúvidas disso, podemos conferir os números de jovens periféricos que são assassinados ou têm seus corpos violados pela força policial diariamente no Brasil.

Com muita vigorosidade, os movimentos indígenas, os movimentos negros, os movimentos de mulheres e movimentos LGBTQIA+ questionam cada vez mais essas normas, e buscam eleger personalidades que não só fomentem os direitos e as existências dessas pessoas, como as legitimem em âmbito cotidiano.

Discordando da autora, entendo, por meio da vivência no Brasil, que a dicotomia não é sobre o que é PROIBIDO e o que é PERMITIDO, mas percebo que se trata de uma discussão sobre o que é LEGITIMADO pelas instituições sociais (como as escolas, as igrejas e outros grupos sociais) e o que não é. E para algumas juventudes estas instituições nunca deixaram de exercer seu poder.

*Lona preta esticada, enxada no ombro
e nada vim, nada enfim
recria sozinho
Com a alma cheia de mágoa e as panela vazia
Sonho imundo
Só água na geladeira e eu querendo mudar o mundo.
Canção "Levanta e Anda" - Emicida*

O rapper paulistano Emicida tem a fantástica habilidade de descrever com uma imensa riqueza de detalhes e de poder simbólico o que sentimos quando somos as pessoas que precisam correr dez vezes mais para alcançar um espaço, um objetivo, um sonho e acessar direitos básicos. O que é ser a/o jovem que tem em si, como disse Fernando Pessoa no poema Tabacaria, todos os sonhos do mundo e ao abrir a geladeira se deparar com uma imensidão branca e vazia, que só não o é completamente pela garrafa pet reutilizada que armazena água gelada? A canção Levanta e Anda do rapper dialoga com o cotidiano vivido pelas juventudes das quebradas do Brasil.

Esses boy conhece Marx, nós conhece a fome.

Emicida

A fome aparece aqui, como aparece em Carolina Maria de Jesus, sem caracterizar que tipo de fome, mas aqui, entendemos como uma fome de tudo, de corpo e de alma.

Durante minha experiência como oficinaira no Centro de Internação Provisória de Sete Lagoas (CEIP/SL) convivi com jovens privados de liberdade por terem entrado em conflito com a lei. Durante seis meses, convivi com mais de 80 jovens, cada um deles permaneceu no CEIP por no máximo 45 dias, portanto, não foi possível desenvolver um laço tão profundo com nenhum deles. É importante mencionar que neste período todos os jovens que estiveram naquele espaço vieram de situação de vulnerabilidade socioeconômica, quase todos eram negros e vários possuíam alguma situação de sofrimento mental, como depressão e transtornos de ansiedade. Ali, minha função era de desenvolver oficinas pedagógicas, culturais e atividades de lazer em conjunto com as auxiliares educacionais e de acordo com um manual de práticas da SUASE⁷.

Em uma das nossas oficinas, desenvolvemos o hábito de compartilhar músicas que nos provocassem alguma inquietação ou nos representasse ou as duas coisas e discutir sobre essas inquietações ou representações. Dentro dos limites morais e conservadores do espaço de segurança, os jovens compartilhavam canções que quase sempre convergiam sobre um desejo de transformação, o desejo de dar a volta por cima e abandonar a vida de criminalidade. A canção “Deus é por nós” de MC Marks foi tocada diversas vezes.

Abre a janela pro vento bater o que for ruim deixa o vento levar enquanto eu tiver forças pra viver eu nunca vou deixar de sonhar.

Por meio dessa e de outras canções observei o desejo dos meninos de terem uma perspectiva de vida diferente, alguns funcionários diziam que o desejo não era verdadeiro ou que só foi despertado pelo fato de estarem privados de liberdade. Já outras funcionárias e funcionários acreditavam no desejo dos jovens, mas que o envolvimento com o crime já estava tão elevado, eles já estavam tão marcados e as oportunidades são tão escassas que realmente seria muito difícil que essa perspectiva de futuro fosse abandonada por eles. Eu estava nesse segundo lado. Nessa mesma oficina, compartilhei com eles essa canção do Emicida, e o quanto este trecho que cito no início do texto me causava um grande senso de identificação e partilhei com eles o porquê. Ao final da minha fala, vários deles afirmam que o trecho também os representava, a inquietação de fazer alguma diferença no mundo, na vida de familiares,

⁷ Sub-secretaria de Atendimento Socioeducativo de Minas Gerais. Consultar em:

https://drive.google.com/file/d/1HiHsMLjithn7YGUSD2L_BmQxXnGmsjP4/view?usp=sharing

namoradas e amigos e o pouco poder financeiro para fazer isso, a transformação acaba sendo deixada de lado, porque agora “a gente precisa comer, precisa pagar as contas, precisa sobreviver”.

Neste dia, a maioria dos meninos presentes ali disseram que gostariam de ser MCs ou seguir dentro do meio cultural, mas pouco tempo depois de manifestarem esse desejo, já afirmaram que não iriam investir tempo nessa trajetória por ser muito difícil e por terem pouco reconhecimento. Poderia aqui iniciar uma discussão sobre o sistema socioeducativo em Minas Gerais, o quão desestruturado e precarizado está, e o quanto a forma com a qual a medida socioeducativa é aplicada não reverbera mudanças significativas nas vidas desses jovens, mas isso é prosa para outro café.

Carrano e Dayrell (2003) mencionam a importância de destacar a pluralidade e as circunstâncias que caracterizam a vida juvenil e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem. Portanto, nesse sentido, opero aqui com a noção de “juventudes” para que possamos abranger a diversidade do ser jovem. Contudo:

Essa diversidade presente no cotidiano nem sempre encontra correspondência nas representações existentes na sociedade sobre a juventude; é comum que essas sejam ancoradas em modelizações sobre o que seria o jovem típico e ideal. Quase sempre os modelos se espelham em jovens de classe média e alta – as propagandas comerciais não se cansam de recorrer a esse padrão sedutor para o consumo –, reforçando estereótipos nas relações entre as classes sociais. (Carrano e Dayrell, 2003, p.1)

Ao nos depararmos com os modelos a serem espelhados muitas vezes não vemos o que está por trás deles, não nos é apresentado uma série de informações sobre esses sujeitos jovens, apenas suas conquistas, como conseguir uma vaga na universidade ou uma vaga de emprego, muitas vezes atreladas a discursos de meritocracia, dando sempre a falsa impressão que com muito esforço e dedicação, e apenas isso, aquele objetivo poderá ser alcançado.

Assim, podemos perceber que as juventudes seguem se esforçando ao máximo e muitas vezes fracassando. O fracasso nesse lugar muitas vezes vem seguido do “você não se esforçou o suficiente” e ignora a realidade e os obstáculos ultrapassados diariamente por aquela/e jovem. É claro que, muitas vezes, quando temos 15 ou 16 anos, não temos essa noção sociológica. Nós fracassamos porque não nos esforçamos suficientemente ou tomamos decisões erradas ou não somos bons o bastante. Essa reflexão vem de encontro com a fala do economista Luiz Gonzaga Belluzzo citado por Carrano e Dayrell (2003, p.27) contrariando a teoria do capital humano, que,

no Brasil, os pobres não são pobres porque não têm educação de qualidade, mas não têm educação de qualidade exatamente por serem pobres. E apesar disso, nesta determinada fase da vida atrelamos o fracasso ao nosso empenho e não a essa série de questões socioeconômicas, de raça, de gênero, de orientação sexual que nos rondam e justamente por essa colocação de Luiz Gonzaga Belluzo.

Com a alma cheia de mágoa e as panela vazia (Emicida, 2014).

Como se rebelar se o que está em jogo é o pão de amanhã? Como sair de uma organização criminosa, já que citei adolescentes em conflito com a lei, se tem uma família que depende de você? Como se empenhar em atividades que você sente prazer em realizar sendo que seu maior desespero é não ter dinheiro para ajudar sua família a quitar as contas sendo essa uma das suas responsabilidades?

Eu não tenho essas respostas. Acredito que o Emicida não tenha, nem Carrano e nem Dayrell. Inclusive, vivencio esses dilemas na minha ainda juventude. Mas, veementemente acredito que as próprias juventudes têm possibilidades de responder a essas perguntas, inclusive com outros questionamentos. Torna-se necessário escutá-los, ver nas práticas culturais e nas formas de sociabilidade que desenvolvem traços de uma luta pela sua humanização, diante de uma realidade que insiste em desumaniza-los. (Carrano e Dayrell, 2003, p.28)

Concordo com os autores e defendo que mais que isso, é necessário estar ao lado da juventude, aprender com ela, valorizar seus saberes e suas formas de resolução de conflito, suas adaptações e suas formas de sobrevivência. E junto a isso, parafraseando o estudante Luiz Phelipe Maia⁸, ex-representante estudantil das Moradias Universitárias da UFMG, é necessário que a juventude tenha direito a sonhar e colocar em prática seus sonhos.

Com a fúria da beleza do Sol. (Emicida, 2019)

Esse trecho faz parte de um outro disco do rapper Emicida, em outro momento de sua carreira, no qual o músico reflete sobre persistência e resistência.

É com a fúria da beleza do Sol que a gente vai deixar sem chão quem riu de nós sem teto.

⁸ Luiz Phelipe Maia é estudante de direito da UFMG, assessor parlamentar na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, natural do Capão Redondo (São Paulo - SP), foi representante dos estudantes moradores da Moradia Universitária da UFMG na PRAE e FUMP, membro da Comissão Permanente de Saúde Mental da UFMG. Pesquisador em segurança pública, criminologia, relações étnico-raciais e educação popular. Além disso é um cozinheiro de mão cheia, tendo feito o bolo de maçã com canela mais incrível que já comi.

A fúria da beleza do Sol de Emicida entra em sintonia com os versos de “*Soy America Latina, Un pueblo sin piernas, pero que camina*”⁹ de Residente, um rapper porto-riquenho, na canção, ele retrata com muita sensibilidade e força o povo latino-americano, descreve as explorações sofridas pelos povos originários e os impactos gerados no território como resultado do colonialismo, e ressalta, de forma metafórica: Um povo sem pernas, mas que caminha. Quando observo a juventude periférica que acessa a universidade e outros espaços que não foram pensados para recebê-la, vejo esse verso refletido, ainda que tudo nos fosse negado, estamos aqui.

Nesse meio social em que a juventude que precisa seguir um modelo hegemônico de sucesso ou de sobrevivência, a escola acaba se tornando apenas mais uma função a ser cumprida e tem pouca ou nenhuma significância nas vidas dos estudantes. (Carrano e Dayrell, p.10). Nestes casos, muitas vezes estamos nos referindo a escolas com baixíssima estrutura, com professores e professoras pouco valorizados, de forma que, para escaparmos da lógica maniqueísta, que pouco nos acrescenta nessa discussão, precisamos entender que não estamos falando apenas de jovens esquecidos pela estrutura estatal, mas de toda uma comunidade, desde sua estrutura arquitetônica a seus trabalhadores.

Deus, por que a vida é tão amarga, na terra que é casa da cana-de-açúcar? (Emicida, 2019)

A desesperança desmotivada, o descaso estaciona, “de repente nos deparamos com uma humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar, humanidade esta que não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida” (Krenak, 2019, p.13). Então pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. Ailton Krenak assim como Emicida nos convida a um movimento de revide, de resistência ao fim do mundo, cada um com sua poesia particular, um deles munido das florestas e dos saberes da terra, o outro munido dos grandes asfaltos e da fúria da beleza do sol. Estes, assim como outras e outros, munidos de suas belezas, saberes, sabores, nos convidam gentilmente, como a levedura que dá vida a farinha, a resistir.

Então, esta não é uma proposta que tem como objetivo propor ações que se deslocam do cotidiano, que ignoram as vivências da comunidade escolar ou seus problemas estruturais, mas que propõem experiências outras como resistência à barbárie e ao fim dos sonhos.

A escola como panificadora de sonhos precisa sonhar de forma conjunta, como um todo.

⁹ Os versos fazem parte da canção “Latinoamerica” escrita pelo rapper porto-riquenho Residente e lançada em 2011. A canção é interpretada por Residente, Susana Baca, Totó la Momposina e pela brasileira Maria Rita.

Não são apenas os sonhos dos jovens que estão em jogo, mas das professoras e professores, das famílias, das merendeiras e de outros colaboradores do espaço escolar. As experiências significativas precisam alcançar a todas e todos dentro do espaço escolar, respeitando as gerações presentes, suas regionalidades. E isso não significa ausência de conflitos ou problemas. As experiências significativas não são sinônimos de um sentido de paz esvaziado, mas muitas vezes serão espaços de tensionamentos e discussões, necessários para a (des)construção das lógicas perversas da humanidade zumbi.

Por fim, é importante salientar e compreender que:

Mano, crer que o ódio é solução, é ser sommelier de anzol, tudo que nós tem é nós. (Emicida, 2019.)

O maior sentido de comunidade e coletivo em minha concepção é descrito por este verso do rapper Emicida, se tudo que *nós tem é nós*, por que não nos ouvimos? Por que não nos apropriamos com profundidade dos espaços que frequentamos? Qual a noção de pertencimento que tem sido trabalhada com a comunidade escolar?

1.3 SÃO NECESSÁRIAS LÓGICAS OUTRAS PARA CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS OUTROS: Metodologias em cruzo

Até aqui apresentamos as juventudes e seus desafios que são transpassados diretamente pelas escolas e os outros sujeitos que habitam esse território. Apresentamos também a potência do pão como possibilidade de criação de experiência e significado e também a fome, de forma complexa, compreendendo-a como algo que ultrapassa as necessidades biológicas. Se estamos operando em uma proposta de problematizar o produtivismo na escola, então foram necessários modos outros de construir esse trabalho.

Ao falarmos de alimentação, nos vem à memória sabores, aromas e receitas. Mas receita não é uma fórmula pronta, é um caminhar com elementos para ao final chegarmos em um resultado, esperançosamente, saboroso. E não podemos deixar de citar que, este caminhar também é marcado por sabores, cheiros e experiências que têm altas significâncias.

Ao falarmos de pesquisa, propus um processo que se baseia numa perspectiva colaborativa, uma vez que, para compreender os sujeitos da escola, seus potenciais e saberes, não parece haver estratégia mais adequada que inserir seus integrantes reciprocamente na produção dos conhecimentos que dizem respeito a eles mesmos.

Para a professora Maria Inês Goulart (2008, p. 14), a pesquisa colaborativa tem sua base na parceria com professoras(es) empenhadas em desenvolver sua própria prática.

Ao propor a pesquisa de forma colaborativa, as professoras e professores que participem desse tipo de processo podem usufruir todo processo da pesquisa, transformando sua prática e a realidade da escola. Busca-se a construção coletiva do conhecimento, fazendo da situação de pesquisa um trabalho de educação, de desenvolvimento. Estendo essa colocação da professora também aos jovens estudantes e as merendeiras, sujeitos repletos de saberes e significados, entendendo que esta pesquisa colaborativa possa possibilitar momentos de reflexão sobre o território escolar e a construção de conhecimentos.

Dessa forma, a pesquisa passa a ter significado para a comunidade envolvida porque a provocação realizada pela pesquisadora movimentou o universo de indagações desses e dessas. E assim, as suas indagações, passam a ser as *nossas* indagações. Entendendo que para a realização deste trabalho colaborativo a imersão da pesquisadora no território será necessária, assim, outra nomenclatura se faz importante, a de pesquisa-ação.

Para dizer sobre a pesquisa-ação, evoco a noção de atividade significativa (Goulart, 2005, p. 230) e de saber encantado (Simas e Rufino, 2018, p. 33).

Em sua tese, a professora Maria Inês Goulart (2005, p. 232) afirma que a principal tarefa de uma instituição escolar é desafiar seus membros a participarem de atividades significativas. E que isso envolve uma intensa relação entre seus membros que aprendem a ter responsabilidade sobre seu próprio aprendizado. Em vez de a professora ter nos estudantes recipientes passivos, nos quais deposita o conhecimento, a ideia de uma “comunidade de prática” pressupõe um trabalho conjunto em que todos trocam responsabilidades e se auxiliam mutuamente:

O encontro com o conhecimento passa a ter outro caráter, o de ampliar as possibilidades de compreensão do mundo que nos cerca. Interessante notar, também, o quanto as crianças estão empenhadas em encontrar respostas a perguntas que, desde os primórdios, a humanidade se colocou. Escutar as crianças, portanto, não se limita a ouvir banalidades, mas muitas vezes nos leva a enfrentar questões existenciais profundas. (Goulart, 2005, p. 42)

Além disso, enquanto pesquisadora fiz parte de grupo e não levei soluções pré-moldadas para serem aplicadas no ambiente escolar. A pesquisa-ação aqui, correspondeu a produção de atividades significativas de forma coletiva. Dentro dessa perspectiva de pensar o(s) coletivo(s), é extremamente necessário acolher as diversidades e suas potências criativas, não priorizando nenhum saber em detrimento a outro, compreendendo inclusive, que os saberes são

transformáveis, mutáveis e estão em eterno fluxo de cruzamento¹⁰, que são encantados. Dialogando com a noção de atividade significativa:

Um saber encantado é aquele que não passa pela experiência de morte. A morte aqui é compreendida como fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento. Dessa forma, a perspectiva do encantamento implica na capacidade de transcendência da condição de morte. (Simas e Rufino, 2018, p. 33)

Portanto, essa pesquisa propôs a construção de experiências significativas que produzissem os saberes encantados, e que a partir dessa forma pudessem possibilitar a transformação da realidade do território escolar.

A realização percorreu ciclos de experiências¹¹. Foi marcada uma visita na escola onde seria realizado a comunidade escolar, um primeiro convite. A pesquisadora precisava antes de tudo, saber se o problema que ela apresentava é compreendido pelos sujeitos como problema. Esse convite, lança mão de uma abordagem artística, no qual os participantes serão convidados a partilharem sua visão do tema com um jogo de contação de histórias, em que um espaço é aberto para que surjam tecituras sobre a questão: O QUE É O PÃO NA SUA VIDA? E O PÃO NA VIDA DA ESCOLA?

Se o grupo de sujeitos compreendesse que o problema que a pesquisadora apresentava é também um problema deles e seria iniciado então o ciclo de vivências, que, consistia em encontros com o grupo participante no território escolar, esses encontros foram construídos com os seguintes princípios: Momento de estabelecimento de vínculos e afetos, ateliê do pão, momento de partilha de receitas e um momento de finalização.

O momento de estabelecimento de vínculos e afetos foi nomeado de Café e Prosa. Este consistiu em uma roda de conversa introdutória com todas as pessoas que aceitaram o convite para participar do movimento. Este momento nos permitiu compreender como esses sujeitos se relacionam com o território escolar, e como estabelecem essas relações. Esse primeiro encontro possibilitaria: IDENTIFICAR QUESTÕES, OUVIR DESEJOS, PENSAR EM POSSIBILIDADES, E AÇÕES QUE O GRUPO QUERIA TRAZER PARA A PESQUISA.

¹⁰ O cruzo, na perspectiva de SIMAS E RUFINO (2018, p. 33) é a arte de amarrações e de enlaces de inúmeros saberes praticados. Dessa forma, não há um saber predominante sobre outro, eles se cruzam, e se enlaçam em um enorme emaranhado de fios. E é na encruzilhada que podemos perceber o fluxo de múltiplos saberes.

¹¹ O conceito de experiência do professor Jorge Larrosa: a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca (LARROSA, 2002). O professor também afirma que ter uma experiência é algo que vem se tornando cada vez mais raro, graças ao excesso de informação.

Se trazemos esse momento para o universo da pesquisa é interessante pensar que sempre é possível cozinhar, sempre é possível fazer alguma coisa. A gente precisa ver o que tem, primeiro, depois que vemos o que tem, vemos o que é possível fazer com isso e de como preparar isso com rigor e delicadeza.

A partir deste momento, caminhamos para momentos de experimentação, denominados aqui de Ateliês do Pão. Os momentos de experimentação vão além de apenas preparar um pão ou trabalhar com tato. Mas partem de momentos de sentir, sentir a textura, o sabor, o cheiro, e de embaralhar os sentidos. Momento de trocas de memórias entre professores, estudantes e merendeiras. Espaço aberto para proposição de momentos de saberes. (Por exemplo, o Professor de biologia que quiser poderá falar sobre o processo de fermentação natural). Realizar esses momentos de experimentação em espaços inusitados. Talvez, eleger os espaços que foram eleitos como desgostosos e subvertê-los em outros.

No decorrer de todos os encontros, foi proposto a construção do que está sendo chamado de Rastros da Pesquisa, a partir da motivação e do atravessamento da vivência nos sujeitos, estes serão convidados a marcarem um rastro do acontecimento. A forma foi discutida, mas fazendo-se com coerência com a proposta de experiência significativa (ou no universo da comida, pensando em harmonização de ingredientes) as(os) participantes serão provocadas a deixarem um rastro de forma artística ou poética. No último encontro, a construção do rastro também foi finalizada. No decorrer dos encontros também realizamos discussões que possibilitaram ao grupo refletir sobre a prática de produzir pães que estava sendo realizada. Discussões que permitiram tecer uma análise se experiências estéticas, culinárias e artísticas no território escolar, construídas de forma coletiva com a comunidade, provocam alguma transformação no ambiente e que olhares podemos traçar a partir deste movimento das experiências significativas permeadas de saberes encantados.

CAPÍTULO 2

A ESCOLA E O PÃO: SERÁ QUE ESSA MASSA CRESCE?

2.1 AS ESCOLAS E A LAMA: Quando o leite derrama.

Mata verde virou Vale
 Progresso e mineração
 Brumadinho e Mariana
 Derrotados pela ambição
 Avareza humana não tem jeito
 Veja como o homem é cheio de defeito.
 Trocou a serra por dinheiro
 Transformando em barragem de rejeito.
 Mariana ficou desesperada
 De doer o coração
 Do alto da torre da igreja viu calada
 Morro de lama com o nome de Fundão.
 Brumadinho ficou mudo
 Sem voz e sem noção
 Viu a lama tapar o horizonte
 Ao lado do córrego do Feijão
 De repente o sonho se desfez
 Tudo que era feliz se acabou
 Brumadinho e Mariana perderam tudo
 Com a barragem que estourou.
 Acabou-se a alegria
 Vejam bem que triste sina
 Brumadinho e Mariana se cobriram
 Pela lama assassina
 Hoje em dia é tristeza
 Debaixo de lama ainda tem corpos
 O casal chora pela justiça
 A procura de seus mortos....
 (Trecho do espetáculo “A Rua, a Lama e a Santa” do Carroça Teatral
 de Sete Lagoas – MG, 2020)

Quando propus esse projeto para uma escola pública, fiz-me consciente de uma série de questões que envolvem essa comunidade, afinal, fiz parte dessa comunidade até 2014 como estudante e agora, a integro como trabalhadora. A partir do momento que calcei meus sapatos e caminhei em direção a uma escola para apresentar a proposta de pesquisa, compreendi que a pesquisa já estava acontecendo e que neste momento, as problemáticas que aponto no projeto, já podiam ser visualizadas.

Para que essa pesquisa acontecesse uma série de percalços se passaram. Ao final de 2021, as escolas seguiam de forma remota devido à pandemia da COVID-19. Em janeiro e fevereiro de 2022, tivemos as férias escolares. Em março, iniciou-se o ano letivo, um momento oportuno, com a volta das aulas presenciais, para buscar pela escola que tinha o desejo de realizar a pesquisa. Fiz uma visita para falar sobre esse desejo, no dia 7 de março de 2022, um dia antes de ser deflagrada a greve das/os servidoras/es da educação do estado de Minas Gerais, que exigem do governo o pagamento do piso salarial, que é lei.

Após o período de greve, as aulas retornaram no dia 18 de abril de 2022, três dias antes do feriado nacional de Tiradentes, com demandas pendentes, a direção achou melhor me receber na semana seguinte. Na semana seguinte entrei em contato, mas estava sendo realizada a avaliação diagnóstica e, portanto, estava inviável realizar a conversa sobre a pesquisa. A direção pediu novamente para entrar em contato na semana seguinte em que haveria disponibilidade para a conversa, entretanto, já seria no mês de maio.

Esta escola me acolheu durante minha formação no Ensino Médio. Lembro-me saudosamente de muitas coisas e sem dúvidas, das sopas de legumes servidas às segundas-feiras pela manhã e do feijão tropeiro servido às sextas-feiras.

Empenhar em um projeto que se tem desejo de realizar uma pesquisa em uma escola pública, que a pesquisa compreende esse território e suas particularidades, implica em ter jogo para lidar com algumas dessas particularidades.

As particularidades as quais estou me referindo dizem respeito ao excesso de demandas da escola que sufoca a própria escola. Dentre diversas situações, quase dois meses se passaram entre minha primeira visita à escola e a reunião de apresentação do projeto de pesquisa à direção. Neste meio tempo, pensei sobre a possibilidade de a escola não querer que o projeto fosse realizado em seu território, não por alguma questão envolvendo a temática ou a metodologia, mas por receio de que esse projeto se tornasse mais uma demanda a ser resolvida. Mais uma sala que será necessária alocar, mais um bilhete aos pais, mas uma passada de sala em sala. Evidentemente, não cheguei a essa conclusão sozinha, fui percebendo esse receio pelas falas do diretor que disse:

É um projeto muito bonito, mas dá um pouco de trabalho pra nós, preciso ver com os professores quem quer participar, já tentamos realizar alguns outros projetos, na sua época mesmo, é muito complicado, tem os simulados do ENEM, precisamos ver.

Essa fala me causou uma angústia eminente de que o leite havia entornado. Passei alguns dias refletindo, fazendo movimentos de autoavaliação sobre a pesquisa, sobre sua real

contribuição para a escola e porquê o projeto que visa desenvolver experiências significativas de lazer daria trabalho. Como estamos operando aqui com as panelas e colheres de Fogo no Mato, não temperamos essa pesquisa com culpa cristã, como se por culpa de alguém este projeto de pesquisa não pudesse ser realizado nesta escola em questão.

E o fato de que todo esse tempo de negociação, espera, conversas, só reiterou o que aponte logo no início: As escolas estão afogadas em suas próprias demandas. E tentando resolver suas demandas, a escola acaba não tendo tempo para ser escola. Precisei de alguns dias para reencontrar a significância dessa pesquisa para o território onde está sendo proposta. Primeiro precisava de fato entender que o leite havia derramado, e que precisaria limpar o fogão e iniciar o processo de fervura novamente.

Num movimento de pesquisa, procurei por escolas na região da cidade de Ouro Preto, cidade que eu estava frequentando bastante para apreciar as festividades da cultura popular. Compreendi que pudesse ser interessante realizar a pesquisa neste cenário visto minha aproximação com a cidade e meu desejo de estar ali. Enviei alguns e-mails para algumas escolas e durante a tarde fui surpreendida com o retorno caloroso de uma delas, a Escola Estadual Professora Daura de Carvalho, que foi o único retorno que obtive em Ouro Preto - MG.

2.2 Escola Estadual Professora Daura de Carvalho

A escola está localizada em Antônio Pereira¹², distrito de Ouro Preto – MG, a 9 km de Mariana e 16km de Ouro Preto, o distrito leva o nome do bandeirante português Antônio Pereira Machado, e a escola atende o ensino fundamental, nos anos iniciais e nos anos finais. Diferente dos conhecimentos visados sobre os distritos de Ouro Preto como Cachoeira do Campo, Lavras Novas e Santo Antônio do Salto, Antônio Pereira está situada em um contexto diferente de belezas do barroco e cachoeiras que atraem turistas, mas no contexto da exploração de minério pela mineradora Vale.

A escola está localizada, de acordo com o aplicativo de mapas do Google, a 5km da barragem do Doutor, uma barragem que preocupa os moradores por estar no nível 1 do caráter

¹² Faço aqui um apelo a leitora e ao leitor, nessa seção escolhi apresentar o distrito de Antônio Pereira da forma como ele me foi apresentado pelas notícias jornalísticas e pelos relatos de estudantes da UFOP que frequentam o distrito, por moradores de Ouro Preto e por trabalhadores do distrito. Essa escolha de apresentação e descrição é uma escolha consciente e tem como objetivo destacar a enorme disparidade entre a cidade-sede (Ouro Preto) e seu distrito e de certa forma, contribuir para alertar o ocorre “embaixo do tapete”, além de denunciar os horrores causados pela atividade predatória da mineração que causam danos ambientais, sociais e culturais. À primeira vista parece que estamos nos referindo a um lugar morto, desencantado. Foi dessa forma que me foi apresentado e eu tive a grata oportunidade de aos poucos ir descobrindo que apesar de tanto desencanto, esse lugar tem suas frestas, onde a vida se espreita para passar e teima em ficar. Se tem algo que posso, despretensiosamente sugerir ao leitor desta dissertação é: Desconfie de tudo que é espetacular.

de emergência. O nível 1, de acordo com as classificações da Legislação Federal Brasileira em Segurança de Barragens (Lei nº 12.334/2010), significa que há anormalidade nas estruturas, mas não há necessidade de retirar a população da cidade pelo risco de rompimento não ser iminente.

Ainda assim, a população de Antônio Pereira sofre demasiadamente, seja pelo temor ao rompimento da barragem, seja pelos impactos do processo de descaracterização da barragem, iniciado em 2020, seja pelos impactos da mineração na cidade que ocorrem desde 1984, pelas mineradoras Samarco, Samitri, C.V.D.R, de acordo com o site da Prefeitura de Ouro Preto. Quando vemos notícias nos jornais, muitas vezes, imaginamos que os impactos da mineração estão ligados apenas à devastação ambiental, mas quando nos aproximamos podemos ver outros impactos que são relatados pela comunidade da cidade. Um destes impactos, de acordo com relato dos trabalhadores da escola, é a prostituição infantil e a violação dos corpos de meninas pelos trabalhadores sazonais das mineradoras, fazendo assim que haja uma alta evasão escolar.

Optei por apresentar essas informações gerais, antes de descrever no texto como foi o meu contato com a escola, para falar mais uma vez sobre a metáfora do leite que derrama, mas sobre um outro viés de reflexão.

Em 5 de novembro de 2015, em Bento Rodrigues (a 3km de Antônio Pereira), ocorreu o rompimento da barragem¹³ da Samarco. No entanto, a central da empresa fica em Antônio Pereira, o que deixou a economia local muito prejudicada. Muitos moradores são a favor do retorno das atividades, na espera da geração de novos empregos. Em 2021, a Barragem do Doutor, apresentava muita instabilidade devido às chuvas de fim de ano, o que levou a Mineradora Vale a retirar parte da população da cidade que estava situada sob a mancha de inundação, denominadas de zonas de autossalvamento.

Depois do leite criminalmente derramado, a movimentos lentos, com muita pressão popular e do Ministério Público, as mineradoras limpam de forma superficial o fogão, mas com o fogo aceso. E é neste contexto de leite derramado, que pode entornar de novo, que chego na

¹³ Em 2021, tive a oportunidade de participar do espetáculo “A Rua, a Lama e a Santa” do grupo Carroça Teatral, da minha cidade natal, Sete Lagoas – MG. O espetáculo “A Rua, a Lama e a Santa” é uma reflexão pós tragédia/crime dos rompimentos das barragens de rejeito do minério de ferro nas cidades de Mariana e Brumadinho – MG. A história conta o casamento de um jovem astuto chamado Zé Brumado e da jovem Mariana, que apelidou o amado de Brumadinho. A vida que corria pelos trilhos do trem ia bem, até que a lama criminosa faz Brumadinho e Mariana perderem tudo. O espetáculo que transita pelas técnicas do Teatro do Oprimido e do Teatro Popular é extremamente emocional e pesou sobre o meu corpo toda vez que interpretei a jovem Mariana e não pode ser esquecido quando pisei em Bento Rodrigues e em Antônio Pereira. Como diz o cancionista popular: “Foi na beira do mar, foi que nego chorou, salve Nossa Senhora saindo das águas coberta de flor. Foi na beira do mar, foi que nego chorou, salve Nossa Senhora saindo da lama coberta de dor.”

Escola Estadual Professora Daura de Carvalho. Após diversos contatos telefônicos com o diretor Fabrício Bicalho e com a vice-diretora Glauciane Batista, marquei uma visita à escola.

Para acessar o distrito, no meu caso que não possui um veículo próprio, é preciso pegar um ônibus interdistrital de Ouro Preto para Mariana e depois outro ônibus de Mariana para Antônio Pereira. Neste encontro, pude conhecer a direção, parte do corpo docente, as merendeiras e alguns estudantes. Do pátio da escola é possível ter uma vista da barragem.

Cheguei na escola pouco tempo depois do horário do almoço, e claro que fui convidada a almoçar na escola. Após algumas conversas, cumprimentos e um café, a vice-diretora mostrou-me os espaços da escola, as salas de aulas, a quadra, a cantina e sala dos professores. A escola recebeu uma reforma estrutural recentemente, oferecida pela mineradora Vale, e conta com Datashow em todas as salas de aula, uma vasta biblioteca, bolas de todos os esportes, equipamentos de som e outros equipamentos, que não são tão comuns de encontrarmos em escolas públicas periféricas. A escola também promove projetos de leituras, esportes e informática e trabalha com muito afinco as temáticas de gênero e de relações étnico-raciais, além disso a escola mantém um contato próximo com a comunidade divulgando todas as suas ações por meio de uma página no Facebook e um perfil no Instagram.

Ainda assim, os editais de designação para professoras e professores não são convidativos, a vice diretora comentou que já chegaram ao sexto edital¹⁴ para contratação de docentes. A maioria do quadro de funcionários da escola não reside no distrito e o cansativo deslocamento leva alguns funcionários efetivos a solicitarem remoção ou transferência. Por se tratar de uma comunidade pequena, minha visita é facilmente percebida, a moça de mechas rosas no cabelo é facilmente reconhecida como estrangeira, e é possível ouvir dos jovens o burburinho: “É professora nova?” “É professora de que?”. Até que ocorre o primeiro contato dos jovens comigo: “Você é professora nova?” e a partir desse primeiro contato de corredor, tenho a primeira oportunidade junto à Glauciane de poder falar do projeto com os estudantes que se entusiasmaram, perguntando quando começaria, se o irmão poderia participar, o que teria que levar.

¹⁴ Os editais são publicados à medida que os candidatos não comparecem. O primeiro edital é destinado a professoras que se inscreveram para aquele município e já concluíram a graduação. Se ninguém aparece é divulgado o segundo edital para professores que já concluíram a graduação mas não se inscreveram para o município. Se ninguém aparecer para assumir a vaga, o terceiro edital já não exige a graduação completa, nem a inscrição para o município, apenas o CAT emitido pela Superintendência Regional de Ensino (SRE). Não é comum ver no site do Quadro de Pessoal do Estado de Minas Gerais a publicação de mais de dois editais. A publicação de seis editais mostra o desinteresse de professores e estudantes de licenciatura em atuarem no município, por diversos motivos.

A sensação que tive ao ir embora foi de acolhimento de toda uma comunidade, que não posso afirmar exatamente de onde nasce, se está fincada na terra úmida e terna da mineiridade, se é algo próprio dessa comunidade. De um leite que não só, não entornou, mas foi servido quente, em companhia. E agora nos resta partilhar o pão.

Mesmo com o contexto de receptividade, a Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto também está inserida na mesma realidade de produtividade exacerbada, de reposição de greve, de calendários que passam mais rápido que os próprios dias, e só apenas, dez meses depois desse primeiro contato que a nossas oficinas puderam ser iniciadas. Essa prosa vai ser retomada mais adiante.

CAPÍTULO 3

O PÃO FEITO A MUITAS MÃOS

Neste capítulo serão relatados os encontros realizados entre novembro de 2022 a abril de 2023 na Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto, em Antônio Pereira. Estes encontros fazem parte da metodologia proposta e da produção de dados para essa pesquisa. Participaram desses encontros os e as estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, professoras e professores da escola, a diretora e supervisora pedagógica. Optei por realizar as reflexões e análises das questões apresentadas ao longo da descrição dos encontros e não separadamente.

3.1 RELATOS DOS ENCONTROS REALIZADOS NA ESCOLA ESTADUAL DAURA DE CARVALHO NETO

1º Encontro

12 de Novembro de 2022 - Sábado Letivo (8h da manhã)

Encontro com docentes e supervisão

Anteriormente a esse encontro foram realizadas algumas conversas com a direção da escola, que passou por uma mudança de gestão, para viabilizar esse encontro. Este salto de tempo, entre o mês de maio e novembro aconteceu por causa dos trâmites próprios da pesquisa que envolvem o processo de qualificação do texto e da aprovação da pesquisa no Comitê de Ética. Lidar com a temporalidade da escola e com a temporalidade dos trâmites acadêmicos não foi uma tarefa fácil, ao longo desses meses, mantive um contato com a escola informando de maneira transparente as etapas do processo para que a realização da pesquisa não caísse em esquecimento em meio a tantas demandas.

No dia 26 de outubro de 2022, o parecer favorável do CEP foi emitido, imediatamente informo a escola e assim marcamos nosso primeiro encontro.

“Daqui só vai, nunca vem”

Essa frase foi utilizada por uma professora na primeira reunião para organização do projeto, que denominamos de “Espaço de Partilha”.

Essa reunião foi de extrema importância, afinal de contas, foi por meio dela que consegui visualizar, de maneira mais detalhada, esse território escolar, seus sujeitos e suas relações. Com o passar dos encontros, novas falas vão surgindo e com elas vamos mapeando melhor nosso terreno, mas essa prosa foi que deu um panorama mais amplo.

Fazendo uma analogia com a cozinha, normalmente, antes das pessoas chegarem em uma cozinha desconhecida para cozinhar, alguém apresenta o espaço, os utensílios, uma ou outra gambiarra necessária para o funcionamento, às vezes, uma lembrança afetuosa que tem com aquele espaço, e como sempre, nem tudo é possível de se falar numa apresentação, e no decorrer do processo, buscamos por esse alguém para nos orientar nesse espaço.

“Mas onde é mesmo que fica a colher?”

A reunião aconteceu pela manhã em um sábado letivo de reposição de greve. Quase não havia estudantes na escola, nos reunimos na sala dos professores. Na mesa, havia avaliações a serem corrigidas, portarias do Estado de Minas, calendários e uma tímida garrafa de café. Quando cheguei, as/os professoras/res estavam a todo vapor, enquanto uns corrigiam provas, a supervisora explicava a portaria do Estado que determinava a reposição de dias de aula que seriam cancelados devido à Copa do Mundo. Quando sentei à mesa, pensei por alguns segundos, que eu estava atrapalhando o trabalho daquelas pessoas, precisou de um certo tempo até que as pessoas parassem o que estavam fazendo para que pudéssemos conversar e que eu me sentisse confortável em estar ali apresentando uma pesquisa sobre Lazer.

Participaram da reunião professoras e um professor do oitavo e nono ano, a supervisora escolar e uma bibliotecária. Nessa reunião, eu tinha o desejo de conhecer e de ser conhecida pela equipe que concordou em participar, para isso, elaborei algumas perguntas que pudessem orientar nossa conversa. Considerei importante naquele momento, não me apresentar apenas como pesquisadora, mas também como professora, que compartilha de algumas alegrias e angústias relacionadas à profissão, dessa forma, também me propus a responder, na roda, as perguntas que elaborei.

Propus a dinâmica de conversa ao grupo e apresentei as quatro perguntas:

- Se você pudesse tornar possível uma única coisa aqui na escola, o que seria?
- Qual a memória mais alegre, que enche seu coração, quando você pensa na escola?
- Qual a relação que você tem com os estudantes? Há algo que gostaria que mudasse?
- Você se sente reconhecida(o) e valorizada(o) aqui na escola?

Além dessas perguntas, nossa conversa se iniciou com uma apresentação pessoal, na qual, cada pessoa foi convidada a contar seu nome, sua idade se quisesse, sua função na escola, onde vivia, e uma memória de sua infância.

Por meio das falas das pessoas a cada pergunta, pude perceber algumas questões bastante sensíveis:

- O desamparo e a falta de um espaço de partilha para a equipe escolar.
- A dissintonia na relação com os estudantes.
- O impacto das atividades de mineração na vida dos jovens e por consequência, na sua relação escolar.
- O engajamento dos estudantes em atividades específicas que não as tradicionais.

Na primeira e quarta pergunta era nítido nas respostas o quanto as/os profissionais se sentem desamparados por uma estrutura e necessitam de um espaço de partilha qualificado.

“Desculpa o desabafo.”

“Tô muito cansada.”

“Me desculpa trazer essa questão aqui para a conversa desse projeto.”

“Acho que aqui não é o espaço, mas queria dizer...”

Quando digo “qualificado”, refiro-me a um espaço e a um tempo destinado para esta finalidade: Partilhar as questões, desafios, vitórias e alegrias que essa profissão tem. Esse espaço não deveria ser o intervalo entre aulas ou o momento de intervalo para lanche, mas um espaço onde essas falas pudessem ser ouvidas e que dali pudessem surgir estratégias e possibilidades para as questões levadas pelos professores.

“É NOIS POR NOIS?”

Os conflitos que permeiam as juventudes e a comunidade local a qual elas pertencem são percebidas na escola e muitas vezes são fermento (aquilo que dá gás) para as discussões em sala de aula ou em atividades extraclasse. Para além de questões biológicas que envolvem a efervescência de hormônios, mudanças corporais, desenvolvimento maior pelo interesse amoroso e etc., os marcadores socioculturais e territoriais são de extrema importância aqui para entendermos um pouco mais sobre os problemas e angústias apresentadas pelas professoras e professores quando estes alegam que os jovens não têm “expectativa de futuro”.

Uma das professoras, quando perguntada sobre se pudesse tornar algo possível na escola, respondeu: DIÁLOGO. Outros profissionais também alegaram uma dificuldade de comunicação com os jovens: “Eles não querem nada com nada”, “Não tem expectativa de futuro”.

Esse é um apontamento interessante porque logo após essas falas, vieram as possíveis pistas dessas questões que as professoras notam nos estudantes. No início, pensei que haveria resistência ou medo para falar dessa questão, mas a cada fala, os profissionais foram relatando e denunciando diferentes problemas envolvendo-a: a mineração.

Uma das professoras deu um panorama geral:

“DAQUI SÓ VAI, NADA VEM”

É um processo de exploração que impacta diretamente toda a comunidade, para além do impacto ambiental e do medo constante do estouro da barragem de Doutor. As atividades das mineradoras contribuíram, segundo a comunidade escolar, para: o aumento da prostituição de mulheres e jovens no distrito, além do abuso sexual por parte de trabalhadores sazonais e conflitos envolvendo o repasse de indenizações¹⁵. Nesse momento, diversas histórias foram narradas, tanto por professoras que vivem no distrito e fazem parte da população atingida quanto pelas professoras que moram em outra cidade e vão a trabalho, assim, é impossível desassociar a questão dos problemas de violência e de “baixa expectativa de futuro”. Nessa parte duas palavras surgiram nos relatos das professoras: PERTENCIMENTO e COLETIVIDADE. As professoras afirmam que as/os estudantes não têm senso de pertencimento ao distrito, que não se reconhecem como cidadãos daquele lugar, mas que, possuem um senso de coletividade muito grande, que são muito unidos. Como exemplo, a professora narra:

¹⁵ Algumas famílias de estudantes conseguiram receber algum valor relativo à reparação (indenização por grupo familiar, indenização trabalhista ou auxílio emergencial) da mineradora Vale antes de outras famílias, que ainda aguardam o processo, o fato de alguns receberem e outros não gera conflitos nas relações na escola.

“Teve um dia que um menino foi lá na padaria e comprou cinco coxinhas, ele repartiu pra todo mundo na sala, todo mundo ganhou um pedacinho, até eu.”

E de fato, como desenvolver o senso de pertencimento em um lugar onde os recursos só são roubados? Onde tudo chega apenas como forma de reparação?

Por fim, uma questão bastante curiosa é que, apesar dos relatos exaltando sempre essa falta de expectativa e desinteresse, a bibliotecária contou sobre uma experiência de viagem realizada com as e os estudantes, em uma delas, eles saíram do distrito em direção à Ouro Preto e na outra foram à Bienal do Livro em Belo Horizonte - MG. Ela descreve os estudantes como: animados, que prestaram atenção em tudo, que se organizaram e que foi tudo muito divertido.

“Menina, você precisava de ver, nunca vi eles aqui assim na escola, pareciam outros alunos.”

Nessa conversa, chegamos ao consenso de que a pesquisa poderia ser desenvolvida nos horários da disciplina de Itinerário Formativo “PROJETO DE VIDA” em 2023, pois, no final do ano letivo, a apreensão pela progressão toma conta dos estudantes, e isso poderia desestimular a participação. Assim, combinamos de nos reencontrarmos no início do ano letivo para organizar o cronograma de encontros.

2º Encontro

02 de Março de 2023 - Quinta-Feira (11h da manhã)

Encontro com a professora Patrícia

Após o período de recesso de final de ano e do conturbado início de ano letivo que normalmente, envolve acerto de matrícula, contratação de professores via designação, acerto de salas, avaliação diagnóstica e pausa para o carnaval, pudemos dar início às atividades da pesquisa em 2023.

No dia 02 de março de 2023, pude me encontrar, presencialmente, com a professora Patrícia Ramos¹⁶ para definirmos um calendário para os próximos encontros. A professora Patrícia, no encontro anterior, foi a única que disponibilizou seu tempo para a realização da pesquisa, além de ter concordado em realizar essa pesquisa de forma colaborativa. Realizamos alguns contatos telefônicos para agendarmos esse encontro para que pudéssemos nos conhecer um pouco mais e conversar sobre a proposta.

Ao chegar na escola, Patrícia me recebe e me convida, antes da reunião, para almoçar com ela na cantina da escola, junto aos estudantes. Nesse dia, o cardápio era: Arroz, feijoada, alface e tomate. Enquanto nos servimos, ela me apresentava às merendeiras e aos estudantes, que curiosos, queriam saber quem era essa moça com cabelo rosa.

Apesar de estar acompanhada de uma sensação de insegurança em relação à essa pesquisa, pois, era a primeira vez que eu estava propondo algo, que nunca tinha feito antes e que fugia completamente ao meu controle (exatamente como deveria ser), meu corpo ainda estava se acostumando com essa forma de pesquisar.

Esse convite para o almoço, mais uma vez, me trouxe de volta para o problema da pesquisa. Partilhar a escola a partir da comida, de outro tempo.

Durante o almoço, nós conversamos sobre algumas questões da escola, de alguns estudantes e sobre nós e as situações de trabalho que nos envolviam. Durante esse tempo de almoço, estudantes passavam, sentavam, conversavam e saíam.

Após o almoço, nos reunimos na sala dos professores, onde definimos as datas para os encontros, e a duração de cada um deles. O que aconteceria em cada encontro, seria construído semanalmente, sempre levando em consideração o que havia sido vivido no encontro anterior.

¹⁶ Patrícia Ramos é mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (2016). Possui graduação em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Ouro Preto (2012) e Especialização em Ensino de Língua Portuguesa, pelo Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Atualmente, é professora da rede estadual de Minas Gerais e leciona para turmas do Ensino Fundamental II. Está como professora na escola Daura desde 2018, com aulas de Língua Portuguesa e também Projeto de Vida.

Apresentei à Patrícia, uma proposta para esses encontros, que se dividia entre as rodas de conversa e as oficinas de pão. Concordamos que seguiríamos essa proposta, mas que ela estaria aberta a mudanças, dentro das nossas disponibilidades de horário e da disponibilidade dos estudantes.

Dessa forma, Patrícia ficou responsável de alguma forma, de fazer uma mediação entre a pesquisa e a escola, vendo a disponibilidade de participação de outros professores e dos horários. Após essa definição, conversamos um pouco mais sobre a turma do 9º ano que participaria da pesquisa. A professora mais uma vez manifesta o quanto considera importante o diálogo na relação professor-estudante. Mas que essa construção tem sido muito difícil, que de fato, os estudantes têm muitas potências, mas que ela percebe que essas potências “são desperdiçadas” em movimentos supérfluos. A professora completa que todo o contexto social que envolve esses estudantes, a mineração, a vulnerabilidade socioeconômica, contribui para os comportamentos que são vistos na escola e na forma deles se colocarem no mundo.

Após essa prosa, nos despedimos, pois às 12h30 ela precisaria estar em sala de aula e eu precisaria retornar a Mariana para dar aula às 14h.

3º Encontro

14 de Março de 2023 - Terça - Feira (15h20min)

Roda de Conversa com estudantes do 9º ano e professora Patrícia

No dia 14 de março de 2023, foi realizado o primeiro encontro de oficinas. Neste encontro estiveram presentes, os estudantes do 9º ano da turma do Integral, a professora-pesquisadora Patrícia e eu. Foi uma roda de conversa, conforme foi proposto no projeto inicial, com a duração de uma hora, além de ter sido realizado na sala de aulas das alunas e alunos.

A proposta apresentada à escola foi que a roda de conversa fosse realizada no espaço externo à sala de aula, mas não foi possível devido ao horário de intervalo de outras séries que no momento estariam utilizando o pátio e que isso poderia dificultar a concentração dos alunos e das alunas na conversa. A roda de conversa também tinha previsão de durar mais tempo, mas a professora Patrícia sugeriu que diminuíssemos o tempo, pois as e os estudantes não “rendiam” muito a conversa e que tinham dificuldades de verbalizar alguns sentimentos.

Para que a roda de conversa não fosse totalmente solta, e que pudesse ter algum significado dentro da temática da pesquisa, assim como foi realizado com os professores, foram criadas perguntas geradoras como:

O que você mais gosta na escola?

E o que você menos gosta? Por que?

O que você gostaria que fosse possível de realizar ou ter aqui na escola?

Se você pudesse, tornar possível uma única coisa na escola, o que seria?

Qual a relação que vocês têm com o distrito, alguém poderia apresenta-lo para mim, por favor?

O que você tem em mente para o futuro?

Querem ficar aqui ou sair, por que?

Você tem algum sonho?

Para além das aulas que outras coisas você gostaria de realizar aqui na escola (jogos, cineclube, momentos de leitura, de conversa...)

Ao chegar na sala, tivemos algumas dificuldades de juntar os estudantes em círculo para que essa conversa pudesse acontecer, alguns não queriam sair de seus lugares, outras estavam com a cabeça abaixada. Com algum esforço nosso, foram todos para um canto da sala, onde, finalmente, conseguimos dar início à roda de conversa.

Com a apresentação de cada estudante, foi proposto que os estudantes dissessem seu nome, sua idade e qualquer outra informação sobre eles que considerassem importante. Com exceção de um aluno, todos os outros disseram seu nome e sua idade.

A cada pergunta geradora, as e os estudantes comentavam sobre sua relação conturbada com o espaço escolar e com os professores. Quando foram perguntados sobre o que mais gostavam na escola, a resposta foi unânime: COMER. O que menos gostavam, estudar. Quando perguntados sobre o porquê, alguns simplesmente dizem que não sabiam, que apenas não gostavam, outros diziam que os professores ameaçavam constantemente realizar anotações no caderno de ocorrências, pois eles ficavam “zoando” na aula.

A professora Patrícia, em um determinado momento, observou que os estudantes ficavam olhando para ela antes de responder, como se ela estivesse ali para supervisionar essa resposta, assim, ela me avisou que preferia sair da sala naquele momento para deixar os alunos mais à vontade. Após a saída da professora, reiterei que tudo que fosse falado no âmbito da nossa pesquisa seria usado apenas para essa finalidade e que se não fosse de desejo dos estudantes, eles não seriam identificados. Mas que de maneira alguma, eles seriam expostos ou dedurados para a direção escolar por suas opiniões e falas.

Após esse momento, perguntei a eles o que mais gostavam para além da comida na escola, quais as aulas, quais momentos e foram elencadas algumas questões bem interessantes. As aulas favoritas dos estudantes, de acordo com suas falas, são artes, educação física e história.

Eles disseram que sentem mais liberdade nessas aulas, e que gostam de fazer exercício e de desenhar. Quando perguntados sobre aulas e momentos que não gostem e que se pudessem mudar, os estudantes disseram que não gostavam da aula de matemática, mas não disseram que acabariam com elas. Entretanto apontaram que se pudessem tirar alguma coisa que existe hoje na escola seriam as câmeras de segurança.

Perguntei o porquê da existência delas na escola e Baratinha e JP me disseram que é por causa do uso de drogas na escola e para vigiar os estudantes, que dessa forma, a diretora tem acesso a tudo que acontece o tempo todo. As câmeras são visíveis no espaço externo da escola, mas os estudantes alegam que acreditam que dentro da sala e do banheiro há câmeras escondidas, pois, a diretora fica sabendo de tudo que eles fazem.

Alguns minutos após essa fala, observei a sala toda, os cantos, o quadro e o armário e de fato não há nenhuma instalação eletrônica como no espaço externo da escola, mas os estudantes acreditam veementemente que estão sendo observados o tempo todo.

Sobre o que gostariam que tivesse na escola, foi consenso que gostariam que houvesse mais viagens, mais interclasses (JEMG – Jogos Escolares de Minas Gerais) e uma piscina na escola. Nesse momento, Baratinha disse:

Fessora, você poderia falar com a Glauci que a gente queria muito que colocasse telhado na quadra, porque é muito quente.

E nesse movimento outros estudantes começaram a solicitar uma mediação minha para comunicar a diretora os seus desejos, inclusive me chamando de professora.

Nesse momento, precisei dar uma pausa e explicar para eles que não estava ali para fazer uma mediação, mas que estava propondo uma pesquisa, e que as atividades desse trabalho talvez lhes proporcionassem uma forma de articularem as realizações de seus desejos junto a diretora. Expliquei que o dinheiro de um caixa escolar não pode ser usado como a diretora quer, que ela também segue regras para aplicar o recurso e que ela sabe o quão ruim é fazer educação física com o sol batendo forte no corpo. E que a experiência que estava propondo, com o pão, fosse uma possibilidade de vivência diferente dentro da escola, além de acender a fâsca da possibilidade de articular outras atividades junto aos professores. Após essa fala, as e os estudantes falaram desmotivados:

Ninguém quer melhorar nada aqui pra gente não.

Retomo aqui uma fala da professora Patrícia no primeiro encontro com os professores, em que ela apontou que sente que falta diálogo entre estudantes e professores. Quando concluí meu raciocínio, os estudantes estavam esboçando as famosas reviradas de olhos e dizendo:

Ah, professor pode fazer o que quiser, tem tudo aqui.

Tô falando sô, ninguém vai melhorar nada pra nós não.

E perguntei se os professores tinham acesso a algo e eles não, foi aí que um estudante falou:

Você já viu a sala dos professores? Tem até sofá! Nem isso a gente tem.

Quando perguntei sobre as merendeiras, os alunos concordaram que tanto elas quanto os professores, merecem um aumento, porque a vida deles é *correria* demais. Como considerei essa fala parecida com uma fala que um dos professores utilizou em outra roda de conversa, pedi que eles me contassem um pouco sobre o distrito, suas famílias. Expressões de desânimo, asco e preguiça pairavam. As falas todas ressaltando os aspectos negativos:

Aqui não tem nada, roça, aqui ninguém vai para frente, aqui o fluxo¹⁷ corre solto.

Insisti um pouco sobre a possibilidade de alguma coisa boa e surgiu: A festa de Nossa Senhora da Lapa. A qual os estudantes sabem de cor a data, 14, 15 e 16 de agosto. Curiosamente, desde o início da roda de conversa, uma estudante esteve de cabeça baixa e não estava interagindo, no momento que a festa foi citada, ela levantou a cabeça e corrigiu os colegas, dizendo a data e onde a festa acontece, e logo após, baixou a cabeça novamente.

Quando perguntei sobre o que os estudantes pensavam sobre seu futuro, se permaneceriam ali, a resposta foi unânime: NÃO. Alguns utilizaram o mesmo argumento que utilizaram anteriormente, outros disseram que as oportunidades no distrito são muito pequenas e que não viam possibilidade de vida naquele lugar.

Algumas conversas paralelas aconteciam e no meio de uma dessas ouvi “*por causa dessa barragem aí*” e achei que aquela era uma boa deixa para inserir esse assunto na conversa. Alguns alunos disseram que não tem medo da barragem, que se ela cair, cairá longe da casa deles, e que nem ouvirão a sirene que toca muito baixo onde eles moram. Outros já dizem que perto de suas casas o som é muito alto, mas que não tem medo do rompimento. Nenhum deles

¹⁷ Fluxo significa que o uso e venda de drogas acontece de forma desenfreada, de acordo com a fala do estudante Baratinha.

identificou a barragem como um problema cotidiano ou que cause algum transtorno diretamente em suas vidas.

Já encaminhando para o final, perguntei aos estudantes sobre seus sonhos, o que eles sonhavam em fazer e o único que respondeu disse que gostaria de ser jogador de futebol, que gostaria de conhecer o jogador Mbappé e a França. Os outros estudantes alimentaram conversas paralelas a esse assunto, quando a pergunta foi repetida, vários deles afirmaram que não sabiam o que gostariam de fazer, nessa altura, dois estudantes já estavam de cabeça baixa e outros disseram que eles haviam “fumado” e “brisado” antes da aula e os estudantes reiteraram as acusações dizendo que isso não era problema de ninguém. Após esse momento fizemos uma leitura coletiva do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁸, e após a assinatura, nosso encontro foi encerrado.

¹⁸ Por meio da assinatura do TCLE, todas e todos os estudantes e professores autorizaram a reprodução de suas imagens e falas nesse trabalho. Alguns preferiram usar um nome fictício, outros apenas suas iniciais e alguns decidiram usar o nome de registro.

Imagem 2. Roda de Conversa com estudantes.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

4º Encontro

21 de março de 2023 - Terça - Feira (13h10min)

Oficina de pães com estudantes do 9º ano e professora Patrícia

Conforme combinamos, nosso segundo encontro aconteceu no dia 21 de março de 2023, e seguindo a proposta, realizamos nossa primeira oficina de pães. O encontro foi organizado da seguinte forma: Demonstração, feitura das massas, uma pequena prosa, recheio das massas, outra prosa, momento de assar e momento de compartilhar. Para as prosas, a professora Patrícia e eu propomos conversas sobre a história do pão, como ele está presente em nosso cotidiano, com quem aprendemos a fazer e etc.

Cheguei na escola com o nosso material de oficina na hora do almoço e me sentei no refeitório com a professora Patrícia para almoçar. Nesse dia, foi servido arroz, feijão, macarronada e salada de alface e tomate. Logo fui informada pela professora que um dos

estudantes não participaria mais da pesquisa pois não faria mais parte do grupo discente da escola devido à série de questões que o envolviam no ambiente escolar. Entretanto, novos estudantes participariam hoje, eles haviam faltado ao encontro anterior, mas manifestaram seu desejo de participar do projeto.

Gostaria de fazer uma pequena pausa na descrição desse encontro para dizer que para que ele pudesse acontecer foram meses de negociação, espera, autorização do CEP, reflexão, planejamento de uma prática que aconteceria pela primeira vez, na escola com este grupo e comigo. Havia uma expectativa escolar para com a prática, e uma expectativa minha. Será que, de fato, seria possível? Faria sentido?

Percebi que esses questionamentos me afastavam do lugar de ofertar uma experiência e de vivê-la com esse grupo, nessa tarde, tentei me concentrar no propósito da prática: A experiência de fazer pão na escola e o que emerge disso.

Fui recebida pelo grupo com entusiasmo e curiosidade, como a cozinha da escola só pode ser utilizada pelas merendeiras, a sala de aula foi nossa cozinha. Lavamos as mãos, forramos as mesas da sala com plástico filme e cobrimos nossos cabelos. Antes de iniciar a demonstração, perguntei a eles quem já havia feito pão na vida e um dos estudantes disse que sim e que sempre fazia com a família, os outros nunca haviam feito. Expliquei ao grupo que essa era uma receita muito simples e barata, que eu aprendi com a minha avó e que fazia sempre que tinha um tempo disponível.

E então, demos início.

A mesa da professora, pelo tamanho, nos pareceu ótima para fazermos a demonstração inicial, todos poderiam ficar em volta e ver o processo. A demonstração tinha como objetivo explicar a importância de cada mistura em cada momento. Primeiro os líquidos, açúcar e o fermento, depois os secos. Após esse momento, inicia-se a sova e a correção da massa (se estiver seca, colocar mais água, se estiver muito pegajosa, colocar mais farinha). Convidei uma aluna para continuar a sova daquela massa e propus ao restante iniciarem suas massas.

Imagem 3. Momento de Demonstração



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Imagem 4. Dividindo a sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Eu havia pedido a um estudante, no encontro anterior, que ele pudesse realizar alguns registros. Ele tirou algumas fotos e logo me disse:

“Aqui, tirei algumas, mas agora eu vou ir fazer o meu pão, tá?”

Nesse momento percebi que a rotatividade entre o grupo que havia pensado inicialmente talvez não acontecesse porque a experiência de fazer o pão era nova e todos queriam viver aqui. Já o ato de fotografar não era novo para eles, por mais que os registros do processo fossem muito importantes. Eu e Patrícia acabamos dividindo o registro após a manifestação desse estudante.

Os estudantes se dividiram em trios e cada trio ficou responsável por uma receita de massa (receita de 1kg para cada trio) que após a mistura seria repartida para que cada um do trio pudesse sovar separadamente. Durante o processo fui observando que as conversas paralelas que existiram no encontro anterior não estavam presentes, mas haviam muitos comentários sobre a prática:

“Nossa isso vai mesmo virar pão?”

“Acho que o meu tá dando errado.”

“É assim mesmo, dona?”

“O meu eu vou levar pra casa.”

Chamo a atenção para esse último comentário. Em nenhum momento, nós entramos em acordo sobre o que seria feito dos pães: Se seriam do grupo, se cada massa era de cada um, se presentearíamos alguém com eles. Como nosso encontro tinha a duração de 3h, eu temia muito que este tempo não fosse suficiente nem mesmo para terminar os pães, então de fato, não havíamos combinado previamente o que faríamos com eles. Após esse comentário, outros estudantes também começaram a manifestar o interesse de levar o pão para casa. Patrícia os provocou: “Ninguém vai querer comer aqui?” E quem rendeu a conversa naquele momento, em que muitos voltavam sua atenção para a massa, disse:

“Eu não, vai ter que dividir com todo mundo, quero levar pra casa.”

Naquele momento em que muitas coisas aconteciam ao mesmo tempo, massas em processos diferentes, comentários, relógio passando, nós concordamos com o desejo e as massas foram repartidas da forma que cada um teria um pão.

Imagem 5. Momento de Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Estudant

Imagem 6. Momento de Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Por volta de 14h, o professor Moacir se juntou ao grupo, ele contou ao grupo durante a prática o quanto ele gostava de fazer pão e se propôs a escrever a nossa receita no quadro, para que depois pudesse ser anotada e replicada.

Imagem 7. Escrita e feitura da receita



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Após a sova, era o momento de as massas descansarem, nessa hora alguns estudantes tentaram marcar suas massas. Um deles diz:

“Pra que marcar, meu filho, é tudo igual.”

E a estudante T responde:

“Tudo igual nada, essa aqui fui eu que fiz, eu que sovei.”

Imagem 8. Momento de crescer.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Enquanto as massas descansavam, sentamos em uma roda e a professora Patrícia começou a contar de uma prática comum em sua infância chamada Pão de Cristo, como ninguém conhecia, ela explicou que se tratar da partilha de um fermento natural de água e farinha, que passava de casa em casa. E surge o primeiro questionamento:

Mas como assim? De graça?

A professora mais uma vez explica que se tratava de prática solidária, de partilha entre amigos e vizinhos. Os alunos demonstram certa descrença e acham que essa prática hoje seria impossível entre eles. Senti-me provocada por essa demonstração de descrença e perguntei: E se a gente compartilhasse esses pães hoje aqui na escola? A reação negativa foi unânime. Pergunto o porquê, a maioria responde que não seria justo, pois eles tiveram todo aquele trabalho e que outras pessoas “se aproveitariam do trabalho deles.”

É importante mencionar que durante essa pesquisa nem a professora Patrícia nem eu tínhamos a intenção de ficar dando “lição de moral” nos estudantes, fazia muito mais sentido entender como se sentiam a respeito das questões do que necessariamente lhes dizer o que seria o certo a fazer. É claro que em alguns momentos, nós propusemos reflexões e provocações, mas não na tentativa de invalidar o que estavam manifestando, mas de mostrar uma outra perspectiva. Em muitos momentos, após algumas respostas, finalizamos o assunto e partimos para perguntas, como foi o caso dessa situação.

Perguntamos ao estudante G como aprendeu a fazer pão, e ele brevemente relatou que foi com a mãe e que a família tinha muito o hábito de fazer pães, biscoitos e roscas. Outro estudante também relatou que a vó fazia quitutes assim, foi quando a professora Patrícia disse que sabia que a avó dele era de fato uma cozinheira de mão cheia, e eu perguntei (pensando que talvez ela fosse uma cozinheira de algum estabelecimento do distrito): E onde é que eu posso comer da comida da sua vó, JP? E ele respondeu:

“Já comeu hoje uai, ela trabalha na cantina da escola.”

Dei-me conta que a comida de hoje, entre muitas mãos, também foi preparada pela avó de JP, e de fato, que comida deliciosa!

Enquanto o pão crescia convidei o grupo para adiantarmos a preparação de um recheio, o do pão doce. O recheio era simples e consistia em: margarina, açúcar e canela. Mostrei a eles como

fazer a mistura e a deixei na mesa, enquanto pegava orégano e alho para fazer a mistura do pão salgado, um estudante pegou a mistura e disse:

“Gente, cheiro bom! Sente isso aqui ó.”

E foi passando o copo com a mistura no nariz e todos os estudantes. Eu, no medo do tempo, demorei alguns segundos para perceber o que estava acontecendo, larguei tudo e comecei a olhar. De nariz em nariz o copo foi passado e os sorrisos de “nossa, que cheiro bom” foram se abrindo, as vozes sumiram por alguns segundos, até o copo pousar na mesa novamente. Tudo isso durou menos de um minuto. Mas essa é a lembrança mais querida que ficou desse encontro para mim. Felizmente, ela não foi fotografada.

Após essa degustação olfativa, alguns estudantes começaram a decidir ali mesmo que iriam querer fazer o pão doce, enquanto outros preferiram o salgado. Quarenta minutos já haviam se passado, nossos pães dobraram de tamanho, mais reações de surpresa ao ver o tamanho das massas, que pareciam outras, e antes que pudéssemos começar a recheá-los o sinal do intervalo tocou. Sabendo que o sinal do intervalo é uma espécie de libertação, pois impreterivelmente em todas as escolas que estive como aluna ou como professora, quando o sinal toca, nada mais importa. Ao ouvir o barulho do sinal, fiquei tensa e pensei: “Eles e elas vão descer, será que teremos tempo? Será que devo ir adiantando?”

Para minha surpresa, alguns ficaram na sala e os que desceram avisaram:

“Só vou lanchar e já volto, viu?”

Quando perguntei aos que ficaram senão iam descer para o intervalo, disseram:

“Não, tá doida? Quero terminar meu pão.”

E os estudantes que disseram que desceriam só para lanchar, de fato, rapidamente voltaram para a sala mesmo antes do intervalo terminar.

Imagem 9. Preenchendo o pão com sorriso.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Imagem 10. Recheando os pães.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Cada um escolheu seu recheio, abriu a massa, recheou, escolheu o formato e finalizou. Pincelamos ovo por cima de todos os pães. Aguardamos mais alguns minutos para que o pão desse uma nova crescida antes de ir para o forno. Nossos 3kgs de farinha renderam três belos tabuleiros de pães de canela e pães de orégano, os estudantes foram descendo com os tabuleiros para entregar as merendeiras para que elas pudessem assar.

Imagem 11. Pães descansando.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Imagem 12. Pães sendo levados para assar por Kayo.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Assim que todos voltaram, pedi que o grupo começasse a organizar a sala, afinal de contas, rendeu uma boa bagunça. Percebo que apenas a estudante T se prontificou a pegar a vassoura para varrer enquanto o restante dos meninos continuou sentado conversando. Atentei para essa questão novamente, assim, de alguma forma cada um foi pegando algo para organizar ou limpar.

Após o final da organização, tivemos nossa segunda prosa:

“E aí, será que deu certo?”

Estudantes compartilharam suas expectativas e anseios, esperavam que no mínimo desse tempo de ficar pronto para levarem para casa. Patrícia mais uma vez os provocou sobre a possibilidade de compartilhar: “Pessoal, eu não vou ganhar nenhum pedaço?”

E um respondeu: *“Ah, fessora, por que não pegou um pedaço de massa pra você?”*

E ela responde: *“Porque eu estava ajudando todo mundo durante o processo.”*

Alguns segundos de silêncio, até que outro estudante diz:

“É... da próxima a senhora separa um pedaço pra você.”

Ao ver a discussão, propus:

“Na próxima vamos compartilhar aqui na escola, pode ser? Assim comemos todos aqui.”

Não houve concordância nem discordância da proposta, apenas ouviram em silêncio. Por volta de 15h50, avisei o grupo que iria descer até a cozinha para verificar como estava nosso pão, afinal de contas, faltavam 20 minutos para o sinal bater. Ao descer as escadas e ir me aproximando da cantina percebi o cheiro delicioso que estava ali nas proximidades, fiquei aliviada. O cheiro era sinal que estava quase no jeito. Cheguei na cozinha e perguntei às merendeiras e uma delas disse: “Menina, eu acho que já tá pronto, esse forno aqui é muito forte, dá uma olhadinha aí.”

E de fato, todos os pães, corados, crescidos e cheirosos, fiquei inundada de felicidade. A minha única tristeza na hora, foi de ter visto primeiro e sem o grupo. Subi até a sala, ao me reencontrar com o grupo pedi para que todos descessem até o refeitório, sem responder qualquer pergunta. Ao chegarmos no refeitório pedi que dois estudantes me ajudassem a pegar o tabuleiro com as merendeiras na cozinha, os tabuleiros cobertos com um pano de prato branco não foram suficientes para esconder o suspense, o cheiro denunciava.

Retiramos os panos de prato e a surpresa tomou conta:

“Nossa gente, cresceu demais.”

“Olha o cheiro disso! Que bom!”

“Esse aqui é o meu, ó, eu marquei ele.”

Imagem 13. Contemplando os pães.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

JP foi o único que repartiu seu pão com as merendeiras da cozinha, com certeza ele não deixaria a avó sem um pedaço. Cada estudante embalou seu pão com muito cuidado, decidi fazer uma brincadeira e disse que faria uma pergunta e quem não acertasse não levaria o pão para casa.

“Qual é o ingrediente principal dessa receita?”

Alguns respondem:

“Farinha?”

“Fermento, uai.”

Replico: *“Não, tem como fazer pão sem farinha, sem esse fermento, mas tem uma coisa que não pode faltar de forma nenhuma. Nós falamos sobre ele na sala hoje.”*

E a estudante T responde:

“O Tempo.”

Temos mais uma pequena prosa sobre como o tempo é primordial para que a gente possa de fato viver e experienciar as coisas da vida. Registramos nosso momento com uma fotografia e o sinal tocou, dessa vez, só vimos os vultos correndo em direção ao portão. Mas, se eu tivesse feito um pão na escola, certamente, correria igual um tornado para casa para provar.

Apesar da preocupação com o tempo e de fato, a impossibilidade de estender o horário ser algo que pode ter gerado algumas questões nessa oficina, ela foi muito, muito especial. Fiquei alguns bons minutos no refeitório conversando com a professora Patrícia sobre a prática, estávamos exaustas, foram mais de 3h sem parar. Mas a exaustão não era paralisante, era até satisfatória. Ela me contou um pouco mais de cada um dos adolescentes e discutimos sobre essa resistência deles de partilhar e sobre os desafios que estão postos para que possamos novamente tentar instaurar uma noção de coletividade pautada na generosidade e no afeto.

Nesse dia, após essa oficina, passei por duas horas em transportes públicos retornando para casa pensando nessas questões e não esquecendo de forma alguma das pedrinhas miudinhas desse encontro: O cheiro da canela, as risadas ao sentir a textura da massa, a empolgação contagiante, o cheiro do pão que invadiu os corredores da escola, as conversas que não tinham fim nem resposta e ficaram soltas no ar. Tudo isso me passando pelo meu corpo e eu mal podia esperar para saber, no próximo encontro, como eles foram afetados por tudo isso que aconteceu.

5º Encontro

11 de abril de 2023 - Terça - Feira (15h20min)

Roda de conversa com estudantes do 9º ano e professora Patrícia

O nosso terceiro encontro deveria ter acontecido na semana seguinte após a feitura do pão, mas uma série de questões permearam o cotidiano, impossibilitando o andamento da pesquisa conforme o cronograma inicial proposto. Num primeiro momento, a gente esquece que é incapaz de controlar o acaso.

Depois a gente se lembra que a vida é movimento, que a escola é um corpo vivo que pulsa e que estamos sujeitos a diversas precariedades neste sistema. Na primeira semana, um familiar de um professor veio a falecer e ele precisou se ausentar da escola. Na ausência de um docente, a escola tem um hábito, já velho conhecido dos alunos, de “subir o horário”, isso significa, que as aulas serão adiantadas para que os alunos possam ser liberados mais cedo. Como a questão aconteceu muito rápido e logo a escola precisou lidar com a situação, o aviso chegou para mim já era 13h30. Neste horário, eu costumo estar pegando o primeiro de dois ônibus para chegar ao distrito de Antônio Pereira. Com o horário adiantado, precisaria, neste horário, já estar no segundo ônibus (que sai às 13h, e seu itinerário só funciona de hora em hora). Neste dia, a Professora Patrícia e eu conversamos sobre a impossibilidade, que não se refere à ausência do professor e nem da prática de adiantar os horários, mas com a pouquíssima oferta de transporte público na região, que torna a mobilidade extremamente reduzida. E perder este encontro logo após uma semana de feitura de pães, me deixou muito angustiada.

Na semana seguinte, eu aguardava o primeiro ônibus, que passaria 13h30, para chegar em Mariana 13h50, e pegar o ônibus para Antônio Pereira às 14h e chegar em Antônio Pereira, às 15h, chegar na escola, tomar um cafezinho e seguir para o encontro que se iniciava às 15h20, após o intervalo de aulas. O primeiro ônibus quebrou no meio do caminho para Mariana, o que inviabilizou todo o trajeto seguinte. Nesse momento, senti muita angústia. Primeiro, dessa situação terrivelmente precária do transporte público, e segundo de um sentimento de culpa muito grande de perder esse compromisso, pela segunda vez, e assim criar um lapso de tempo em que as questões do nosso projeto pudesse cair em esquecimento dos estudantes.

Ao entrar em contato com a professora para avisá-la, ela me informou que os estudantes entenderam a situação ocorrida e que se mantêm animados e empolgados com a pesquisa. Apesar de saber que mudanças repentinas são comuns na rotina escolar, sempre me lembro do estresse que era passar por isso quando era aluna e agora como professora. Muitas vezes passamos dias nutrindo uma expectativa de uma atividade que será realizada, de um encontro,

de uma aula, e faltando pouquíssimo tempo, acontece um imprevisto. Lidar com essa frustração foi muito difícil quando eu era estudante, e tem sido um desafio agora como professora. E saber que esse sentimento estava sendo gerado nos estudantes me deixava mal.

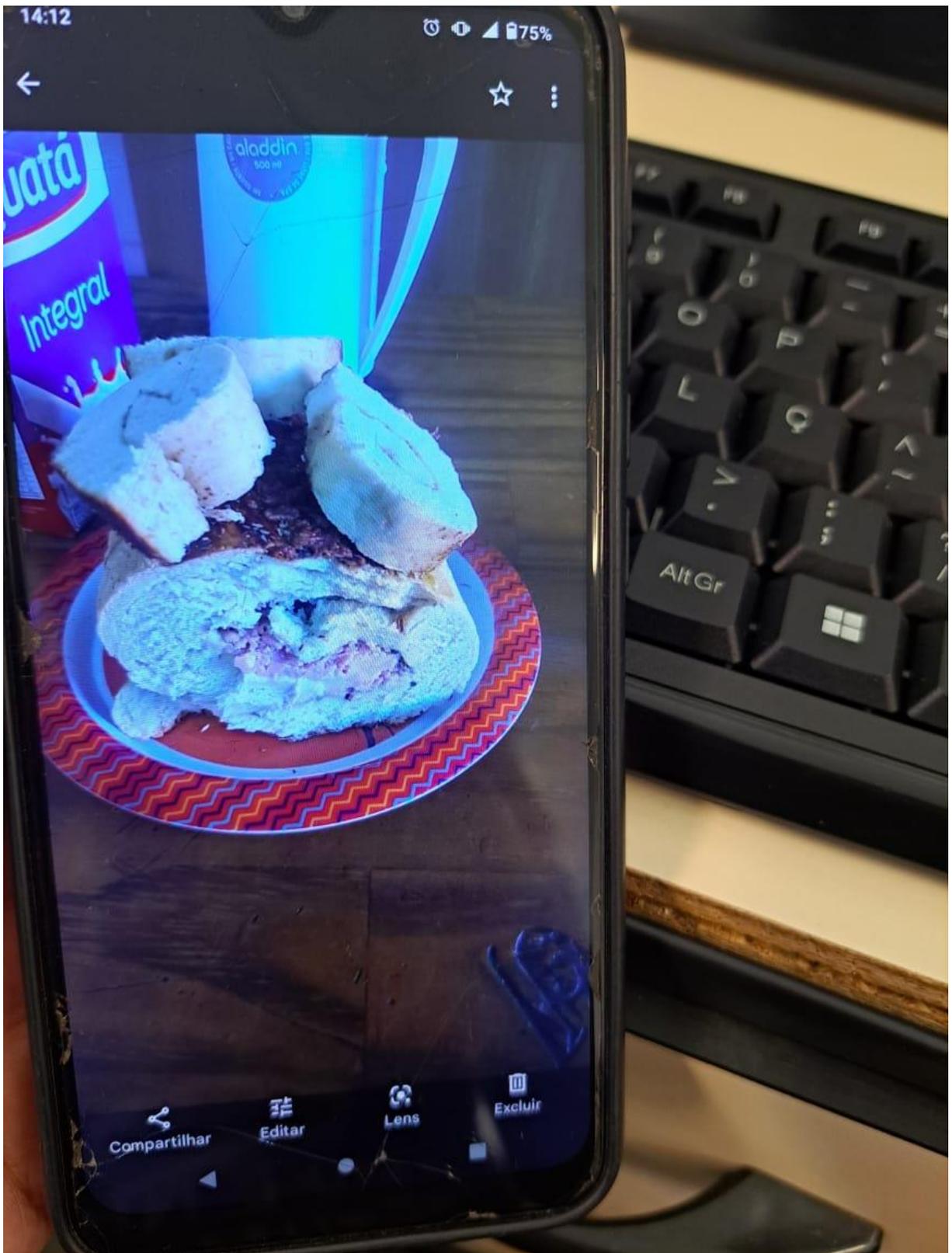
Enfim, nosso terceiro encontro finalmente aconteceu no dia 11 de abril de 2023, um dia que eu temia que fosse cancelado dado diversos ocorridos de atentados em escolas e ameaças de violência física, onde crianças e professores foram brutalmente assassinados. Abril se iniciou muito, muito sombrio para a educação no Brasil.

Nosso encontro começou após o recreio e pela primeira vez conseguimos organizar uma roda onde todas e todos poderiam se olhar na hora da conversa. Para esse momento propus uma roda de conversa que estava organizada em três eixos:

- 1- Reflexão sobre a produção e partilha do pão no encontro anterior.
- 2- Pão como metáfora para propor colocar a mão na massa e provocação sobre que pão falta na escola.
- 3- A organização do encontro da semana seguinte, seria uma outra oficina de pão, mas teria algumas adaptações.

No começo perguntamos aos estudantes como foi a recepção do pão em casa, se haviam gostado do sabor, da textura, se eles sentiram que faltou algo e quais detalhes mais gostaram do processo. Sobre o momento da recepção do pão em casa e sobre a partilha, alguns alunos relataram que comeram sozinhos, outros que dividiram com familiares e um aluno, além de dividir com a família, fez a receita do pão em casa com o irmão mais novo, ele tirou uma foto para partilhar no encontro.

Imagem 14. Foto da foto.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autorias: Foto 1: Estudante Kayo. Foto 2: Patrícia Ramos. 2023

Um outro estudante, que não quis participar da produção dos pães, mas estava na sala de aula, nos contou que ele só não participou porque havia passado o fim de semana com a família e feito muito pão e que ele não aguentava mais ver massa na frente dele.

Considerei isso uma partilha muito interessante, pois, este estudante no dia, não participou da feitura, mas quis ficar na sala observando os processos e nesse encontro se sentiu a vontade de dizer porque não participou.

Nossa conversa tinha como pergunta geradora: *Como foi comer esse pão em casa?* Dessa pergunta surgiram dois tipos de resposta, como veremos a seguir.

O COMER SOZINHO E SUAS QUESTÕES

Os estudantes que afirmaram que comeram sozinhos, disseram que o fizeram porque não queria dividir com mais ninguém ou que não havia ninguém em casa no momento com quem eles pudessem dividir.

Um deles disse:

Eu comi sozinho mesmo, lá em casa ninguém divide nada comigo, nem minha vó, nem minha irmã, então eu também não divido com ninguém.

Nesse momento Patrícia o provocou: *Mas, quem faz o jantar na sua casa?*” E o aluno respondeu que era avó. A professora dialogou com ele sobre a avó dividir com ele a comida do jantar, além de trabalhar para que ele pudesse comer e foi refletindo com o estudante a possibilidade de ele poder mudar esse comportamento, e que seria possível, desde que ele tomasse a iniciativa de romper com esse ciclo de individualismo. E ele respondeu:

É, mas quando ganham qualquer coisa, bombom, chocolate, ninguém divide comigo, mas é isso, a vida é assim, cada um por si.

Os estudantes contaram que comeram sozinhos porque não havia mais ninguém em casa, disseram que os responsáveis estavam trabalhando e que eles estavam com muita vontade de comer e não quiseram esperar, mas deixaram um pedaço para o restante da família.

O COMER EM PARTILHA E SUAS QUESTÕES

Um outro grupo de alunos disse que dividiram o pão em casa com a família, alguns contaram que o pão durou alguns dias e outros que foi devorado na mesma noite. Alguns compartilharam que os pais manifestaram surpresa ao ver o filho chegando com um pão em casa e os parabenizaram pela feitura. Vale ressaltar que um dos motivos que levou os estudantes a quererem cada um fazer seu pão era para que pudessem levar para casa e dividir com a família aquele pedaço de trabalho e esforço que eles tiveram.

Uma estudante disse que, ela, sua mãe e seu irmão comeram tanto que eles nem jantaram naquela noite. Um dos alunos compartilhou brevemente como foi o processo de fazer o pão em casa com seu irmão mais novo, este estudante é muito tímido, mas nos causa curiosidade, pois é muito participativo e ao me ver entrando na escola no dia desse encontro, acenou e comemorou. Ele contou que a família gostou e que ele quis repetir a receita em casa, durante a feitura dividiu a massa e deu um pedaço para seu irmão, para ele poder fazer o pão também. Esse aluno também contou que se esqueceu de um ingrediente, o óleo, e ele percebeu como a textura do pão ficou diferente sem esse ingrediente.

Os sorrisos de quem estava lembrando de um momento de alegria estavam presentes nesse relato sobre a partilha com a família, e foi muito bonito de se ver. Após esse primeiro momento, perguntei a eles o que mais eles gostaram no processo de feitura do pão:

RECHEAR, AMASSAR, FAZER UMA SUJEIRA NA SALA, RECHEAR, PINCELAR O POVO SOBRE A MASSA, MODELAR.... COMER.

Foram algumas das palavras que surgiram. Achei curioso como, no primeiro encontro, o COMER surge quase de forma automática quando os estudantes respondem o que gostam de fazer na escola. E nesse momento, no terceiro encontro, o comer apareceu, mas apareceu depois de uma série de outras experiências que os estudantes tiveram.

Quando perguntados sobre o que não gostaram, alguns disseram que gostaram de tudo e outros disseram não gostar da sensação gosmenta, de quando os líquidos se misturam com os secos. Que sentiram gatura. Mais uma vez, o detalhe da sensação foi perceptível porque houve tempo. Compartilhei com eles o momento que eu mais gostei: A hora que alguém percebeu o cheiro da margarina com canela, pegou o copo onde estava a mistura, cheirou e todo mundo parou o que estava fazendo para sentir o cheiro da margarina com a canela, que foi passando de nariz em nariz. As conversas que aconteciam durante a feitura do pão cessaram por alguns segundos,

enquanto todo mundo esperava sua vez de sentir o perfume da mistura. Ao lembrar esse momento, eles concordaram que de fato foi muito gostoso sentir aquele cheiro e depois poder comer o pão que continha aquele recheio.

Por último, perguntei:

Se pudessem mudar alguma coisa, o que mudariam na forma como foi feito?

Um estudante disse que gostaria que fosse mais rápido, que demorou muito. O provocamos: *Será que demora muito ou a gente que anda sem paciência?*” Ele disse que de fato andamos sem paciência e fomos juntos rememorando vários momentos de espera que já existiram antes de termos tanta rapidez em nossas mãos. E como hoje a gente está extremamente acelerado e que por isso, algumas coisas vão perdendo importância.

Aproveitei esse momento para iniciar o segundo eixo: Pão como metáfora para colocar a mão na massa. Iniciei rememorando a piada que o estudante Gean, havia feito durante a oficina:

“Essa aula foi muito massa, literalmente.”

E perguntei: *O que falta aqui na escola para ela ser massa? Massa, com a conotação que o Gean usou para falar do nosso encontro da semana passada.”*

DISCIPLINA, COISAS DIFERENTES, OUTRAS ATIVIDADES...

Nesse momento, uma das estudantes que disse DISCIPLINA explicou que achava que é impossível fazer qualquer coisa na escola quando tem muita bagunça, que os professores não conseguem fazer nada e isso é muito irritante. Outros alunos responderam que sentiam falta do que chamam de “coisas diferentes” e “outras atividades”, perguntei a eles o que seriam essas outras atividades, o estudante Jean respondeu: *Sei lá, uma gincana, uma caça ao tesouro, alguma coisa diferente, que não seja só copiar.*

Perguntei: *Por que vocês não fazem coisas diferentes?*

Uns disseram que falta material e estrutura na escola, e outros disseram que tem professor que não quer fazer nada, que quer dar sua aula e ir embora. Perguntei se todos eram assim. E eles disseram que não, mas focaram em negar qualquer possibilidade de uma atividade outra na escola, por causa desses alguns professores. Nesse momento, Patrícia chamou atenção:

“Pera aí, gente, vocês sabem que eu topo coisas diferentes, mas que precisamos dialogar.”

E os estudantes mais uma vez rebatem:

Você é só uma professora, tem os outros.”

Durante esse momento, um estudante começou a propor na roda de conversa a realização de uma gincana e de alguns outros jogos, nesse momento queria muito ouvir como ele planejaria essa organização, mas como o nosso tempo era bem curto, pedi a ele que escrevesse a ideia para que pudesse apresentá-la à Patrícia ou aos outros professores, ele disse que já tinha guardado na memória, e assim como não esqueceu da piada que fez (que aula foi massa, literalmente), que não esqueceria dessa ideia.

No terceiro eixo, discutimos a organização do próximo encontro, o primeiro consenso tomado pelo grupo é que, dessa vez, os pães seriam compartilhados por todos nós na sala de aula, juntamente com as merendeiras que assam nossos pães. Depois, decidimos os sabores do pão que ficou acordado: pão de queijo com goiabada e um pão pizza. Os sabores foram definidos conforme a praticidade de serem usados como recheio, pois nosso tempo, se limitava a quatro horas de encontro e ao fato de não podermos fazer preparos na cozinha da escola. Perguntei ao grupo se alguém gostaria de contribuir com algo: a Patrícia disse que levaria um queijo e outra estudante disse que levaria uma goiabada, assim, me comprometi de levar o restante dos ingredientes.

Para finalizar o encontro, perguntei a elas e a eles se gostariam de convidar para participar do compartilhamento do pão, além das merendeiras. A princípio não queriam ninguém, pela mesma questão que outro aluno apresentou no início: Ninguém ali fazia questão de fazer nada para eles, ou dividir algo com eles e que as pessoas só trabalhavam ali pelo dinheiro, que tudo que faziam pelos alunos, eram pagas para fazer. Rememoramos com eles, o sentido do nosso projeto e da proposta da pesquisa, e esse poderia ser um momento de convite a uma conversa com algumas pessoas na escola, sobre a possibilidade de vivências outras. Com essa reflexão, um dos alunos sugeriu a vice-diretora, outros disseram que talvez ela não estivesse presente, rememorei que logo no começo eles me pediam para pedir coisas para a diretora, e que talvez fosse uma oportunidade para eles a convidarem a conversar. Mas, os alunos disseram que ela não tem ficado na escola. Por fim, outro aluno sugeriu o professor Moacir, de Estudos Orientados, e foi um consenso de que ele seria nosso convidado. Terminamos nosso encontro com esse combinado faltando dois minutos para bater o sinal, nos despedimos e cada um foi para casa. As diferenças do primeiro e do terceiro encontro aparecem com bastante nitidez. Ambos tiveram o mesmo formato: Roda de conversa com perguntas

geradoras e convite a resposta. A primeira coisa que difere estes dois encontros é que entre eles, existiu uma experiência.

Uma experiência que foi satisfatória, que de certa forma se estendeu aos lares dos estudantes, ultrapassou o muro da escola, e de alguma forma, essa experiência mudou alguma coisa, se houve alguma mudança em seus cotidianos não seria capaz de dizer, mas mudou a forma como eles se colocaram no encontro.

A segunda coisa percebida foi a participação mais efetiva na conversa, havia um interesse de partilhar o que aconteceu em casa e como aquilo poderia ser realizado de outras formas na escola, e na tomada de decisão do próximo encontro. Algo que eu temia ter que decidir sozinha novamente. Havia menos conversa paralela e apesar de alguns ficarem no celular, participavam com falas e comentários. Dessa vez, eu gostaria que o encontro pudesse ter sido maior para que as questões pudessem ser, de fato, tricotadas.

De forma geral, nesse encontro algumas falas destacam um grande individualismo, a dificuldade de dividir algo com o outro, e querer tudo o tempo todo apenas para si. Não surpreende que numa sociedade com o neoliberalismo tão ascendente que essas falas e ações sejam cotidianas, não é culpa do estudante. Somos constantemente bombardeados com vídeos, imagens e falas de que: *NESSE MUNDO É CADA UM POR SI. QUE O OUTRO VAI ROUBAR SUA VAGA DE EMPREGO.*

E não podemos esquecer das questões inerentes a este distrito: As dificuldades enfrentadas em âmbito familiar, escolar e socio-estrutural contribuem muito a famosa receita da sorte: “Eu preciso dar certo na vida, custe o que custar.” O que me faz pensar que mesmo se esses estudantes tivessem vivenciado momentos de partilha de outros para com eles, ainda assim, poderiam não ter uma atitude diferente da que tem hoje, devido ao bombardeio da competitividade e desse estilo de vida pautado num suposto sucesso individual.

Nós sabemos quais pensamentos e lógicas estão interessadas em que não haja coletividade, organização popular, afeto, atividades significativas e lazer. Lógicas que perpetuam uma humanidade anestesiada, humanidade zumbi como nos fala Krenak. E pensar em experienciar um outro tipo de vivência com o outro parece tão distante que não passa no imaginário dessa juventude como uma possibilidade.

Entendemos também que a mudança desse imaginário só é possível quando se passa por essas experiências outras. Afinal, muitas vezes, só acreditamos nas possibilidades quando as

vivemos. Por isso, que naquele momento, dado o percurso que temos vivido em grupo, propus esse desafio para os estudantes: Convidar alguém externo do grupo para partilhar o momento de comer o pão. No primeiro momento, houve grande recusa, mas depois de puxar novamente essa reflexão se abriram a possibilidade de uma pessoa e escolheram o professor Moacir.

Imagem 15. Uma conversa mais animada.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

6º Encontro

18 de abril de 2023 - Terça - Feira (12h30min)

Oficina de pães com estudantes do 9º ano, professora Patrícia e professor Lucas

Nesse encontro fizemos pães novamente. O que acordamos no encontro anterior, além dos sabores, era que dessa vez, teríamos convidados e convidadas para comer conosco. Mesmo com resistência, o grupo aceitou convidar um professor e a vice-diretora. Além disso, combinamos um encontro maior que 3h, para que desse tempo de comer juntas e juntos. Não havia muito o que planejar previamente, não havia demonstração para fazer, pois de alguma forma, todo mundo se familiarizou com o processo e seria necessário apenas relembrar alguns movimentos da prática.

Cheguei na escola por volta de 11h30, fui convidada para almoçar uma deliciosa macarronada com a professora Patrícia. Alguns dos estudantes do nosso grupo já vinham ao nosso encontro, querendo saber, se estava tudo confirmado.

O sinal bateu às 12h30 e nos encaminhamos para sala. Dessa vez, a maioria dos estudantes já estava lá, algo que não era muito frequente, alguns demoravam alguns minutos para chegar na sala e algumas vezes, os professores precisavam busca-los nos corredores.

O professor Lucas, da disciplina Educação Física, que ministra o itinerário formativo de “Educação e Cidadania” no primeiro horário, nos acompanhou na organização e ficou observando a prática e conversando com alguns estudantes durante o processo. Não havia muito o que explicar, baseado na conversa anterior, organizamos nossa oficina em trios e cada trio ficaria com um 1kg de farinha para produzir a massa, além disso, era necessário encapar as mesas com algumas camadas de plástico filme para a sova, e após a separação dos trios, os grupos se auto-organizaram nas funções. Alguns processos da receita precisavam ser rememorados, quantidades e proporções. Após a mistura da massa, era hora de dividir e sovar.

Percebo que nesse primeiro momento, com o professor Lucas na sala, um dos estudantes manteve um diálogo com ele enquanto fazia a massa e ajudava na organização. Pouco tempo depois o professor veio se desculpar comigo, achando que de alguma forma, o diálogo foi inapropriado por se tratar de outra temática, mas que recentemente, esse estudante teve alguns episódios de crise de ansiedade na escola, está fazendo acompanhamento e que ele, como professor, queria ajuda-lo por meio da musculação, que é um assunto que o estudante sempre demonstra interesse.

De forma alguma, havia necessidade de um pedido de desculpas. Quantas vezes nós fazendo comida, com o olho na panela, devaneamos sobre tantos outros pensamentos? Observei

que o diálogo deles não havia necessidade de ser interrompido, afinal de contas, o estudante sovava sua massa enquanto conversava e ninguém do grupo entendeu que havia algo de errado nisso.

Imagem 16. Início da alquimia.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Estudante Gustavo. 2023.

Imagem 17. Alquimia



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 18. Preparação da massa.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 19. Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 20. Sova na escola.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 21. Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 22. Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 23. Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 24. Sova



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Imagem 25. Sova.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Imagem 26. Abrindo a massa.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Durante a feitura da massa e a sova, caminhei pelas mesas com a provocação:

“Tem certeza que não tem mais ninguém que vocês gostariam de convidar?”

A maioria disse que não. Mas um estudante sugeriu convidar a diretora Glauciane que havia retornado das férias. O estudante Gustavo se ofereceu para ir até a diretoria e convidá-la. Patrícia sugeriu que além disso, ele reforçasse o convite ao professor Moacir, às merendeiras e a vice-diretora. Enquanto nossa massa crescia, fomos preparando os recheios: Cortando os tomates, o queijo e a goiabada.

Aproveitei o momento para repetir, intencionalmente, o que o estudante JP havia feito na oficina anterior. Ele havia pegado um potinho com margarina e canela e passado para cada estudante sentir o cheiro. Dessa vez, peguei um potinho de orégano e fui passando de um em um e surgem algumas falas como:

TEM CHEIRO DE SAZON!” “TEM CHEIRO DE PIZZA.”

“É ENGRAÇADO COMO O ORÉGANO DOS OUTROS É SEMPRE MAIS CHEIROSO DO QUE O QUE A GENTE TEM EM CASA.”

G retornou à sala com a diretora que veio conferir a prática. Ela elogiou as e os estudantes e confirmou presença na partilha. Depois da massa crescida, chegou a hora de rechear e cada um modelar o pão como preferir.

Percebo que o grupo manteve alguns vícios da oficina anterior:

“O MEU PÃO.”

“OW, TIRA A MÃO, ESSA MASSA É MINHA!”

“ESSE AQUI É O MEU PÃO.”

E durante todo o processo fui reforçando que o pão era de todos nós. Após recheados, deixamos os pães crescerem mais uma vez antes de serem assados. E nesse momento de espera, aproveitamos para prostrar sobre a finalização dessas atividades da pesquisa com a minha presença e para ouvir o grupo sobre os desejos e possibilidades de continuidade.

Quando puxei a palavra já adiantando que era nosso penúltimo encontro, alguns olharam surpresos e me questionaram se não poderíamos continuar com as oficinas, com novas receitas. Explico ao grupo que a partir de agora era importante que eles caminhassem com a chama que esse trabalho acendeu e a difundissem na escola. Inclusive, de forma muito sincera, conto a eles o desafio que é para mim poder ir até Antônio Pereira às terças-feiras, que só é possível porque fiz uma negociação no meu trabalho e tive a possibilidade de arcar com as passagens e com o material das oficinas, finalizo essa fala dizendo que na próxima semana poderíamos falar mais sobre isso e que hoje era dia de comer.

Propomos aos estudantes que eles explicassem aos convidados o que é a nossa pesquisa, o que temos refletido nela, como é feito o pão e que pão comeríamos. A estudante T e o estudante Jean toparam apresentar. Usamos esse restante de tempo para que eles pudessem organizar a fala com a contribuição dos colegas, e nesse momento eu e Patrícia apenas observamos.

Passado o tempo de descanso, era o momento de levar os pães para assar.

Imagem 27. Pincelando a gema.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Imagem 28. Pincelando a gema.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Imagem 29. Pães Crescendo

Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena



Enquanto o pão assava, aproveitamos o momento para limpar e organizar a sala. Na oficina anterior, percebemos que alguns estudantes se esquivam dessa tarefa e que a única estudante da turma se prontificou a limpar a sala. Dessa vez, já sugerimos que essa estudante organizasse apenas a mesa e que os rapazes arrumassem e varressem a sala. Houve algumas reclamações, mas fizeram. Depois da sala arrumada foi o momento de descermos e escolhermos a mesa que acolheria nossos pães, nós e nossos convidados.

Fomos à cozinha ver como estava o crescimento dos pães, e já estavam prontos! Ali mesmo já chamamos as merendeiras para a mesa. Mas, uma delas nos avisa que elas não conseguirão sair da cozinha para a nossa partilha, pois a saída atrasaria o trabalho. Resolvemos então deixar um dos pães com elas para que repartissem e levassem para casa. Esse pão foi entregue pela estudante T, que aproveitou o momento para agradecê-las por assar os pães das oficinas.

A mesa estava posta e os outros convidados foram chamados pelos estudantes. Após alguns minutos os estudantes retornam sozinhos e dizem que os convidados estão atarefados e que não conseguirão ir na partilha. Ficamos sem entender. Por um minuto até considerei que eles estivessem brincando e nem tivesse ido chamar o pessoal. Mas era sério. Pensei em ir eu mesma chamar, talvez assim viessem. Me encaminhei a sala da diretora e chegando lá fui informada que a mesma estava em uma reunião online com a SRE¹⁹ e o professor escolhido pela turma estava preenchendo o DED²⁰.

Fui caminhando pela escola retornando ao grupo decepcionada e tendo que confirmar essa notícia:

Ninguém viria.

Ao chegar, expliquei que os convidados, de fato, estavam atarefados e que faríamos a partilha entre nós, o grupo não parecia muito triste, mas conformado, nesse momento tive um sentimento muito estranho de desconforto e particularmente gostaria muito de ter exposto isso ao grupo com mais fervor. Entre algumas reclamações e burburinhos, Patrícia deu a ideia de que a apresentação que foi proposta para os convidados fosse feita para o próprio grupo antes de comermos. Os dois estudantes toparam e apresentaram não apenas o que fizemos, mas suas impressões da pesquisa.

¹⁹ Superintendência Regional de Ensino.

²⁰ Diário Escolar Digital.

Imagem 30. Pães Assados.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023

Imagem 31. Partilha.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

Foi um momento muito emocionante e aproveitei para reiterar que essa era a primeira vez que eu propunha a um grupo, em uma escola fazer pão, e que eles eram tão donos do pão quanto eu. Depois, claro, foi o momento de comer. Durante o momento, os estudantes me provocaram:

“Já que ninguém veio, a gente pode levar o pão que sobrar pra casa?”

Eu não tinha muito argumento, não é mesmo? Insisti tanto com eles sobre a importância da partilha, ouvi dos trabalhadores da escola que os estudantes não tinham interesse por nada e quando os estudantes têm algo a partilhar, ninguém vem. Isso de fato, foi muito, muito significativo para a produção dessa pesquisa. Perguntei a eles como eles se sentiam sobre essa ausência e a resposta que tive foi:

“NORMAL, UAI. É NORMAL”

Patrícia disse que após o horário de aulas haveria uma reunião de Conselho de Classe e que ela gostaria de mostrar aos professores os pães que o grupo havia feito. Combinamos então que partiríamos uma quantidade para levar para casa e uma quantidade para Patrícia repartir entre os docentes e a equipe diretiva durante essa reunião.

O sinal bateu e cada estudante pegou seu pedaço de pão para levar para casa. Antes da reunião, como de costume Patrícia e eu conversamos um pouco sobre o encontro e não falamos com profundidade sobre essa ausência dos convidados, mas pontuamos como isso é, no mínimo, curioso.

Imagem 32. Partilha



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

Imagem 33. Degustação



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Patrícia Ramos. 2023.

7º Encontro

25 de Abril de 2023 - Terça - Feira (15h20min)

Café com Prosa e Despedida com estudantes do 9º ano e professora Patrícia

Após o último encontro passei a semana pensando em como encerrar esse processo, afinal, seria nosso último encontro. Na segunda oficina de pães retornei para casa refletindo sobre o acontecido, nossa partilha sem convidados, isso me impactou de uma forma muito profunda, apesar de ter percebido que as e os estudantes não terem ficado chateados por muito tempo e suas falas deixam explícito que essa é uma atitude cotidiana.

O clima de encerramento e despedida já pairava em mim, antes mesmo do encontro, propus que fosse um momento para o grupo rememorar aquilo que viveu nos últimos dois meses e sonhar com atividades futuras e formas de se organizarem para torná-las realidade. Para trazer um pouco de dinâmica para essa partilha propus 4 perguntas para que o grupo se dividisse em duplas e as respondesse, depois em roda, partilhassem a resposta.

Além disso, escrevi uma carta²¹ para cada membro do nosso grupo, no envelope de cada carta coloquei uma foto da ou do participante nos nossos encontros.

Meu objetivo com essas cartas era partilhar a forma como cada um deles me tocou, cada um à sua maneira, e como esse lugar de pesquisadora, me deu a oportunidade de conhecê-los e enxergar em cada um deles muitas potências, que podem ser exploradas e engrandecidas, se forem reconhecidas e apoiadas. Não fazia sentido para mim, realizar uma pesquisa se não fosse para impulsionar os sonhos e reconhecer as potencialidades, e aprender com o campo de pesquisa, portanto, cada carta foi um retorno para cada membro do grupo sobre a sua potência e o meu desejo para cada trajetória. Apontei também no texto de cada carta o meu contato pessoal, deixando explícito que gostaria muito de manter algum contato com o grupo.

Chegou o dia 25 de Abril, como de costume, iniciei o trajeto de 2h até Antônio Pereira e cheguei à escola por volta das 15h. Nesse dia, nosso encontro teria a duração de 1h. Quando apresentei a proposta acima para Patrícia, acabamos acordando que além da prosa, teríamos um cafezinho também.

Logo na minha entrada pelo portão da escola durante o intervalo, já vejo vários dos estudantes que acenam para mim ou vem me cumprimentar já indagando o que faremos naquele

²¹ Anexo II.

dia. Encaminhei-me até a sala dos professores para encontrar Patrícia, conversamos um pouco tristes, por este ser nosso último encontro e logo quando o sinal bateu subimos para a sala.

Como nas nossas conversas anteriores fizemos uma roda de cadeiras, utilizei a mesa de professor para posicionar as cartas, o café e um bolo que partilharíamos. Quando os estudantes chegam logo já os lembro que esse é o nosso encontro final e começam os questionamentos:

“Uai, por que?”

“Por que você não vai vir mais?”

“Agora que eu ia propor pra gente fazer bolo.”

E nesse momento, mais uma vez, sem culpa alguma, relembro os estudantes que infelizmente, eu preciso cumprir um cronograma, que até poderia ser estendido, mas que preciso retornar ao meu trabalho, que a Coordenação do Tempo Integral, concordou que eu trocasse o dia da minha Atividade Complementar temporariamente em função do cronograma da pesquisa do mestrado. E o único dia que eu não trabalho, na sexta-feira, a professora Patrícia não está na escola. Digo com a sinceridade mais translúcida, que eu gostaria muito de trabalhar na escola para poder ser professora deles e delas, e que caso houvesse a possibilidade, que assim eu faria.

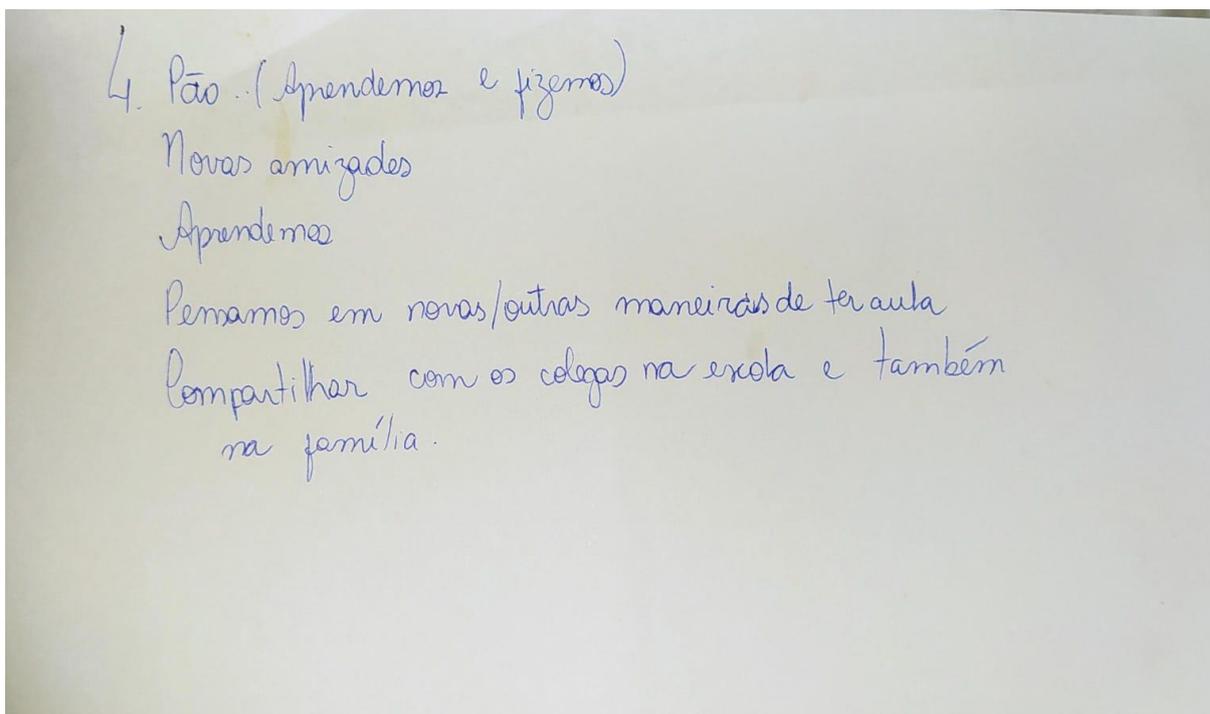
Após essa fala, demos início ao nosso café, apresentei ao grupo 4 papéis numerados e avisei que cada papel tinha uma pergunta, eles deveriam formar duplas, escolher um desses papéis e então discutir a resposta e depois apresentar na roda.

Foram as perguntas:

- O que nós fizemos neste projeto nos 4 encontros anteriores?
- Você acha que de alguma forma o que aconteceu modificou a forma como você vê a escola?
- Quais foram as reflexões que fizemos nos encontros que mais te impactaram de alguma forma?
- Você vê a continuidade desse projeto na escola? Se sim, como? Se não, gostaria de propor alguma atividade?

Após alguns minutos, as duplas retornam à roda para partilhar suas respostas. Alguns optaram por escrever em uma folha suas respostas e outros discutiram, sem anotar e compartilharam em roda. A dupla que ficou com a pergunta 1, foi a professora Patrícia e o estudante Luis e apresentaram a resposta em tópicos:

Imagem 34. Respostas da dupla Patrícia e Luis.



Fonte: Arquivo pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023

Comentei sobre esse tópico de novas amizades achando que se referia ao relacionamento entre eles, e Luis me interrompeu:

“Não, a nova amizade foi você, a gente te conheceu e ficamos amigos, né?”

Como eu discordaria?

A pergunta 2 e 3 foram respondidas por dois estudantes que disseram que de alguma forma o acontecimento do projeto modificou a rotina escolar desse grupo. Mas a escola ainda era a mesma. Provocamos: Mas será que é possível fazer outras coisas na escola, além da aula que a gente tem? Eles responderam que sim, que é possível, mas que muitas vezes é difícil, que se não tem algo de fora, que traz as coisas e conversa com a direção, que é difícil. Mas que eles tentariam conversar, a partir de agora, para fazer outras coisas na escola. A pergunta 4 foi respondida por outra dupla, que disse que via a continuidade do projeto na escola e que gostaria de continuar realizando oficinas que fizessem coisas de comer, como bolos, biscoitos e etc.

Após a resposta, estendemos a pergunta ao grupo todo, e a resposta foi unânime. Todos

viam a possibilidade de continuação. Depois perguntamos o que seria necessário para essa continuação e algumas palavras pingaram:

“Diálogo” “Querer” “Conversa”

Ao final, agradei a acolhida afetuosa e foi o momento de entregar as cartas e as fotografias. Nesse momento, cada estudante preferiu guardar sua carta para ler sozinho, mas ficamos olhando as fotografias e relembrando os momentos divertidos que vivemos nas oficinas e nas partilhas de pães.

Não demorou muito e o sinal tocou, cada um à sua maneira se despediu, alguns com toque de mão e alguns com abraços.

Eu queria muito chorar, mas não conseguia parar de sorrir.

Imagem 36. Nossos pães e nossas questões.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Estudante Kayo. 2023.

Após esse momento, fui descendo com a professora Patrícia para irmos embora e fomos comentando sobre possibilidades e caminhos dentro dessa profissão de professor e desse território que é a escola. Despedi-me das merendeiras que foram muito queridas e atenciosas, de outros professores que vez ou outra espiaram as nossas oficinas. Não consegui ver a diretora da escola presencialmente, e formalizei uma despedida pelo *whatsapp* mesmo.

CAPÍTULO 4

O ATIÇO: As possibilidades da pesquisa colaborativa

Livrai-me, senhor, das grandezas. Concedei-me o ordinário. O trabalho como brinquedo e o brinquedo como trabalho, que sagrados sejam os rios e profanos sejam os carros. Não como estamos fazendo, mas justamente, o contrário.
Luiz Antônio Simas

Quando eu era criança, minha mãe e minha vó sempre diziam para eu não ficar atiçando os bichos, principalmente na roça. Atiçar o bicho podia irritá-lo e fazê-lo partir para o ataque. Ou, quando não havia o perigo, o atiçamento poderia causar uma reação que eu não pudesse dar conta de aguentar por muito tempo e depois não saberia lidar com isso. Para dar um exemplo mais cotidiano, é quando uma professora ou professor atiça um grupo de pequenas crianças a brincar de “corre-cotia²²”. Quem conhece a brincadeira e conhece crianças, sabe que se for possível, passaremos horas e horas brincando, e a gente sabe que infelizmente, na escola, não é possível passar horas e horas brincando, ainda mais de uma única brincadeira.

Existem muitos sinônimos mais palatáveis para o campo da normatização para essa palavra: Fomentar, estimular, por exemplo.

Mas, percebo e proponho que somente o *ATIÇAR* traz a força que é necessária para uma reação de sopro de vida. Minha vó sempre foi muito sábia ao dizer: Não se atiça cobra.

Mas, o que será que acontece quando se atiça gente?

Percebo que para as construções dos inéditos viáveis, que nos conta o Professor Paulo Freire, é necessário atiçar. Atiçar é diferente de propor, diferente de apresentar, diferente de estimular, diferente de fomentar. Atiçar é lançar-se e receber o lançamento de volta de variadas formas. Outros sinônimos para atiçar que me parecem muito interessantes quando estamos falando de educação são: avivar, atear (o fogo), soprando, abanando ou revolvendo as brasas ou lenhas.

²² Os participantes sentam-se em uma roda e cobrem os olhos. Um deles anda em volta com um lenço na mão para deixar atrás de um dos amigos. E vai cantando a música: “Corre, cotia, na casa da tia. Corre, cipó, na casa da vó. Lencinho na mão, caiu no chão. Moça bonita do meu coração. Posso jogar? Ninguém vai olhar?”. O jogador que achar o lenço atrás corre atrás do que jogou. Quando pegá-lo, ele vira o “cantador”, o outro se senta e a brincadeira recomeça.

Atiçar também é acender o fogo e vê-lo se alastrar, o fogo quando aceso em fogueira, esquenta e ilumina, o fogo quando aceso em crime, em incêndio na mata, destrói a vida. Saber onde acender o fogo é primordial para receber dele o que se espera.

Então, ter a malemolência de atiçar é importante para se receber o que se espera do atiçamento. Não se atíça aquilo que não se conhece. Como atiçar uma turma de adolescentes, se não os conhece? Seus gostos, seus sonhos, suas realidades, suas revoltas, suas inquietudes?

Quem não sabe mexer com fogo, se queima.

E nesse jogo do atíço, eu, enquanto pesquisadora, também posso ser atíçada. É nesse sentido, que o atíçar se diferencia dos outros verbos citados, ele precisa de um movimento vivo pulsante do atíçador junto ao atíçado, que se revezam nessa relação, porque não há hierarquia sobre os saberes e os aprendizados.

O movimento produzido nessa vivência em Antônio Pereira passou pelo atiçamento, o que de fato foi uma tentativa muito complexa para todo mundo que se envolveu nisso. Porque uma coisa é a gente se atíçar e ser atíçado no terreiro de casa, no chão da brincadeira, quando existe um espaço que possibilita que esse movimento aconteça. Outra coisa, é o espaço institucional. Hoje a gente não pode dizer que a escola possibilita, hoje a escola permite. A escola permitiu que essa vivência fosse realizada em seu espaço e para que a vivência pudesse acontecer uma série de acordos e normas que fazem parte do institucional precisavam ser cumpridos. Normas que não foram criadas por essa escola, mas que ela internalizou e precisa reproduzir para continuar existindo. Por isso digo, que foi uma tentativa de atiçamento. Um atíço pequeno, um isqueiro fazendo faísca... E que vai se incendiar ou se incendiou a partir dessas faíscas é que o que nos interessa. Entendo também que a reação do atíço muitas vezes não volta para mim, que atíçou, mas é lançada a outros e outras também como forma de atiçamento.

Sônia Kramer (2014) em seu livro “Infância e Produção Cultural”, elenca o que é básico na educação básica, nesse trabalho a autora faz uma analogia com os quatro elementos naturais (água, ar, terra e fogo) necessários à vida humana e com conceitos primordiais para uma vida humana. Assim, para a autora, a água representa a cidadania, o ar representa a cultura, a terra representa o conhecimento e o fogo representa a paixão. Tão fundamental quanto a cidadania, a cultura e o conhecimento, a paixão aqui não é tida no sentido romântico, mas como uma força de vitalidade.

Por fim, ainda falando de fogo, entendo que é ele que acende a chama das lutas políticas e traz sempre novos desafios. E em nossa prática, enfrentamos hoje alguns desafios que se relacionam diretamente com os desafios da escola básica: i) o das condições: nossas próprias condições de professores e pesquisadores. Hoje, os órgãos financiadores, instituem regras que dificultam cada vez mais aos professores comuns, das redes públicas, a chance de aprofundar estudos, de engajar-se na pesquisa.
(Kramer, 2014, p.24)

O atíço e o fogo somam-se à noção de encantamento de Simas e Rufino (2017). Essa noção embasou a metodologia desta pesquisa e é mais uma vez evocada a fim de contribuir para a reflexão. Ao ter contato com essa noção pela primeira vez, entendemos que algo desencantado é tudo aquilo que caiu em esquecimento ou que perdeu seu poder de transformação. Perguntei-me diversas vezes, se estaria a escola desencantada. Em outras palavras, a escola estaria de vez, morta? Teria perdido sua força de atíçar? Enquanto pesquisadora, me coloquei nesse movimento junto ao grupo de entender as relações existentes na escola e o que a prática do panificar poderia causar nessas relações.

Com base nessa experiência, percebo que de fato, existem muitos esforços operantes para que a escola não consiga se colocar em fluxo de cruzamento. Esses esforços, para Simas e Rufino (2017) operam para que a noção de realidade e as suas produções sejam mantidas a partir de uma perspectiva desencantada, ou seja, de uma compreensão que exclui a diversidade do mundo e as suas potências criativas, os conhecimentos assentados em outras lógicas (2017, p.33). Afinal de contas, a encruzilhada é o campo das incertezas, é o caminhar tateando.

*Nós que somos das encruzilhadas, desconfiamos daqueles que são dos caminhos retos.
(Simas e Rufino, 2017, p.23.)*

Será que quando a escola opera apenas com o que lhe é posto por um currículo e ignora os saberes preexistentes de sua comunidade e não possibilita o encontro, para além da sala de aula convencional, ela está de fato sendo espaço de ar, fogo, água e terra²³?
Percebe - se com base nos relatos dos professores e estudantes, que a escola não tem sido um espaço - tempo de cruzo, não tem sido um espaço que potencializa diferentes saberes e práticas. E muito surpreenderia, dentro dessa lógica neoliberal que está inserida, se fosse. Mas, isso não significa que esse espaço está fadado ao desencantamento, pelo contrário, é a partir do incômodo que práticas outras podem emergir.

²³ Utilizei neste trecho a analogia da autora Sônia Kramer.

No âmbito da pesquisa colaborativa que se desenhou nesse movimento de cruzo, percebeu-se que tudo que acontece na escola não possui uma relação direta de causa e efeito, mas que possuem muitas relações complexas que envolvem sujeitos que estão ali, os trabalhadores da escola, os estudantes e a comunidade no em torno e que não estão, os trabalhadores da SRE, da SEE. Nesse sentido, seria cruel de nossa parte atribuir uma culpa à direção escolar, ou aos professores ou aos estudantes ao estado atual da escola.

Ainda assim, neste contexto, o encantamento, o fogo, o cruzo e o atijo possibilitaram o PANIFICAR. O acontecimento das oficinas de pães nos possibilitou vivenciar a escola em um tempo outro, sem avaliação ou vigilância de alunos ou professores, que fosse prazerosa e que de alguma forma despertasse desejos.

Como já dito no início, sabemos que não é uma oficina de pão que vai transformar o ambiente escolar, mas a sua realização nessa escola marcada por demandas produtivistas, nos dá algumas pistas do que é que a comunidade escolar tem fome e desejo.

A partir dessas pistas, que repito, precisam de tempo para serem reconhecidas, podemos modificar nossa atitude perante a questão e propor pequenos Inéditos Viáveis. A noção de Inédito Viável²⁴ é proposta pelo professor Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* e retomada em *Pedagogia da Esperança*. Para ele, um inédito viável é a materialização de uma prática sonhada para romper (ou superar) uma situação-limite:

Para Freire, as mulheres e os homens como corpos conscientes sabem bem ou mal de seus condicionamentos e de sua liberdade. Assim, encontram, em suas vidas pessoais e sociais, obstáculos, barreiras que precisam ser vencidas. A essas barreiras ele chama de “situações-limites”. Os homens e as mulheres têm várias atitudes diante dessas “situações-limites”: ou as percebem como um obstáculo que não podem transpor ou como algo que não querem transpor ou ainda como algo que sabem que existe e que precisa ser rompido e então se empenham na sua superação. Nesse caso, a “situação-limite” foi percebida criticamente e por isso aqueles e aquelas que a entenderam querem agir, desafiados que estão e se sentem a resolver da melhor maneira possível, num clima de esperança e de confiança, esses problemas da sociedade em que vivem. (Freire, Ana. 1992, p. 96)

Podemos observar as três atitudes apontadas por Paulo Freire (perceber como algo impossível de mudar; perceber, mas não querer mudar; perceber como algo que precisa mudar e se empenhar para participar dessa mudança) em relação às “situações - limites” na escola? Sim, tanto nos no corpo de trabalhadores quanto no corpo discente. Existem aqueles que

²⁴ Em nota, Ana Maria Freire afirma que o inédito viável é uma das categorias mais importantes em *Pedagogia do Oprimido*, porque é provocativa de reflexões. Para ela, a noção é pouco comentada e até pouco estudada. Ainda assim, essa categoria encerra nela toda uma crença no sonho possível, na utopia desde que fazem a sua história assim queiram, esperanças bem próprias de Freire.

entendem que o que se passa com a educação básica hoje é impossível de mudar, não havendo solução e estando essa fadada ao que é. Aqueles e aquelas que não querem ou não se sentem responsabilizados por propor uma mudança, apesar de saberem que ela é necessária. E aqueles e aquelas que dentro das suas possibilidades buscam subverter essa situação-limite, superá-la, e produzir ou inéditos-viáveis ou pequenos encantamentos.

Não nos cabe aqui julgar os sujeitos por assumir tais atitudes, mas nos interessa, mais uma vez, direcionar o nosso olhar a estes e estas que buscam pelas transformações, ainda que pequenas, ainda que faíscas, que se materializam em inéditos viáveis.

O inédito viável é, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela práxis libertadora [...] é na realidade uma coisa inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas sonhada e quando se torna um “percebido destacado” pelos que pensam utopicamente, esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (Freire, 1991, p.206).

Assim, o inédito viável é a materialização do sonho utópico, que se realiza a partir de práticas que propõem a subversão ou superação das opressões ou as situações-limites paralisantes. Entretanto, Paulo Freire afirma que o inédito-viável não é algo que se alcança individualmente, mas algo construído de forma coletiva. Para ele, sonhar coletivamente implica, portanto, em exercer simultaneamente um duplo compromisso: a denúncia das “situações-limites” e o anúncio de possibilidades ineditamente-viáveis. Nesta tensão entre denúncia e anúncio gesta-se a luta pelas condições sociais necessárias para realização dos sonhos possíveis, já que o critério “da possibilidade ou impossibilidade de nossos sonhos é um critério histórico-social e não-individual” (Freire, 1983, p.99). Por isso o inédito-viável não ocorre ao acaso nem se constrói individualmente, mas diz respeito às alternativas construídas coletivamente a partir da vivência crítica do sonho almejado, tendo em vista a superação das situações-limites que impedem sua concretização.

A experiência de pesquisa colaborativa na Escola Estadual Prof.^a Daura de Carvalho Neto, em Antônio Pereira, foi inédita para o grupo participante da pesquisa, composto por estudantes, professores e por mim. Algo que só foi possível de concretizar pelo acolhimento da pesquisa pela instituição escolar, pelos professores e pelos estudantes.

Trata-se de um inédito - viável a partir do momento que de alguma maneira, os problemas identificados pelo grupo, de alguma forma, foram conscientizados nas práticas das oficinas, e não apenas, mas também, propuseram uma forma outra de viver a escola e possibilitaram o sonhar de outras práticas na escola.

Assim, compreendemos que o atíço (embasado na noção de fogo e encantamento) na pesquisa-ação, nos possibilitou um inédito-viável, ainda que pequeno, mas que, como uma faísca, tem a chance de alastrar.

4.1 LAZER E ESCOLA: INÉDITOS VIÁVEIS E PEQUENAS RECEITAS

Assim como a pincelada de gema ovo, que garante o brilho do pão e sela a massa, só é dada no momento de finalização da receita, conscientemente, reservei para o final, a reflexão sobre lazer e escola que não foi diretamente citada ao longo do trabalho, mas que orientou sua escrita e execução. Além disso, neste último capítulo, apresento algumas receitas, que fui tomando nota em meu diário durante a realização da pesquisa. Diferente do que manda o gênero textual “RECEITA CULINÁRIA”, essas não têm o objetivo de instruir o interlocutor deste trabalho a segui-las de forma fiel, mas sim de compartilhar ingredientes e modos de preparo que nos possibilitou experiências extremamente significativas nessa pesquisa. Além do mais, a alteração, a inclusão de ingredientes ou modos de preparo e o toque pessoal são mais que necessários e bem-vindos.

Toma-se aqui a conceituação de lazer, a partir do olhar de Nelson Marcellino (1996), para ele existem dois aspectos fundamentais do lazer: O Tempo e a Atitude:

O lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação verificada entre sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade. O lazer ligado ao aspecto tempo consideram as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre” não só das obrigações profissionais, mas também dos familiares, sociais e religiosas.
(Marcellino, 1996, p. 8)

Assim, constituem atividades de lazer aquelas que partem da escolha do sujeito e que possam ser realizadas em caráter desobrigatório ou desinteressado. Apesar deste caráter “desinteressado” o autor aponta que o lazer também possui um caráter pedagógico, por possibilitar um desenvolvimento social e cultural.

Percebe-se que o desenvolvimento citado é diferente da noção de desenvolver habilidades técnicas que tanto são citadas nos currículos e muitas vezes usadas demasiadamente para justificar a entrada de atividades outras na escola. O desenvolvimento pessoal é necessariamente crítico-criativo e acontece pelo reconhecimento das responsabilidades sociais,

a partir do aguçamento da sensibilidade pessoal e do desenvolvimento de sentimento de solidariedade. (Marcellino, 1996, p.49).

A princípio pensar a escola e o lazer pode causar certa estranheza devido ao choque das noções. Se lazer é algo que parte da escolha do sujeito como ele poderia ser associado à instituição escolar, que é obrigatória tanto em termos de formação quanto em termos de trabalho?

Essa é uma pergunta que precisaríamos de mais tempo para refletir sobre ela, mas no âmbito desta pesquisa, só foi possível chegar a este inédito viável, ao panificar, pelas vias do lazer, considerando dois aspectos apresentados por Marcellino: Tempo e Atitude.

A realização da pesquisa partiu das escolhas: da escola, dos professores e dos estudantes. Mesmo estando todos no espaço escolar obrigatoriamente, participar das oficinas de pesquisa não era obrigatório. No aspecto tempo, de fato, não realizamos a pesquisa no “tempo liberado”, mas em um tempo que nos foi liberado para a realização. Algumas aulas obrigatórias da grade deixaram de acontecer para que pudéssemos utilizar dos horários delas, então nesse sentido, não existia um tempo liberado a ser preenchido, mas um tempo que foi liberado para que a pesquisa pudesse acontecer. Liberar este tempo também foi uma escolha.

Assim, por meio desse tempo disponibilizado e da escolha dos sujeitos em participar, pudemos problematizar a relação que desenvolvemos com a escola e experimentar uma outra possibilidade de viver o espaço. Isso caracteriza, para Marcellino, o aspecto pedagógico (ou educativo) do lazer. A partir do momento que a atividade possibilita o desenvolvimento pessoal e social, pelo reconhecimento das responsabilidades sociais, a partir do aguçamento da sensibilidade pessoal (Marcellino, 1996, p.50), o lazer evidencia sua relação com a educação.

Vale ressaltar que é necessário tomar muito cuidado para não cair nos artifícios do anti-lazer²⁵(Pascal *apud* Marcellino, 1996, p.16).

Para exemplificar uma prática de anti-lazer ou até mesmo antipedagógica, escolhi uma ação muito frequente nas escolas públicas, que já vivenciei como estudante e como professora.

“Vamos liberar os estudantes para ver um filme, enquanto precisamos fazer uma reunião.”

²⁵ Para Pascal *apud* Marcellino (1996), o anti-lazer aparece em nossa sociedade muitas vezes como um assimilador de tensões, como algo que nos ajuda a conviver com as injustiças sociais. O mal uso do termo “lazer” pelos órgãos públicas e entendimento parcial acabam contribuindo para essa visão estereotipada de que lazer pode ser apenas ir a um show ou atividades físicas ao ar livre, associando o lazer apenas ao caráter da diversão, não reconhecendo suas outras faces que perpassam a criatividade e a criticidade, e desconsiderar isso, é promover o anti-lazer.

Os professores e professoras precisam se reunir e dialogar sobre diversas questões (conselho de classe, estudos de caso, etc), mas não têm tempo computado na carga horária para essas reuniões extraclasse. Muitas vezes, acabam por tomar decisões como a citada acima para que possam realizar essas reuniões.

Assim, se coloca os estudantes para assistir um filme que eles não escolheram, sem lhes dar inclusive, a possibilidade de assistir ou não. Nesse sentido aqui, o filme não tem caráter pedagógico, mas simplesmente é utilizado como um preenchedor de tempo enquanto os professores e supervisão realizam sua reunião. É possível obrigar os estudantes a estarem sentados em frente a uma tela ou televisão? Certamente sim. É possível obrigá-los a assistir ao filme e vivenciar a experiência? Não. Não há como obrigar a fruição de algo que necessariamente precisa da escolha do sujeito. Dessa forma, ao tomar essas atitudes, a escola banaliza o lazer e acaba contribuindo para aquilo que é apontado como anti-lazer. E não apenas, a escola falha com o lazer, mas falha com sua própria função social. Para a professora Mariana Malta (2015) a relação lazer e escola passou por algumas mudanças conceituais, na medida em que o conceito de lazer também se modificou ao longo dos anos. “Lazer e escola” se relacionam na mesma intensidade do binômio “lazer e trabalho”.

Por estarmos lidando com um espaço onde as pessoas são obrigadas a estar, estudantes e trabalhadores. Por existir esse vínculo que não se dá de forma espontânea, muitas vezes somos levados a acreditar que o lazer não pode existir ali ou como pensou Marcellino (1996) a escola pode existir como possibilidade para o lazer apenas como equipamento não específico. Ou seja, seu espaço pode ser utilizado nos contraturnos para jogos esportivos e outras atividades que não estejam ligadas ao contexto escolar.

Nesse sentido, a professora Mariana Malta, por meio da etnografia e da cartografia, encontra vestígios do lazer no contexto escolar. A maioria deles acontece nos intervalos das aulas e apenas entre os estudantes. Práticas como jogos de cartas de Yugi-Oh!, encontros de célula religiosa, jogos de truco e queimada são algumas das práticas. Para além dessas, a socialização dos estudantes, o que inclui as conversas de corredor e o namoro (que é proibido no contexto da escola, mas acaba acontecendo de forma transgressora) também acontece.

Assim, o lazer é, nesse contexto, entendido como as práticas e atividades, brincadeiras, jogos, ações, como andar pela escola, escutar música, movimentações, experiências e vivências que os alunos experienciam quando não estão em sala de aula (Malta, 2015, p.60). A pesquisa de Malta, nos evidencia que o lazer existe na escola, e que ele surge a partir do desejo dos estudantes. Usar o tempo do intervalo para correr, jogar queimada ou conversar no corredor é uma escolha dos estudantes. Para a escola, este é um tempo destinado para a merenda,

e me surpreende como em 15 minutos, os estudantes conseguem comer e ainda aproveitar o tempo para jogar ou conversar ou ler a bíblia. Entretanto, a instituição escolar parece ainda ter problemas para lidar com o lazer.

É muito comum que algumas escolas proíbam jogos de cartas, proíbam o relacionamento amoroso entre estudantes (mesmo sabendo que ele acontece de forma velada), e como é o caso de algumas, proíbam os estudantes de correr durante o intervalo, com a justificativa de que ficam suados demais ou que podem cair e se machucar. Por meio da dissertação de Malta, percebemos que o lazer na escola é algo organizado pelos estudantes para eles, sem participação de professores, merendeiras, bibliotecárias, supervisão ou qualquer outro trabalhador da escola.

Essa me parece uma questão cara, o lazer existe, mas de forma marginalizada. Não há envolvimento da comunidade como um todo. E quando existe alguma atividade festiva na escola que compõe um calendário escolar, que muitas vezes é padrão e enviado pela secretaria de educação, ela é pensada e organizada sem os estudantes, mesmo que seja direcionada a eles. Cito aqui uma fala da professora Patrícia Ramos, participante da pesquisa:

FALTA DIÁLOGO

E como já havia falado anteriormente, a escola anda tão sufocada com avaliações, prazos, metas que não tem tempo de ser escola. Como exigir que a escola pense nisso, com um tempo sufocado de demandas que ela precisa atender?

Considero, portanto, que construir uma escola outra, que nos possibilite uma formação crítica, que pense o lazer como uma prática que fortalece a sua comunidade e valoriza outras formas de aprendizagem e de ser-estar na escola, que consiga ser uma escola sensível pautada no encantamento e no fogo, é preciso escolha e tempo.

E somente com sujeitos engajados e com tempo disponível é que poderemos então começar a repensar e construir um espaço escolar outro. E para mim, o que fica dessa pesquisa, é que o lazer é uma via interessantíssima para esse movimento.

Abaixo tomei a liberdade, com base nas experiências vividas na Escola Estadual Prof.^a Daura de Carvalho Neto, de escrever algumas receitas que podem ocasionar inéditos viáveis a partir do lazer na escola.

Imagem 36. Receita 1 | Pão na Escola.

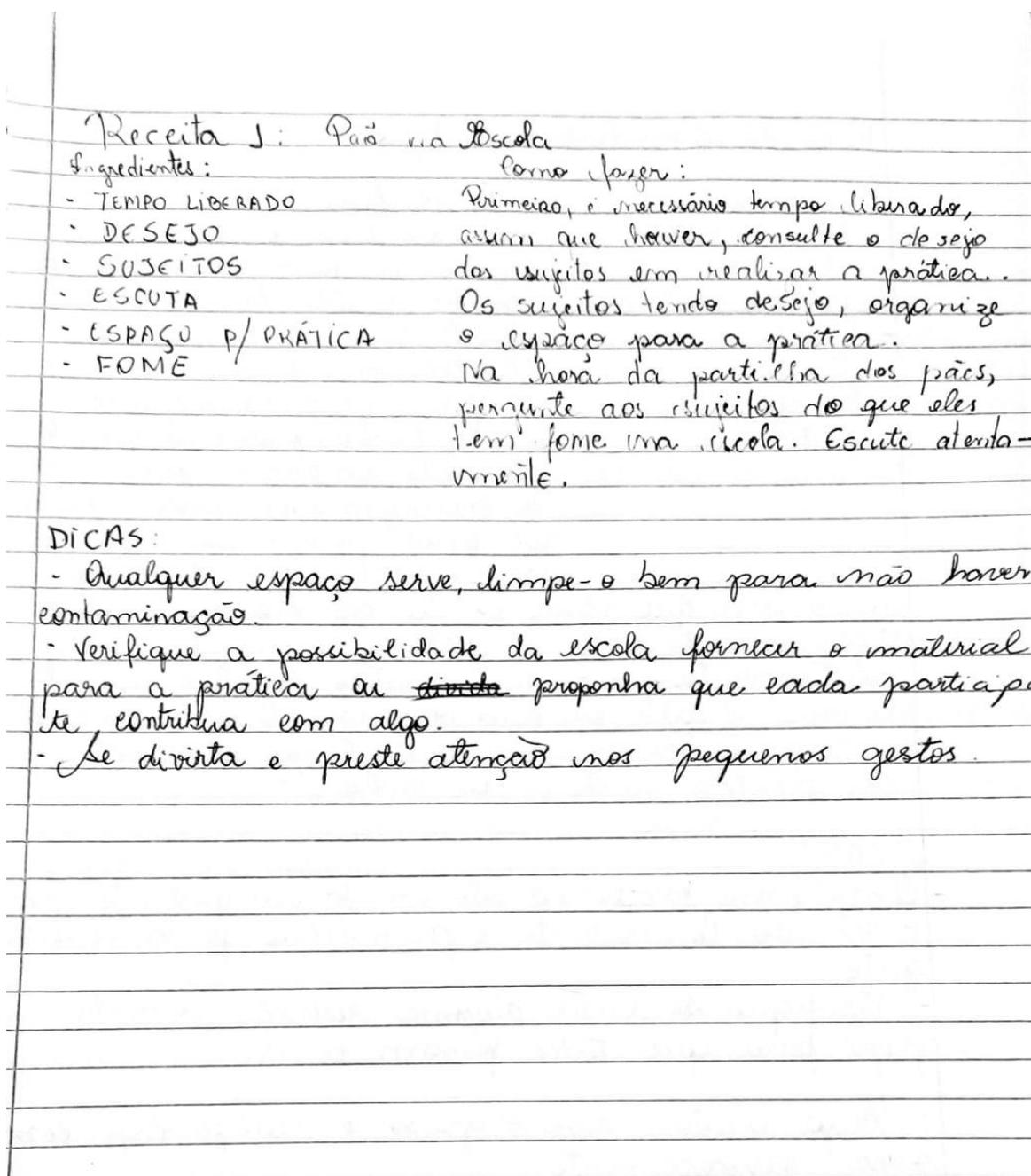


Imagem 38. Receita 2. Café com Prosa.

RECEITA 2: Café com Prosa

<p>Ingredientes</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tempo liberado - Atico - Café da contina - Revolta - Escuta - Espaço aberto - Afeto 	<p>Como fazer:</p> <p>Café com Prosa é uma receita simples que para acontecer precisa de tempo liberado e gente revoltada.</p> <p>Escolha com o grupo participante um espaço externo na escola (pátio, jardim, horta, etc.)</p> <p>É muito importante que o grupo se organize em roda, para que todos possam se ver.</p> <p>O atico é fundamental no início para que nasça a faísca, alguém precisa aticar. Oriente o grupo para que mantenham a escuta aberta para que o atico aconteça com todos ou como aticador ou com aticador. O afeto coroa esse café, lembre ao grupo disso. O que a revolta nos possibilita construir ou destruir?</p>
---	---

DICAS:

- O café e um lanchinho são muito importantes para o vínculo. Comer junto é primordial para conversar junto.
- Verifique se existe alguma restrição alimentar no grupo para que todos possam comer.
- Eleja questões com o grupo e realize café com prosa periodicamente.

Imagem 39. Receita 3 | O Pão que o Diabo Amassou.

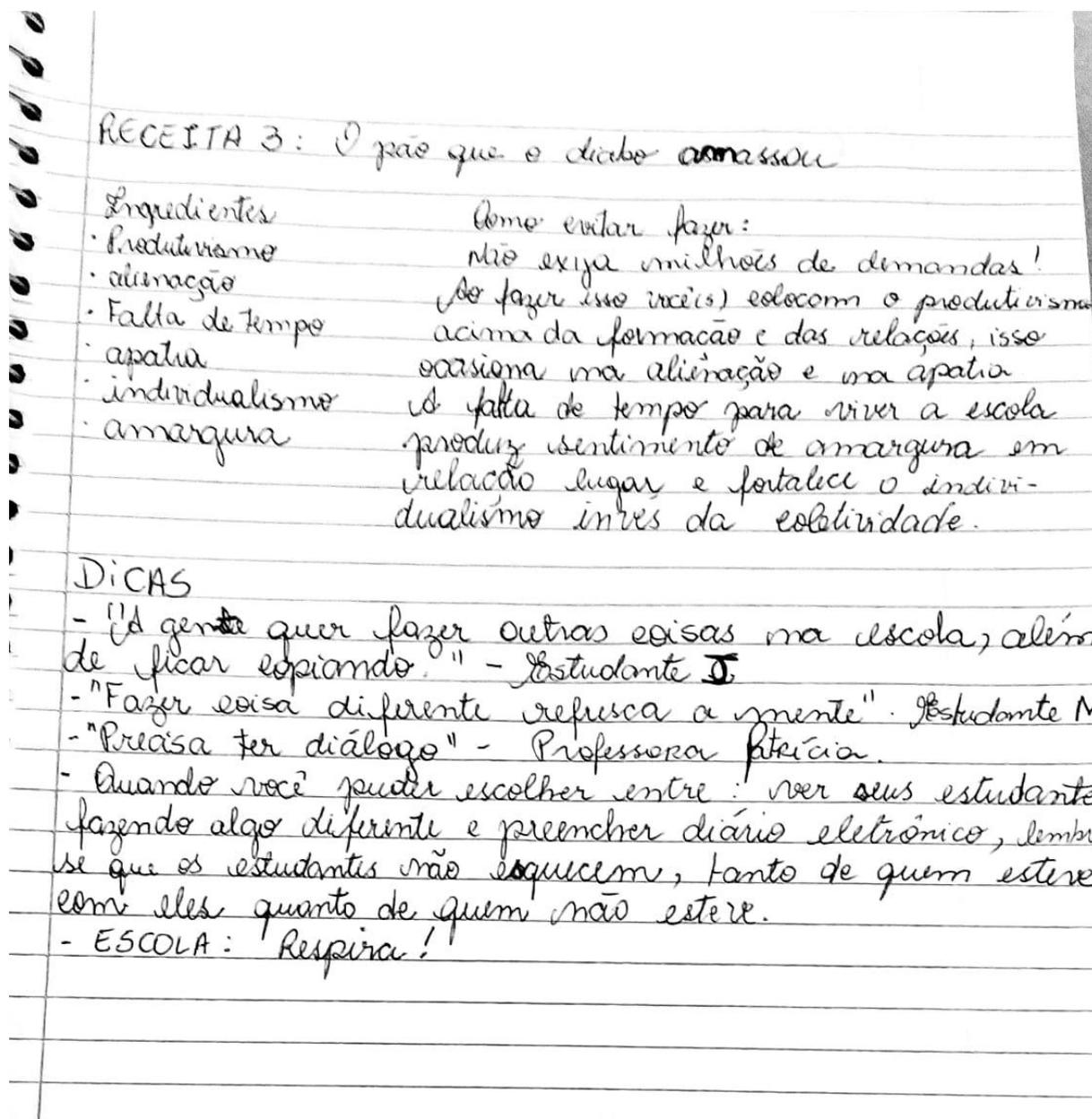
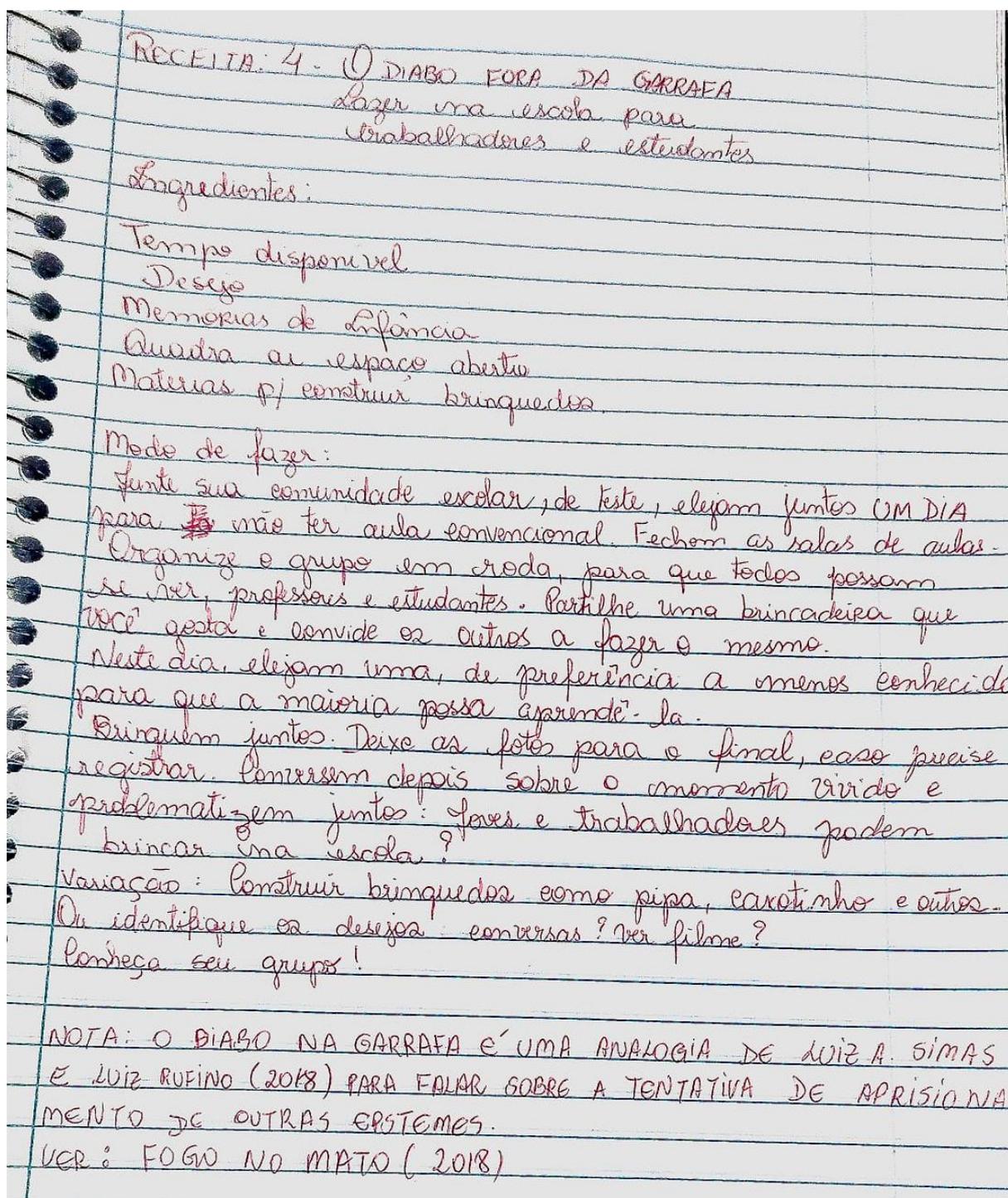


Imagem 40. Receita 4 | O Diabo fora da garrafa.



Fonte: Arquivo Pessoal. Autoria: Ana Paula Pena. 2023.

INCERTEZAS FINAIS

Me atijo, me lanço
piso em nuvens
piso em falso
na verdade posta sobre o chão da escola.
Entendi que faço teatro porque gosto de cozinhar.
E só cozinho porque gosto de teatro.
E resolvi ser professora porque acho
que comida e teatro têm tudo a ver com escola.
Nesse mundaréu me inundeí de questões.
E no fim das contas, sou a composição das perguntas que faço.
Das lanças que mando pro mundo.
Dos atijos que me incendeiam.

Lancei - me ao atijo nessa pesquisa, percorri territórios e práticas nunca antes experimentadas por mim e pelos sujeitos que compuseram essa pesquisa comigo. Tentei, ao máximo, ser fiel ao relato que apresento no início desta dissertação. Busquei realizar uma pesquisa que questionasse a lógica do produtivismo oferecendo possibilidades outras de se relacionar com a educação. A experiência foi inédita para mim e para os sujeitos do território escolar. Reconhecer o atijo nessa pesquisa, me possibilitou, o árduo trabalho de ver e rever da prática da docência e das relações com a comunidade escolar. Percebo que o trabalho da escola sempre será desafiador e pesado, entretanto, repetir os padrões, fazer o que se espera, é um lugar de conforto e de segurança. Mas, é preciso se encruzilhar, se colocar no lugar da dúvida, de questionar, ver e rever, e isso não é fácil. Fazer isso, na lógica que existe hoje, não é fácil, para encruzilhar-se é preciso coletivizar-se, para então, começamos a perguntar e não apenas repetir o padrão.

Para a artista e professora Giselle Beiguelman²⁶ (2023) precisa-se com urgência retomar o exercício de perguntar. Aprender a fazer perguntas é essencial para construção dos conhecimentos. Ainda para ela, as ferramentas de inteligência artificial têm minado pouco a pouco a nossa capacidade de fazer perguntas. Mas, a responsabilidade não pode ser atribuída apenas às I.As., desde a escola somos treinados para dar respostas. E o professor é a figura que diz se essa resposta está certa ou não. Passamos por vestibulares, concursos, provas e mais provas para dar a resposta certa. Com a invenção das ferramentas de busca, dar a resposta se

²⁶ Masterclass realizado na 18ª Mostra de Cinema de Ouro Preto - CINEOP.

tornou ainda mais fácil e sua aquisição é instantânea.

Perde-se aqui o processo de investigar, se faz pergunta porque se quer saber, e a partir do que eu vivo investigando isso, que dúvidas isso me gera e me motiva a uma nova pesquisa? É muito necessário que exercitemos cada vez mais o perguntar. Se a resposta é algo que acalma, tranquiliza, aquieta ou até mesmo conforma. A pergunta inquieta, desequilibra e atíça. Nesse sentido, produzimos, provavelmente, mais dúvidas do que certezas. Algumas dessas certezas, já nos eram postas mesmo antes do início do trabalho e motivou a sua realização: Precisamos rever como vivemos e construímos o território escolar.

Assim, a realização desta pesquisa na Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto nos possibilitou viver a escola de uma forma outra, que valorizasse a experiência. Uma oficina de pão pode ser um instrumento para ensinar porcentagem, gênero textual de receitas ou até mesmo o processo químico que ocorre na fermentação. Mas uma oficina de pão não precisa ser um instrumento de ensino para acontecer na escola, ela por si só, possibilita inúmeras aprendizagens e nos possibilita experienciar a escola de forma coletiva, que mobiliza saberes e sabores, abraça e valoriza aquilo de mais cotidiano que nós realizamos, o ritual do comer e do partilhar.

Uma oficina de pão nos fez refletir sobre a forma como lidamos com os outros.

No relato do quinto encontro, quando nos deparamos com *O comer sozinho e o comer em partilha* e percebemos como alguns pensamentos difundidos pelo neoliberalismo estão presentes no contexto familiar das pessoas. E como, de alguma forma, por mais impossível que pareça, algumas famílias ainda têm tempo de comerem juntas e outras de fazerem pão juntas. A grande resistência do partilhar que aparece em vários encontros, nos faz perceber que a noção que se tem hoje, nessa juventude, é que partilhar significa perder algo, partilhar significa despossuir algo para dar de graça ao outro sem que ele me ofereça nada em troca, assim fica-se em desvantagem. O que tentamos provocar nessas oficinas é que a partilha é um ganho, dividir o pão com o outro é ganhá-lo como companhia, mesmo que temporária, e contribui, de alguma forma para que a gente reflita como lidamos com outro. Invés de desconfiar por receber algo de forma gratuita, agradecer e replicar a prática.

Fazer uma oficina de pão na escola, possibilitou ter tempo para descobrir as texturas de uma massa de mão, sentir a gatura dos líquidos se misturando com os secos, sentir o cheiro da canela e ficar com aquele frio na barriga esperando para saber se vai dar certo. Basicamente, foi um risco que corremos, juntas e juntos. O pão não dependia apenas de nossas mãos e do nosso desejo, mas de um forno, da temperatura ambiente e de outros fatores que fugiam do nosso controle. Viver isso é entender que, diferente da lógica que se difunde por aí

que nós somos responsáveis pelos nossos fracassos e nossos sucessos, é que nem tudo está ao nosso controle.

A escola precisa deixar de ser responsabilizada por todos os fracassos que ocorrem dentro dela, porque nem tudo está sob controle dela. E essa mesma escola precisa entender também que não é uma empresa que precisa emitir relatório de prestação de contas ao fim do mês, com suas perdas e ganhos. A escola é mais que isso, mas para assumir e poder ser mais que isso, precisa encontrar forças em si mesmo e em seus sujeitos para caminhar nessa encruzilhada. O que posso afirmar sobre isso é que: Uma oficina de pão é só uma oficina de pão, mas nunca é apenas uma oficina de pão. A oficina de pão é uma pedrinha miudinha. E é a miudinha que nos alumeia.

Não posso deixar de citar aqui, a nossa última oficina de pães que contaria com convidados que não estiveram presentes.

Muito se falou no primeiro encontro com os docentes da escola sobre o desinteresse dos estudantes em outras práticas, muito se criticou os estudantes pelo seu desleixo com as práticas escolares, até mesmo com as menos convencionais, como a horta.

Entretanto, quando os estudantes se disponibilizaram a viver uma experiência outra, e convidaram, mesmo que com certa resistência, alguns membros trabalhadores da escola para participarem da partilha com eles e esses trabalhadores, acumulados de demandas de trabalho, não vão e isso não surpreende e decepciona os estudantes, precisamos nos perguntar: O que exatamente a escola quer de seus estudantes? O que exatamente a escola quer sendo escola? Será que todas aquelas orientações colocadas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), nas Diretrizes Nacional para a Educação Básica (BRASIL, 2002) podem de fato se concretizar na escola? Será possível desenvolver autonomia dos estudantes, pensamento crítico e inventivo quando parece que se quer que apenas obedeçam e fiquem em silêncio?

De forma alguma, esses meus questionamentos à escola tem o objetivo de descredibilizá-la. Pelo contrário, quando nos perguntamos isso e vamos nos debruçar sobre a realidade dos profissionais da educação básica percebemos como o descaso e a desvalorização dos profissionais da educação acabam ocasionando nesses comportamentos.

Se as secretarias de educação exigem metas, cumprimento de calendário, boas notas em avaliações externas e não abrem sequer uma brecha para que a escola insira nesse calendário seus próprios desejos, então, podemos afirmar que os órgãos que escrevem documentos orientadores são os mesmos que acabam de alguma forma impossibilitam a concretização de uma série de ações que estabeleceram. Percebi que é preciso compreender a questão como um rizoma, com o olhar ampliado e não buscar relações de causa e consequência e muito menos,

eleger um ou dois culpados. Apesar da pouca participação de outros sujeitos trabalhadores da escola na pesquisa, por seus motivos pessoais, de alguma forma, a escola abraçou a realização dessa pesquisa. Acolhendo-a e disponibilizando tempo e infraestrutura para que ela ocorresse em seus territórios.

A disponibilidade integral da professora Patrícia Ramos que foi colaboradora nesse trabalho, que disponibilizou não apenas o tempo de suas aulas, mas tempo para organizar junto os encontros e sua reflexão dessa prática, me faz pensar que existem muitos professores e muitas professoras com desejos a serem colocados em prática, mas que lhes falta espaço e tempo dentro da atual dinâmica escolar.

O engajamento dos estudantes do 9º ano nas práticas e seu desejo de continuidade das oficinas fazendo bolos biscoitos e outras práticas como a gincana citada pelo estudante Jean, nos possibilita refletir que impor uma prática, ainda que diferente, sem levar em consideração os anseios e os desejos da juventude, é caminhar em direção a uma prática frustrante. Para reconhecer a voz dos jovens e sua autonomia, aguçar seu engajamento e participação é preciso de fato querer deixar de ter controle sobre eles. E convidá-los a partilhar de uma responsabilidade que muitas vezes, a professora ou o professor carregam sozinhos.

Por fim, a realização dessa pesquisa-ação que deixou rastros na escola, me levou como pesquisadora, a muitas incertezas. Como continuar a prática? Como torná-la cotidiana e não esporádica? Será que um dia toda a escola poderá viver uma experiência dessas de forma conjunta? O que será que aconteceria se a escola defendesse esse tipo de postura e desafiasse as metas impostas? Quais seriam as consequências? Como de fato viver a escola a partir de outras epistemologias que não essa tradicional, estando a escola ligada a todo um sistema tradicional?

Apesar das incertezas, certamente, a realização da pesquisa, me levou também a inúmeras esperanças. Encontrar a Patrícia me fez ter esperança de que os que são das encruzilhadas estão por aí, tentando desviar dos caminhos retos, ainda que sozinhos. Poder fazer pão na escola, algo que eu trago de casa, como falo no início da dissertação, me faz ter esperança de que de alguma forma, outros membros da comunidade escolar possam trazer seus saberes, seus sabores, suas identidades para a escola. Como Conceição Evaristo disse, o importante não é ser o primeiro ou a primeira, mas abrir caminhos. Minha esperança é que outros professores e professoras ao lerem essa dissertação possam riscar o isqueiro e se incendiar com o fogo que é primordial para a prática educativa. Sobre o fogo e as esperanças, os grandes mestres Milton Nascimento e Fernando Brant, descrevem com beleza, essa força interior, esse fogo ou para ele, esse menino:

Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão
Há um passado no meu presente
O sol bem quente lá no meu quintal
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor
Pois não posso, não devo
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver
Não posso aceitar sossegado
Qualquer sacanagem ser coisa normal
Bola de meia
Bola de gude
Um solidário não quer solidão
Toda vez que a tristeza me alcança um menino me dá a mão

Em meio a essas incertezas e essas esperanças, visualizo como possíveis desdobramentos dessa pesquisa o aprofundamento de estudos e investigações da relação Lazer-Escola por meio do reconhecimento de outras pedrinhas miudinhas, outras práticas, que não restam dúvidas que existem e estão por aí, de alguma forma alumando seu território. Além disso, parece-me urgente a investigação das possibilidades das práticas de lazer na escola como práticas que fazem resistência ao projeto de destruição implantado pelo colonialismo e pelo neoliberalismo, que cada vez mais utilizam a escola como um instrumento para formação de mão de obra barata, de jovens sem pensamento crítico e sem sonhos.

Parece-me que de inúmeras tentativas realizadas pelos profissionais da educação de transformar a escola em um espaço desejado (tanto pelos estudantes quanto pelos trabalhadores), um espaço que possa de fato cumprir com sua função social para além do cumprimento de metas e expectativas de órgãos superiores, em meio a tantas incertezas, eu apostaria em um caminho pela via do lazer, da arte e da sensibilidade. Em meio a tantas e tantas possibilidades, aposto no pão. Em uma escola faminta em alimentar os sonhos e as potências

de seus professores e estudantes. Professores que no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e fora dela, corroborem para que seus estudantes possam identificar do que eles têm fome e o que pode saciá-los. E nesse sentido, tudo pode começar com uma pergunta:

Do que é que temos fome hoje?

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Maria M., **ÓCIO, TEMPORALIDADE E EXISTÊNCIA: uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas**. Revista Lusófona De Estudos Culturais.Vol. 1, n.2, pp.173-182, 2013.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. [online], 2002.
- BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- CANDAU, Vera Maria. **Oficinas aprendendo e ensinando direitos humanos**. Rio de Janeiro: Novameria/PUC-Rio, 1999. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/veracandau/candau_edh_proposta_trabalho.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2022.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo César. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de outro mundo**. Revista Jóvenes del Centro de Investigaciones y Estudios sobre Juventud. México: CIEJUVIMJ, 2003.
- DEBORTOLI, José. **Linguagem: marca da presença humana no mundo**. In: CARVALHO, A. et al. (Org.). Desenvolvimento e aprendizagem. Belo Horizonte: Editora UFMG/PROEX-UFMG, 2002. p.73-76.
- EMICIDA. Emicida – **AmarElo (álbum completo)**. YouTube, 2019. Disponível em https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6y12lRXdSfuxMt-s Acesso em: 01 de março de 2022.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GOMES, Christianne Luce. **Lazer: Necessidade Humana e Dimensão da Cultura**. In: Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.
- GOMES, C.L.; AMARAL, M.T. **Estudos Avançados do Lazer: Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Lazer**. Brasília: SESI/DN, 2005.
- GOULART, Maria Inês Mafra. **A exploração do mundo físico pela criança: participação e aprendizagem**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais. p.272. 2005.
- JACOB, Heinrich Eduard. **Seis Mil Anos de Pão – A civilização Humana através de seu Principal Alimento**. Nova Alexandria, 2003.
- JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1993.

KRAMER, Sonia, LEITE, Maria Isabel (orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998a.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I - O cru e o cozido**, tr. Beatriz Perrone Moisés, R.J.: Cosac e Naify, 2004.

MALTA, Mariana S. F., **O lazer, os jovens e a escola: territórios, acontecimentos e conhecimentos no cotidiano de uma escola pública, de ensino fundamental, no município de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, 90f. 2015.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas. Autores Associados. 2006.

_____. **Lazer e educação**. Papirus editora, 1998.

MELO, Mylena. **Da política ao prato: Entenda a história da merenda escolar**. Disponível em: <https://ojoioetrigo.com.br/2021/02/da-politica-ao-prato-entenda-a-historia-da-merenda-escolar/> Acesso em: 23 de Maio de 2021.

MELO, Victor Andrade de. **Arte e lazer: desafios para romper o abismo**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). *Lazer e cultura*. Campinas: Alínea, 2007, p.65-87.

NASCIMENTO, Milton. *Bola de meia, bola de gude*. CBS Records: 1989.

PALMIERI Júnior, Valter. **A gourmetização em uma sociedade desigual: um estudo sobre a diferenciação no consumo de alimentos industrializados no Brasil**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade de Campinas. Campinas, p. 185. 2017.

PIMENTA, Gregório Hernández. **ENTRE ARTE E LAZER: deslocando sentidos e experiências através da performance**. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p 85. 2013.

SANTOS, Lúcia Amparo da Silva. **O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. ALCIDES, Sérgio [tradução]. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato. A ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMMEL, Georg. **Sociologia da refeição**. *Estudos Históricos*, v. 33, p. 159-166, 2004.

TAVARES, Ulisses. **Viva a poesia viva** – São Paulo: Saraiva, 1997

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

VALENTE, Flávio Luiz Schieck. **Direito humano à alimentação: desafios e conquistas**. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Pão que a gente compartilha: Experiências significativas e encantadas no território escolar

Responsável pela pesquisa: Ana Paula da Silva Pena

Número do CAAE: 64646422.4.0000.5149

Você está sendo convidada(o) a participar como voluntária(o) de uma pesquisa sobre que englobam a arte, a alimentação e o lazer no território escolar.

Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e deveres como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houverem perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Entendemos como importante investigar como a relação entre alimentação e arte como práticas de lazer, podem transformar o espaço escolar e a forma como lidamos com o consumo de alimentos ultraprocessados. O grupo participante poderá desenvolver a chamada autonomia, que possibilita exercitar a reflexão sobre a prática, a criação e a transformação dos hábitos. Portanto, para que essa pesquisa consiga alcançar uma reflexão acerca de como as experiências artísticas e de lazer podem interferir nos processos de construção do espaço escolar, é necessário proporcionar experiências outras, que não a de abrir o pacote de biscoito recheado. Mas de provocar cada participante (professor, estudante, merendeiro) a compreender outras possibilidades de vivências são possíveis na escola, a partir do momento que mobilizar outra forma de ser e estar no mundo.

O objetivo principal dessa pesquisa é a partir as atividades propostas, problematizar o espaço escolar como campo de experiências interessantes para aqueles que frequentam este espaço.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a:

- Participar de lanches coletivos e rodas de conversa sobre a escola e a sua relação com ela;
- Participar de oficinas de criação de pães e outras receitas e refletir sobre essas oficinas no espaço escolar;

- Participar da realização de registro em áudio, vídeo e fotografia das oficinas e das rodas de conversa;
- Participar de reflexões sobre o espaço da escola e sua experiência nele.

Observações:

Estão sendo propostos cinco encontros presenciais com duração de 3h cada um.

Os encontros serão realizados no período inverso ao das aulas. Ou seja, se o turno escolar for matutino, os encontros serão vespertinos ou aos fins de semana conforme for acordado com a escola.

Desconfortos e riscos:

É importante informar a pesquisadora no primeiro encontro se possui alguma restrição alimentar, alergia a algum ingrediente como farinha, leite, açúcar, entre outros, ou se possui alguma condição de saúde que impossibilite o consumo de algum alimento como pressão alta, diabetes, entre outras. Dessa forma, poderemos incluir receitas que não incluam estes ingredientes para que você possa participar.

Pode ser que seja desconfortável em alguns momentos das rodas de conversa caso surjam temáticas ou assuntos que toquem em memórias ou traumas alimentares, como situações de faltas de alimento, que talvez te entristeça naquele momento e você não queira se lembrar. Neste momento, você pode, se desejar, informar a pesquisadora e/ou ao grupo que não gostaria de prosseguir neste assunto sem precisar explicar os motivos se não quiser. Caso deseje você pode conversar com alguma referência familiar ou da escola ou com a própria pesquisadora em outro momento sobre o assunto.

As oficinas de criação também farão uso do forno e do fogão da escola. Para retirar as assadeiras do forno e panelas do fogão é obrigatório, para a sua proteção, o uso de luvas antitérmicas e muita atenção na manipulação de assadeiras e panelas. Em caso de queimaduras, você será encaminhado a Unidade de Pronto Atendimento mais próxima. Caso você venha a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você tem direito à indenização, por parte da pesquisadora, do patrocinador e das instituições envolvidas na pesquisa.

Benefícios:

Ao participar desta pesquisa, você estará convidado a participar de atividades lúdicas que possibilitarão que você use ao máximo seu potencial criativo e reflita sobre a escola e como você se estabelece nela e porquê.

Além disso, essa pesquisa também te possibilitará um amplo espaço de fala e de escuta sobre suas vivências na escola e nas atividades propostas.

Sigilo e privacidade de dados:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado caso seja do seu desejo, além disso, você poderá escolher como será chamado no texto.

Custo/ Reembolso para o participante:

Caso utilize algum transporte para chegar à escola, precisará arcar com ele. Você também terá o custo com os lanches compartilhados, todas e todos serão orientados a produzirem lanches de baixo custo com o que já se tem em casa, de preferência.

Garantias ao participante:

A qualquer momento você poderá ter acesso às informações sobre a pesquisa, seus procedimentos, riscos e benefícios, inclusive tirar dúvidas pelos telefones/endereços abaixo citados. A participação é voluntária, e você poderá retirar o consentimento a qualquer momento e, portanto, pode deixar de participar do estudo, sem acarretar prejuízos. Os resultados desta pesquisa serão publicados em uma dissertação de mestrado e serão apresentados possivelmente em eventos científicos.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com o professor José Alfredo Debortoli pelo e-mail dbortoli@eefito.ufmg.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação no estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMG, cujo endereço é Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte – MG.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, RG: _____, declaro que li as informações contidas neste documento, fui devidamente informado(a) pelo(a) pesquisador(a) _____ CPF: _____ sobre os procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa e garantias do participante. Declaro ainda que recebi uma via deste Termo de Consentimento.

Antônio Pereira, ____/____/____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do responsável)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL MENORES DE IDADE

Eu,

_____, portador (a) do documento de identidade nº _____, responsável legal pelo (a) jovem _____, portador (a) do documento de identidade nº _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem

como de estar ciente da necessidade do uso de imagens e/ou depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Ana Paula da Silva Pena, do projeto de pesquisa intitulado “O Pão que a gente compartilha: Experiências significativas e encantadas no território escolar.” a realizar as fotos e/ou vídeos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos do menor acima citado sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, LIBERO a utilização destas fotos e/ou vídeos (seus respectivos negativos ou cópias) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados. Fica ainda AUTORIZADA, de livre e espontânea vontade, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e depoimentos do (a) menor supracitado (a), não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

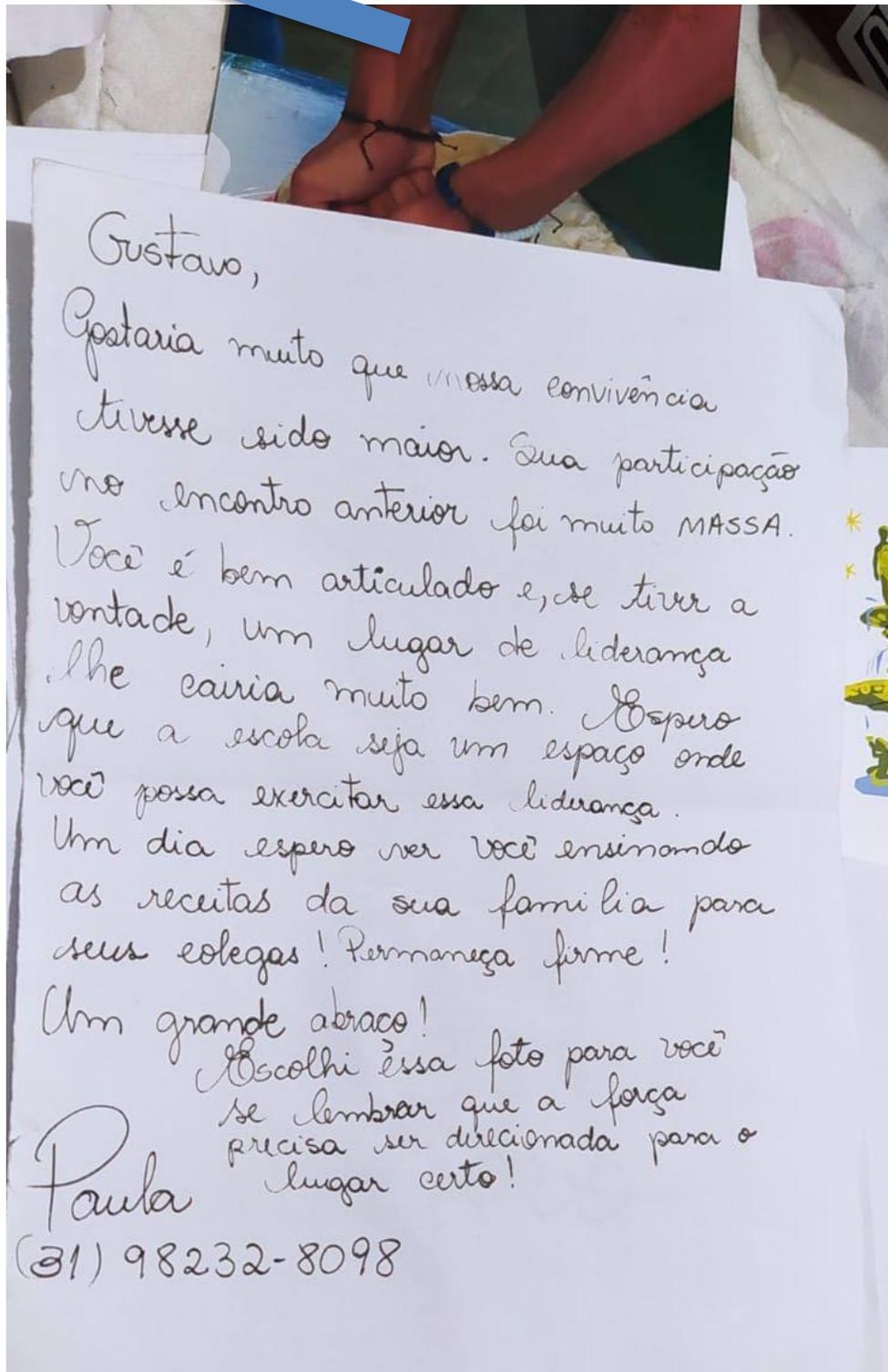
Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: / /

(Assinatura do pesquisador)

CARTAS PARA O GRUPO PARTICIPANTE DA PESQUISA



(Sentimos muito sua falta na nossa
 partilha no último encontro. Nunca
 vou esquecer da tendência de moda
 gastronômica que você criou:
Aluca sobre o boné.

Espero que esse jeito criativo e
 único te acompanhe e te proteja em
 sua caminhada. Que a escola
 possa ser o espaço para você praticar
 a criatividade. Mas não se esqueça
 que é um jogo, certo? Jogos tem comba-
 dos, regras, que são necessárias para que
 as coisas continuem existindo.
 Lembre-se de valorizar, com todas as forças
 sua voz. Depois de um tempo, você vai
 descobrir o porquê.

Um grande abraço!

Paula (31)98232-8098

Kayo,

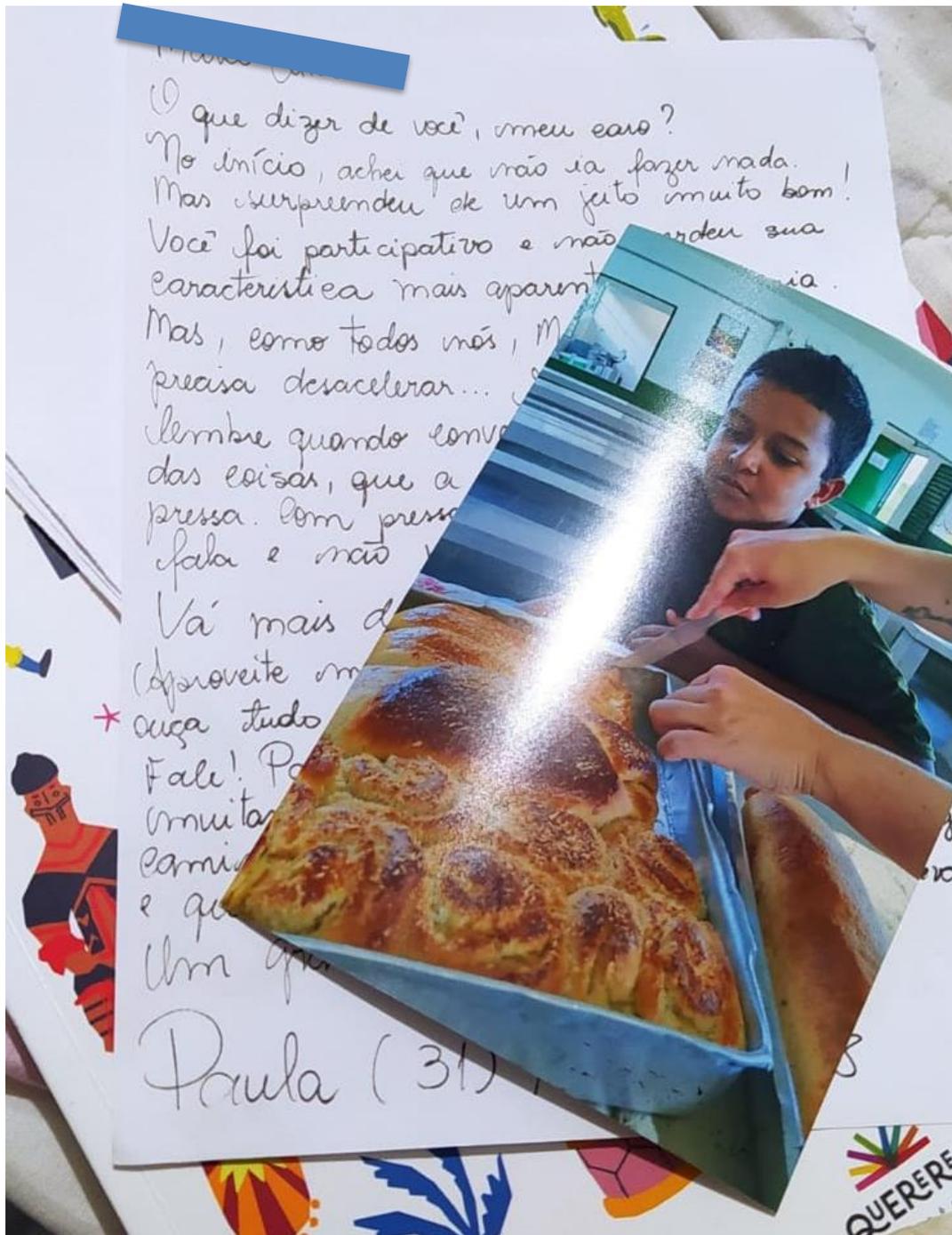
No nosso primeiro encontro você me pareceu verdadeiramente empolgado com o projeto. De certa forma, isso me deu confiança para continuar os encontros.

Apesar de não falar muito, as falas pontuais sempre contribuíram para as nossas conversas, e mesmo sendo mais reservado, suas atitudes revelam o engajamento que você tem com as coisas que quer fazer. Eu desejo que na sua trajetória você tenha muitas oportunidades de mostrar ao mundo quem é o Kayo. Esse garoto tão comprometido e empolgado.

Espero que você faça muitos pais em família e entre amigos. É claro, na escola.

Um grande abraço.

Paula (31) 98232-8098



que dizer de você, meu caro?

No início, achei que não ia fazer nada.
Mas surpreendeu de um jeito muito bom!
Você foi participativo e não perdeu sua
característica mais aparente: a alegria.
Mas, como todos nós, Marco, você também
precisa desacelerar... Espero que você se
lembre quando conversamos sobre o tempo
das coisas, que a gente anda com muita
pressa. Com pressa a gente não ouve, não
fala e não vê.

Vai mais devagar!

Aproveite muito essa aula de Projeto de Vida,
ouça tudo que a professora tem a lhe dizer.
* Fale! Participe! Animo, você vai perceber
muitas coisas novas. Desejo que no seu
caminho você possa ser sempre alegre
e que descubra coisas fantásticas, devagar.
Um grande abraço!

Paula (31) 982328098

Geom,

Eu gostaria muito que você tivesse participado do nosso primeiro encontro. Talvez, no segundo, eu ficasse com menos medo de algo dar errado. No começo, eu não botei fé em você não, fazendo flexão... logo no começo... pensei: "Se ele aí não vai querer participar." O que bom que eu estava completamente errada a seu respeito.

Você não só participou, como propôs várias outras possibilidades de fazer algo diferente na escola. E nada poderia ter me dado mais esperança do que ver você propondo outras coisas. Não se esqueça que por mais que você treine e seja forte, a gente precisa do outro. Pra tudo na vida. Fazer junto, compartilhar os desafios para também compartilhar as alegrias. Você não é representante de classe atoa. Se aproprie desse lugar para realizar suas propostas! Mas lembre-se: Tudo é negociação! E a gente também precisa ceder, faz parte!

Eu tenho a impressão que ainda vou ouvir falar muito de você! Espero que seus sonhos sejam gigantes, exatamente do tamanho do seu engajamento nesse projeto!

Paula (31) 98232-8098

Um abraço grande




 [redacted]

No nosso primeiro encontro eu tive dúvidas sobre a sua participação no projeto. Fiquei com medo que apenas os meninos quisessem participar. Mas no segundo encontro, eu conheci de fato, a Talita. Super ativa e envolvida, seja com a prática, eu mas conversas.



 [redacted]

Você não tem medo de colocar a mão na massa, faça primeira do grupo. E eu espero que a coragem nunca te abandone! Você tem uma presença muito forte e eu te garanto que muitos espaços precisam de pessoas com coragem, com garra e sinceras. Que você tenha muita coragem para se lançar no mundo e alcançar muitos sonhos. Não se esqueça das parcerias importantes para esses momentos.



 E lembre-se: Todo lugar está povoado por mulheres incríveis. Reconheça-as, apoie-se nelas e seja você também um apoio. Te desejo realizações gigantes, assim como foi sua participação nesse projeto!

Um grande abraço.



 Paula (31) 982328098

